



Célia Regina Rodrigues Gusmão

**“Seu insensível!”, “Nossa, meu anjo...”:
descrição de possessivos sem valor de posse,
em estruturas vocativas, não previstos em
manuais de ensino de PL2E**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Rosa Marina de Brito Meyer
Co-Orientador: Prof. Ricardo Borges Alencar

Rio de Janeiro
Agosto de 2013



Célia Regina Rodrigues Gusmão

**“Seu insensível!”, “Nossa, meu anjo...”:
descrição de possessivos sem valor de posse,
em estruturas vocativas, não previstos em
manuais de ensino de PL2E**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da
PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora
abaixo assinada.

Profa. Rosa Marina de Brito Meyer
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Ricardo Borges Alencar
Co-Orientador
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. André Crim Valente
UERJ

Profa. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 05 de agosto de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e dos orientadores.

Célia Regina Rodrigues Gusmão

Graduou-se em e licenciou-se em Letras - português e espanhol pela UERJ (2001). Especializou-se em Língua Espanhola Instrumental para Leitura também pela UERJ (2004). Foi professora de Português para Estrangeiros do Instituto Militar de Engenharia (IME) de 2010 a 2012. Foi professora de espanhol do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) em 2009 e da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), de 2006 a 2008. Foi professora concursada da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro (SME), de outubro de 2001 a Janeiro de 2005, entre outros.

Ficha Catalográfica

Gusmão, Célia Regina Rodrigues

“Seu insensível!”, “Nossa, meu anjo...” : descrição de possessivos sem valor de posse, em estruturas vocativas, não previstos em manuais de ensino de PL2E / Célia Regina Rodrigues Gusmão ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer ; co-orientador: Ricardo Borges Alencar. – 2013.

145 f. : il. (color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2013.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Português para estrangeiros. 3. Pronomes possessivos sem valor de posse. 4. Vocativo. 5. Expressões formulaicas. 6. Tiras cômicas. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Alencar, Ricardo Borges. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

A Deus, pela minha determinação e força em busca de evolução.

A meus pais e irmãos, pela educação que me deram e por terem moldado quem sou hoje.

A meu marido, pelo companheirismo, amizade e paciência demonstrados em simples gestos nos momentos em que mais necessitei para a realização deste estudo.

A meus filhos, Henrique (*in memoriam*), por quem, na busca por aplacar a dor e o vazio causados pela sua perda, comecei os estudos que resultaram neste trabalho, e Manuela, alegria da minha vida, por quem busco ser uma pessoa melhor a cada dia.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A meus orientadores, Rosa Marina de Brito Meyer e Ricardo Borges Alencar, pela paciência, pela sabedoria compartilhada e pelo incentivo para a transformação das ideias iniciais e incipientes em uma dissertação.

À Francisca, secretária da Pós-Graduação do Departamento de Letras, pela simpatia e enorme prestatividade em ajudar sempre que solicitada.

À amiga Célia Câmara de Araújo, por ter sido grande incentivadora e colaboradora para a concretização deste texto, não só na realização de questionários, ou no empréstimo de livros, mas, principalmente, pelas palavras amigas quando os problemas profissionais interferiram na minha concentração.

À amiga Flávia Huber Costa, por ter me substituído fisicamente na realização da impressão e da entrega dos exemplares desta dissertação à PUC e aos membros da Banca, de forma muito gentil e carinhosa.

A todos vocês, muito obrigada!

Resumo

Gusmão, Célia Regina Rodrigues; Meyer, Rosa Marina de Brito; Alencar, Ricardo Borges. **“Seu insensível!”, “Nossa, meu anjo...”: descrição de possessivos sem valor de posse, em estruturas vocativas, não previstos em manuais de ensino de PL2E**. Rio de Janeiro, 2013. 145 f. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudo tem por objetivo descrever quando se empregam possessivos sem valor de posse, em estruturas vocativas, tais como as formas destacadas entre aspas no título deste, a fim de verificar qual é a relação semântica existente em estruturas desse tipo. A revisão da Literatura está baseada em Neves (2000), Bechara (2006) e Cunha e Cintra (2008). A fundamentação teórica concentra-se nos conceitos de *face* (Goffman, 2011) e de *polidez* (Brown e Levinson, 1987), da Pragmática; de *casa* e de *rua* (DaMatta, 2004), da Antropologia Social e de *individualismo* e *coletivismo* (Hofstede, 1999), do Interculturalismo. A realização de um questionário com 34 informantes a fim de conhecer como falantes nativos de português brasileiro afirmam usar tais pronomes é o principal instrumento de pesquisa utilizado. As falas apresentadas em tiras cômicas do blog www.mulherde30.com, da cartunista Cibele Santos, compõem o corpus principal de análise. Os resultados apontam para a sistematização dos critérios de usos dos possessivos sem valor de posse em vocativos por meio de *expressões formulaicas* (Alencar, 2004), a fim de proporcionar subsídios ao professor de PL2E.

Palavras-chave

Português para estrangeiros; pronomes possessivos sem valor de posse; vocativo; expressões formulaicas; tiras cômicas.

Resumen

Gusmão, Célia Regina Rodrigues; Meyer, Rosa Marina de Brito (Orientadora); Alencar, Ricardo Borges. **“*Seu insensível!*”, “*Nossa, meu anjo...*”: descripción de posesivos sin valor de posesión, en estructuras vocativas, no previstos en manuales de enseñanza de PL2E.** Rio de Janeiro, 2013. 145 f. Tesis de Maestría – Departamento de Letras, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este estudio tiene por objetivo describir cuándo se emplean posesivos sin valor de posesión, en estructuras vocativas, tales como las formas destacadas entre comillas en su título, a fin de averiguar cuál es la relación semántica existente en estructuras de ese tipo. La revisión de la Literatura está basada en Neves (2000), Bechara (2006) y Cunha y Cintra (2008). La fundamentación teórica se concentra en los conceptos de *cara* (Goffman, 2011) y de *polidez* (Brown e Levinson, 1987), de la Pragmática; de *casa* y de *calle* (DaMatta, 2004), de la Antropología Social y de *individualismo* y *colectivismo* (Hofstede, 1999), del Interculturalismo. La realización de una encuesta con 34 informantes a fin de conocer como hablantes nativos de portugués brasileño afirman usar tales pronombres es la principal herramienta de investigación utilizada. Las hablas presentadas en las tiras cómicas del blog www.mulherde30.com, de la historietista Cibele Santos, componen el corpus principal de análisis. Los resultados apuntan para la sistematización de los criterios de usos de los posesivos sin valor de posesión en vocativos por medio de *expresiones formulaicas* (Alencar, 2004), a fin de proporcionarle subsidios al profesor de PL2E.

Palabras-clave

Portugués para extranjeros; pronombres posesivos sin valor de posesión; vocativo; expresiones formulaicas; tiras cómicas.

Sumário

1	Introdução	11
1.1	Breve contextualização	11
1.2	Objeto de estudo	12
1.3	Problema	12
1.4	Justificativa	13
1.5	Objetivos	14
1.6	Hipóteses	14
1.7	Organização do trabalho	15
2	Pressupostos teóricos	17
2.1	Revisão de literatura	17
2.1.1	Possessivos em dicionários	23
2.1.2	Possessivos em manuais de ensino de PL2E	25
2.2	Fundamentos teóricos	27
2.2.1	Contribuição de DaMatta e Hofstede	31
2.2.2	Contribuição de trabalhos anteriores	34
2.3	Coleta de corpus: o porquê dos quadrinhos	38
2.4	A autora das tiras cômicas e seu trabalho	41
2.5	O <i>facebook</i> e os autores dos comentários selecionados	43
3	Metodologia da pesquisa	45
3.1	Aspectos metodológicos e perfil dos informantes	45
3.2	Uso de alguns dos possessivos sem valor de posse por falantes nativos	47
4	Análise de material coletado	50
4.1	Uso de possessivos em contextos específicos	50
4.1.1	[<i>SEU/SUA</i> + ADJETIVO ou SUBSTANTIVO com conotação pejorativa] = ofensa, provocação ou ironia	51
4.1.2	[<i>SEU/SUA</i> + ADJETIVO ou SUBSTANTIVO no diminutivo] = forma carinhosa ou irônica	57
4.1.3	[<i>SEU/SUA</i> + ADJETIVO ou SUBSTANTIVO com conotação positiva] = forma carinhosa ou elogio	60
4.1.4	[<i>MEU/MINHA</i> + ADJETIVO ou SUBSTANTIVO no	

diminutivo] = forma respeitosa, afetiva ou irônica	66
4.1.5 “NOSSA”, “MINHA NOSSA”, “MINHA NOSSA SENHORA” E “MEU DEUS”: surpresa ou espanto?	76
5 Conclusão	82
6 Proposta para aula de PL2E	86
6.1 Atividade	87
Referências Bibliográficas	92
Anexo 1	97
Anexo 2	98
Anexo 3	99
Anexo 4	100
Anexo 5	101
Anexo 6	102
Anexo 7	103
Anexo 8	111
Anexo 9	112

Lista de figuras, gráficos e quadros

Figura 1 - Sabrina	42
Figura 2 - Vitória Cristina	42
Figura 3 - Isabela	42
Figura 4 - Nanda	43
Figura 5 - Gislaine	43
Figura 6 - Uso de <i>seu</i> + adjetivo com valor irônico	58
Figura 7 - Uso de <i>seu</i> + adjetivo com valor elogioso	60
Figura 8 - Exemplo de <i>Tweet</i> com vocativo “sua linda”	61
Figura 9 - Uso de <i>seus</i> + adjetivo com valor afetivo	62
Figura 10 - Uso de <i>sua</i> + adjetivo com valor afetivo	63
Figura 11 - Uso de <i>seu</i> + adjetivo com valor afetivo	63
Figura 12 - Uso de <i>suas</i> + adjetivo com valor afetivo	63
Figura 13 - Uso de <i>minha</i> + adjetivo com valor afetivo	72
Figura 14 - Uso de <i>meu</i> + substantivo com valor afetivo	74
Figura 15 - Uso de <i>meu</i> + substantivo com valor afetivo	74
Figura 16 - Tratamento íntimo com santo	
Gráfico 1 - Sexo	46
Gráfico 2 - Faixa etária	46
Gráfico 3 - Formação acadêmica	47
Gráfico 4 - Forma com maior carga pejorativa	48
Gráfico 5 - Forma com maior carga afetiva	48
Gráfico 6 - Vocativos mais empregados	49
Quadro 1 - Valores de possessivos em vocativos	22
Quadro 2 - Tipos de vocativos com ‘seu(s)’/‘sua(s)’	64
Quadro 3 - Outros exemplos de vocativos com ‘seu/sua’	64
Quadro 4 - Tipos de vocativos com ‘meu(s)/minha(s)’	73
Quadro 5 - Outros exemplos de vocativos com ‘meu(s)/minha(s)’	73
Quadro 6 - Ocorrências de vocativos nas tiras	75
Quadro 7 - Ocorrências de vocativos nas figuras	76
Quadro 8 - Variação de intensidade no uso de interjeições	79
Quadro 9 - Interjeições e locuções de espanto e surpresa	81

A língua é, em última análise, uma parte da cultura e pertence teoricamente à antropologia. O seu estudo esclarece muitos problemas antropológicos, e o mesmo se pode dizer da antropologia para problemas linguísticos.
Joaquim Mattoso Câmara Jr.¹

¹ Revista da Língua Portuguesa. Editora Segmento. Ano 8, nº 90, 2013. p. 11.

1

Introdução

1.1

Breve contextualização

Com a maior visibilidade do Brasil no cenário internacional, houve um aumento na procura de cursos de português para estrangeiros, seja por motivos profissionais ou pessoais. No entanto, os materiais para ensino de PL2E² existentes no mercado ainda não dão conta de muitas das necessidades básicas de aprendizagem desses falantes não nativos acerca do universo linguístico da língua portuguesa falada no Brasil. Um exemplo dessa carência está no fato da descrição gramatical da maioria das Gramáticas Tradicionais e dos manuais de português para estrangeiros não abordar a ampla variedade de usos de possessivos sem valor de posse presentes em estruturas vocativas, objeto de estudo deste trabalho.

O aluno de PL2E que observe o seu entorno linguístico, seguramente, terá dúvidas a respeito da língua portuguesa que jamais serão sequer pensadas por um falante nativo. Pode, por exemplo, perguntar-se: (1) ao ouvir o nome do cantor brasileiro de Música Popular Brasileira, por que o estão chamando de Seu³ Jorge, o que significa esse *seu*?; (2) ao ouvir uma ofensa verbal, passando por uma rua, o que ele(a) quis dizer com seu *ridículo*? Por que não usou somente “ridículo”?; (3) ao ouvir um(a) desconhecido(a) falando com uma funcionária em uma repartição pública, se ela não é parente dele(a), por que ele(a) a chamou de “minha filha”? e (4) ao ouvir a música que esteve tão em voga recentemente: qual é o significado de “*nossa, nossa*”, na canção de Michel Teló?

Características da língua portuguesa como essas, que normalmente não chamam a atenção de um nativo por já fazerem parte de sua rotina linguística, podem chamar a atenção de um aprendiz, ou, talvez, ele sequer as detecte por não ter desenvolvido aguçada percepção para essas sutilezas. Porém, se procurar a explicação para tais usos em manuais de PL2E, é bem provável que não as encontre. Caso faça indagações desse tipo ao professor, se este for um bom

² Português como Segunda Língua para Estrangeiros.

³ O item (1), apesar de não apresentar o uso de um possessivo, será abordado neste trabalho somente para ilustrar a diferença entre o uso da forma de tratamento e o assunto apresentado em (2).

profissional, deverá dar uma resposta devidamente embasada e para tal se destina este estudo.

1.2

Objeto de estudo

Portanto, a proposta deste trabalho é detalhar a descrição do emprego de alguns dos pronomes possessivos sem valor de posse presentes em estruturas vocativas, isto é, pronomes aparentemente possessivos em sua forma, mas sem qualquer relação de posse com o termo a que se referem, dentro dessas estruturas. Logo, os termos analisados fogem à descrição tradicionalmente estabelecida de relação de posse entre um termo possuidor e um termo possuído, a saber, uso de *meu/minha* e *seu/sua* + [adjetivo ou substantivo] e uso de *nosso(a)* com valor de interjeição nas gramáticas tradicionais de Português L1, Cunha e Cintra (2008), Bechara (2006) e Azeredo (2008) e na Gramática funcionalista de Neves (2000). Também pretende verificar se os manuais de PL2E, *Tudo bem* e *Muito Prazer*, abordam o assunto e de que forma o fazem. Portanto, o objetivo central deste estudo é tentar descrever como ocorre o uso dos pronomes citados anteriormente, usando como corpus de análise tiras cômicas do site *www.mulherde30*.

Sendo assim, a finalidade deste estudo é a definição dos critérios de usos dos possessivos em situações cujo valor não seja o de posse em estruturas vocativas. Deseja-se que esta pesquisa forneça subsídios ao professor de PL2E para explicar aos alunos estrangeiros em quais contextos cada forma aparentemente possessiva é adequada, a fim de proporcionar-lhes uma aprendizagem que vise à sua competência comunicativa. Conhecedores desses aspectos, os aprendizes poderão não só entender melhor situações ocorridas em seu entorno, mas também ter uma melhor performance linguística.

1.3

Problema

Tendo em vista o objeto de estudo proposto, as questões centrais a serem resolvidas nesta pesquisa são: (1) de que forma o falante brasileiro usa os vocativos compostos por *meu(s)*, *minha(s)* + [adjetivo ou substantivo] e

seu(s)/sua(s) + [adjetivo ou substantivo com valor de adjetivo] sem expressar posse; (2) se o falante de Português L1 tem à sua disposição os vocativos sozinhos, sem o uso de pronome – ‘amor’ em vez de ‘*meu* amor’ ou ‘inútil’ em vez de ‘*seu* inútil’- por que utiliza a forma pronominal? Em que esse uso acompanhando de pronome se diferencia da forma sem o uso de pronome? e (3) como o professor pode apresentar tal conteúdo para facilitar o desempenho linguístico do aluno estrangeiro de PL2E?

1.4

Justificativa

A inspiração para este estudo ocorreu a partir de uma proposta de atividade em uma aula da Disciplina “Introdução ao Português Como Segunda Língua para Estrangeiros” do Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, na qual os mestrandos, a maioria professores de PL2E, deveriam decidir qual a melhor maneira para facilitar a aprendizagem dos alunos estrangeiros a respeito de diversos conteúdos gramaticais e culturais, um deles se referia a uma charge na qual um personagem ofendia o outro, chamando-o de “Seu político!!”(anexo 1).

Provavelmente, uma charge como essa é de difícil entendimento para um estrangeiro, pois além do conteúdo linguístico: a forma como se profere uma ofensa; há também um fator cultural: a associação da imagem de um político a algo ruim, geralmente à corrupção. No Brasil, é tão frequente haver candidatos com problemas de conduta que foi criada a Lei Ficha Limpa para identificar os maus elementos, que não devem fazer parte do Legislativo e do Executivo. Portanto, o conhecimento apenas do conteúdo linguístico não seria suficiente para entender a charge.

Um dos objetivos da referida aula era fazer com que os mestrandos se questionassem a respeito do emprego de possessivos sem valor de posse e de como os materiais para ensino de PL2E são incipientes na exploração desse assunto. Logo, percebeu-se que esse tema tem pouca abordagem, sendo de interesse para a descrição do português do Brasil para atuais e futuros professores.

1.5

Objetivos

O objetivo central deste estudo é apresentar a importância dos usos de possessivos sem valor de posse em estruturas vocativas para o ensino de PL2E, devido a ser esse um emprego específico e sem sistematização nos manuais de ensino de português para estrangeiros.

Pretende-se realizar a análise e a classificação dos elementos possessivos *meu/minha* e *seu/sua* acompanhados de adjetivos ou de substantivos, assim como do possessivo *nosso(a)*, empregados sem o valor de posse em estruturas vocativas, com base em critérios funcionais, semânticos e pragmáticos, especificando os valores desses elementos.

Pretende-se ainda criar uma lista formulada com algumas das possibilidades de combinações dessas estruturas por meio da consulta a dicionários, contendo a descrição de cada tipo de vocativo de acordo com suas cargas semânticas, a fim de servir de material didático para o professor de PL2E interessado no assunto, juntamente com a proposta de aula sugerida no anexo oito.

1.6

Hipóteses

Sobre o assunto em pauta, chegou-se às seguintes hipóteses:

(1) o emprego de *seu/sua* + [adjetivo] ou [substantivo com valor de adjetivo], em formas vocativas, expressa **ofensa**, **ironia**, **carinho** ou **elogio**;

(2) o emprego de *meu/minha* + [adjetivo] ou [substantivo], em formas vocativas, expressa **tratamento cerimonioso**, **tratamento íntimo/afetivo** ou de **aproximação e tratamento irônico**.

(3) o uso das formas expostas em (1) e em (2) só ocorre no singular, pois no plural, perderia expressividade.

(4) o **não** uso das formas de possessivo antecedendo adjetivos e substantivos acarreta perda de expressividade;

(5) o emprego do vocativo “*minha nossa senhora*” e de suas reduções, assim como o emprego de vocativos compostos por *meu/nosso* + [elemento

espiritual], tem valor de interjeição para expressar emoção variável de espanto a surpresa.

1.7

Organização do trabalho

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro apresenta de forma breve a motivação para este estudo, assim como a justificativa para a escolha do tema, os objetivos e as hipóteses formuladas.

O segundo capítulo apresenta os pressupostos teóricos que orientam a análise dos dados coletados. Com base no manual de estilística de Rodrigues Lapa (1984); na Gramática Tradicional de Cunha e Cintra (2008) e de Bechara (2006); nas Gramáticas Linguísticas de Azeredo (2008) e de Neves (2000) e nas Gramáticas de Português L2 de Castilho (2002) e de Perini (2010) foi feita a revisão da literatura a respeito de pronomes possessivos. Nessa etapa, também foram consultados os dicionários: Aulete Digital e de expressões coloquiais brasileiras (MELLO, 2009). A seguir, foi feita a definição dos conceitos que fundamentam este estudo, a saber, de *atos de fala* segundo Austin (apud ARMENGAUD, 2006); de *face* (GOFFMAN, 2011), de *polidez positiva* e *polidez negativa* (BROWN; LEVINSON, 1987), assim como os conceitos de *casa* e de *rua* (DaMatta, 2004) e de *individualismo* e *coletivismo* (Hofstede, 1999). Posteriormente, foram abordados trabalhos anteriores de linguistas relacionados a este estudo, tais como Carvalho (2009), Capella (2009), Alencar (2004) e Rebello (2002). Também foi feita a justificativa do uso do gênero textual quadrinhos com base em Veronezi (2010), Marcuschi (2000 apud MENDONÇA, 2010) e Ramos (2009) e, finalmente, uma breve descrição da autora das tiras cômicas que compõem o corpus de análise.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia da pesquisa por meio da exposição do tipo de pesquisa adotado, do tipo de instrumento de pesquisa adotado - um questionário - e dos dados obtidos por meio desse instrumento, como por exemplo, a forma que os entrevistados afirmam usar os pronomes possessivos sem valor de posse presentes em estruturas vocativas.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados a respeito dos pronomes possessivos sem valor de posse presente em estruturas vocativas, coletados nas

tiras cômicas selecionadas. Apresenta ainda uma esquematização das fórmulas das estruturas mais comuns por meio de quadros e tabelas ilustrativas.

O quinto capítulo apresenta as considerações finais sobre este estudo. O sexto capítulo descreve e propõe uma atividade para a aula de PL2E sobre o tema aqui elucidado.

Por último, apresentam-se as referências bibliográficas e nove (9) anexos, especificados a seguir: (1) reprodução do exercício proposto em aula de Mestrado, que motivou este estudo; (2) cópia do livro *Tudo bem?* (v. 1, p. 4); (3) cópia do livro *Tudo bem?* (v. 1, p. 46); (4) cópia do livro *Muito prazer* (p. 27); (5); cópia do livro *Muito Prazer* (p. 48); (6) cópia do livro *Muito Prazer* (p. 24); (7) cópia das tiras cômicas analisadas; (8) questionário de pesquisa e (9) cópia dos questionários respondidos virtualmente e presencialmente.

2

Pressupostos teóricos

2.1

Revisão de Literatura

Algumas vezes – e somente algumas – se poderá falar, propriamente, em “posse”, como definição da relação estabelecida numa construção com “pronomes possessivos”. (NEVES, 2006, p. 52)

Com o objetivo de embasar a questão central deste estudo, detalhar a descrição do emprego de alguns dos pronomes possessivos sem valor de posse em estruturas vocativas, a seguir, será feita uma síntese de como se apresenta o tema “possessivos” sob a visão da obra *Estilística da Língua Portuguesa* (LAPA, 1984)⁴ e de Gramáticas Normativas, mais especificamente da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2008), da *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2006) e da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (AZEREDO, 2008). Também será analisada a descrição do tema sob a visão funcionalista⁵ da *Gramática de Usos do Português* (NEVES, 2000). Para finalizar a descrição do tema, serão usados os dicionários *Aulete Digital* (<http://www.auletedigital.com.br/>) e o *Dicionário de expressões coloquiais brasileiras* (MELLO, 2009). Finalmente, será enfocado como o tema é apresentado nos manuais de ensino de PL2E.

No mundo Ocidental, os primeiros gramáticos gregos foram os pioneiros no estudo sobre pronomes, mais especificamente Dionísio da Trácia, quem escreveu a primeira gramática do grego com a divisão do discurso em oito partes e suas funções, dentre elas os pronomes. Foi Apolônio Díscolo quem “classificou os pronomes em dêiticos e anafóricos” (FERNANDES, 2005, p. 27), ou seja, elementos que situam espacial e temporalmente um enunciado ou fazem referência a algo dito anterior ou posteriormente dentro do próprio enunciado. Tais

⁴ Embora se refira ao Português Lusitano, a obra vem ao encontro da análise aqui feita, pois todos os usos descritos pelo autor referentes a vocativos também ocorrem no Português Brasileiro.

⁵ Por funcionalista entende-se aquela que descreve a língua viva e busca “os resultados de sentido, partindo do princípio de que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função...” (NEVES, 2000, p. 13).

estudos serviram de referência para as gramáticas posteriores durante muitos séculos.

Atualmente, a maior parte das gramáticas normativas de língua portuguesa em muito se assemelham quando tratam da descrição de pronomes possessivos, pois tendem a vinculá-los ao valor de pessoa gramatical e posse, como se observa a seguir:

“...acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 333)

“...indicam posse em referência às três pessoas do discurso.” (BECHARA, 2006, p. 166)

“... expressam um vínculo qualquer, constante ou eventual, entre o objeto ou assunto de que se fala e cada uma das pessoas do discurso.” (AZEREDO, 2008, p. 250).

Essa última, apesar de, na definição, fazer referência a ‘vínculo qualquer’, não expõe exemplos relativos a este estudo.

As gramáticas mencionadas descrevem, entre outros usos, as **possíveis ambiguidades** causadas pelos pronomes possessivos e o que fazer para evitá-las (BECHARA, 2006, p. 182): (“José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*”); as **posições** de tais elementos gramaticais nas frases e as **diferenças de significado** causadas por essas posições (Id., p. 183) (Recebi *suas* cartas./ Recebi cartas *suas*.).

Quanto aos matizes afetivos expressos pelos possessivos referentes aos vocativos em questão neste estudo, Cunha e Cintra (2008, p. 338-339) afirmam que, em construções como as a seguir, os possessivos acentuam, em função do contexto, um sentimento de **deferência** (“Quer alguma coisa, *minha senhora*?”); de **respeito** (“Adeus! – Bons dias, *meu Comandante*...”); de **polidez** (“-Não é assim, *meus respeitáveis senhores*”) e de **intimidade ou amizade** (“Dispõe de mim, *meu velho*, estou às ordens, bem sabes” ou “-Não há nada mais certo, *meu amigo*- respondia D. Clara.”). Os autores também citam outros usos, tais como os de ironia, de malícia ou de sarcasmo (“Na mesa do major jantei o *meu* frango, comi a *minha* boa posta de robalo, trabalho que afundou em mais de duas horas”), no entanto, a exemplificação feita para tal uso não se refere a vocativos.

Também em Bechara há referência aos valores afetivos dos possessivos em estruturas vocativas. O autor esclarece que esses pronomes não se limitam a exprimir a ideia de posse, pois podem adquirir “variados matizes contextuais de

sentido, muitas vezes de difícil delimitação” (BECHARA, 2006, p. 183). O autor cita, então, os matizes de **afeto**, **cortesia**, **deferência**, **submissão** ou **ironia** (Id., Ibid., p. 184), todos exemplificados por meio de vocativos formados por *meu* + [adjetivo ou substantivo], respectivamente: “*Meu* prezado amigo.”, “*Minha* senhora...”, “*Meus* senhores e *minhas* senhoras!”, “*Meu* presidente, todos o esperam.”, “*Meu* coronel, os soldados estão prontos!” e “*Meu tolo*, não vês que estou brincando?”.

A Gramática de Bechara é a única que também menciona de forma bem resumida o uso de *seu* + [adjetivo] para expressar **provocação** ou **ironia**. Segundo o gramático, em expressões como as exemplificadas a seguir:

- (1) “Qual cansadas, *seu* Antoninho!”;
- (2) “Ande, *seu diplomático*, continue”;
- (3) “E ri-se você, *sua atrevida*?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa.”;

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3ª pessoa do singular. Trata-se aqui de **uma redução familiar do tratamento senhor**. Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa **familiaridade ou deprecição**. Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

“Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo.”

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes- pode determinar a presença da forma plena:

- Diga, senhora mosca-morta?

Quem pensa a senhora que é? [fala da mãe à filha de três anos]

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

“E ri-se você, ***sua*** atrevida?!- exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa.” (BECHARA, 2006, p. 184, **grifo nosso**)

Observando-se os exemplos citados acima para esclarecer a explicação do gramático brasileiro, conclui-se que, para ele, há uma semelhança entre o uso de *seu* + [nome próprio] (1) e *seu* + [adjetivo] (2) e (3). Em outras palavras, o autor afirma que esse uso irônico de *seu* é uma corruptela de “senhor” e da mesma forma ocorre com o feminino de “senhora” que se transformou em “sua”, conforme o exemplificado em (3). Tal visão para essas formas ofensivas e irônicas não é compartilhada por nenhum outro gramático aqui consultado.

Sobre esse uso de *seu*, ainda cabe ressaltar que *seu* + [nome próprio] não corresponde à forma *sua* + [nome próprio], a forma feminina equivalente é *dona* + [nome]. Segundo Meyer (1999), tratam-se de maneiras “largamente utilizadas nas situações semi-formais do dia-a-dia, como entre vizinhos, funcionários de

seções diferentes de uma empresa, etc. Indica, portanto, uma relação de relativa proximidade entre os interlocutores”. Assim, embora também seja um vocativo, [*seu* + nome próprio] difere dos anteriores por não se tratar de um pronome possessivo.

Observa-se uma diferença entre os valores descritos anteriormente em (1), (2) e (3). No entanto, na *Moderna Gramática Portuguesa*, mais especificamente na seção referente a pronomes e formas de tratamento, não há descrição sobre o uso de *seu/sua* como corruptela de *senhor*, tampouco em quais contextos é adequado empregá-los, ou seja, o único momento em que se descreve tal uso é nas observações referentes aos valores dos possessivos transcritas anteriormente.

Na *Gramática do Português Falado* (CASTILHO, 2002), há um vasto estudo sobre possessivos (NEVES, 1993) no qual a autora afirma que o tema é bastante complexo e que “o nome atribuído a uma (sub)classe não pode orientar a sua conceituação, a qual tem de partir da própria natureza do elemento, observado em seu comportamento no discurso” (NEVES, 1993, p. 150). Em outras palavras, o que a autora deixa claro é o fato desta nomenclatura “pronome possessivo” não nomear a relação existente entre os termos, já que nem sempre há a ideia de posse. Porém, a abordagem da autora nesse amplo estudo sobre o tema não se refere aos vocativos analisados neste trabalho.

Na *Gramática do Português Brasileiro* (PERINI, 2010) e na *Nova Gramática do Português Brasileiro* (CASTILHO, 2012) também não há abordagem para o tema proposto aqui. Na primeira, Perini descreve apenas alguns dos papéis temáticos dos possessivos além do de possuidor. Cita, por exemplo, o papel de agente (“Minha decisão”), o de paciente (“O meu espancamento”), dentre outros (Id., p. 305). Já na segunda, com base em Neves, Castilho (Id., p. 503) também afirma que a definição referente à relação de posse entre os termos ‘possuidor’ e ‘possuído’ não se sustenta e reduz-se a poucos casos, mas não aprofunda a ideia.

Barros e Bittencourt (2005) em seus estudos sobre os pronomes possessivos afirmam que, como

a ideia de posse implica a existência de uma coisa estreitamente ligada a outra, os pronomes possessivos servem de base para estabelecer incontáveis vínculos de ordem física ou orgânica, afetiva ou ideológica, intra-individual ou social. Isto quer dizer que podem ser usados para indicar algo que se prende às pessoas do discurso por amizade, carinho, simpatia, íntimo

interesse, solidariedade, camaradagem, contigüidade, etc. (BARROS; BITTENCOURT, 2005, p. 122)

Parte dessa visão também é abordada na *Gramática de Usos do Português*, na seção *Particularidades de construções possessivas* (NEVES, 2000, p. 486-489), na qual se descreve o uso dos possessivos *seu(s)* e *sua(s)*, em vocativos, junto de [adjetivos qualificadores de conotação negativa], para expressar uma **provocação**, tal como se vê em:

“Fala baixo, *sua* idiota” (4);

“Pode escolher as suas armas que eu acabo com você, *seu* porco traidor” (5); e

“Não notou a tranca antes de entrar, *seu* banana?” (6).

A autora esclarece ainda que a forma masculina *seu* usada antes de nome próprio masculino em fórmula de tratamento respeitoso não é possessivo. Também expõe o emprego do possessivo *meu* e suas flexões em vocativos para indicar **tratamento cerimonioso e afetivo**:

“Pois não, *minha senhora*, às suas ordens.” (7);

“Volte sempre, *minha querida*, volte sempre!” (8).

Em seu manual de estilística da língua portuguesa, Rodrigues Lapa já identificava haver vários usos de pronomes possessivos com “significações que pouco ou nada têm a ver com posse” (LAPA, 1984, p. 162). O filólogo português cita oito usos, dentre eles, dois se referem a este estudo: (1) em “exclamações, com forte **sentido recriminativo**: *Seu traste!*, *Sua desavergonhada!*, *Meu mentiroso!*” e (2) para exprimir “**certa malícia e ironia familiares**: Vem cá, *meu patriota*, pensaste nas tuas responsabilidades?” (Id., p. 163).

Observa-se haver culminâncias e divergências entre os diversos gramáticos abordados a respeito dos valores dos possessivos *meu/minha* e *seu/sua* não referentes a posse formadores de vocativos. Conclui-se que o uso de *seu(s)*, *sua(s)* + [adjetivos pejorativos] é chamado por Rodrigues Lapa de exclamação com **forte sentido recriminativo** e por Moura Neves de **provocação**. O uso de *meu(s)*, *minha(s)* + [substantivos ou adjetivos denotadores de boas qualidades] é denominado por Cunha e Cintra de **deferência, respeito e polidez**; de **tratamento cerimonioso** por Moura Neves e de **cortesia, deferência e submissão** por Bechara. Assim como, o que Cunha e Cintra chamam de **intimidade** e **amizade** é denominado de **afetividade** ou **intimidade** por Moura Neves e de **afeto** por Bechara. Somente Rodrigues Lapa e Bechara citam o uso de

meu + [adjetivo] para expressar **ironia** (familiar). Assim sendo, o quadro um (1), a seguir, permite visualizar como cada um deles percebe esses diversos matizes de sentido dos possessivos que compõem vocativos.

Quadro 1- Valores de possessivos em vocativos	
<i>Cunha e Cintra (2008)</i>	<i>Bechara (2006)</i>
<p><i>Acentuam um sentimento de:</i></p> <p>- deferência, respeito e polidez “minha senhora” “meu Comandante” “meus respeitáveis senhores”</p> <p>- intimidade e amizade “meu caro Antônio” “meu velho” “meu amigo”</p>	<p><i>Traduzem nosso:</i></p> <p>- afeto: “meu prezado amigo”</p> <p>- cortesia: “minha senhora”</p> <p>- deferência: “meus senhores e minhas senhoras”</p> <p>- submissão: “meu coronel”</p> <p>- ironia: “meu tolo”</p>
<i>Moura Neves (2000)</i>	<i>Rodrigues Lapa (1984)</i>
<p><i>Seu, sua, seus, suas + adjetivos qualificadores de conotação negativa para expressar uma provocação:</i> “sua idiota”, “seu banana”.</p> <p><i>Meu e suas flexões para indicar tratamento cerimonioso, afetividade ou intimidade:</i> “minha senhora” e “minha querida”⁶.</p>	<p><i>Usam-se em exclamações com forte sentido recriminativo:</i> “Seu traste!” “Sua desavergonhada!”</p> <p><i>Exprimem certa malícia e ironia familiares:</i> “meu patriota”</p>

Quanto ao possessivo *nosso(a)* que compõe vocativos como “*Nossa senhora*”, “*Nosso Deus*”, “*Nossa mãe*”, por exemplo, nas gramáticas mencionadas, não foi achada nenhuma referência a tais usos, com exceção da de Azeredo (2008, p. 76), na qual se afirma, sucintamente, haver recursos diversos para indicar a direção da palavra a um interlocutor ou destinatário, dentre eles, os vocativos. O autor afirma que alguns vocativos, como *Minha Nossa senhora!* e *Deus do Céu!*, isolados em frases exclamativas, cristalizaram-se como locuções interjetivas. Logo, não há aprofundamento para o tema, o que se pretende fazer em 4.1.5 (p. 70), com base na análise do corpus coletado.

Outra fonte de consulta normativa para o tema seriam as gramáticas escolares. Porém, segundo Braga e Galvão (2005), as gramáticas escolares brasileiras apresentam essa mesma incompletude na descrição de pronomes possessivos, pois faltam explicações mais detalhadas a respeito dos distintos valores semânticos e usos desses pronomes. Conforme se observa a seguir:

⁶ A autora alerta que esse uso também pode expressar ironia ou desprezo.

(...) os autores dos LDs não questionam, nem ampliam a própria definição desses pronomes, parecem apenas reproduzir o que já é pré-estabelecidos (sic) pela tradição gramatical. Além disso, não atentam para a necessidade de se trabalhar com os pronomes possessivos em nível discursivo, visto que é no texto que se estabelece o valor semântico desses componentes da língua. (BRAGA; GALVÃO, 2005, p. 4).

2.1.1

Possessivos em dicionários

As informações contidas em outra fonte de pesquisa para o tema, os dicionários, podem ser acessadas facilmente por um aprendiz de PL2E, por isso também serão abordadas a seguir. Nesta pesquisa, optou-se pela consulta ao *Aulete Digital* devido à facilidade a seu acesso, já que está disponibilizado gratuitamente na Internet. Por tratar-se de um dicionário, a pesquisa sobre possessivos foi feita por meio da busca de verbetes referentes ao tema em questão “meu”/”minha”, “seu”/ “sua”, “nosso”/ “nossa”.

Na referida obra, “meu” é apresentado como vocábulo de origem latina, do lat. *meus*, *a*, *um*. e são descritas dez formas relativas a pronomes possessivos, a maioria com ideia de pertencimento relacionado à pessoa que fala:

- (1) “Meu irmão chegou ontem”.
- (2) “Perdi meu dia com essa moça”.
- (3) “Quero receber meu salário”.
- (4) “Desperdicei meus últimos dez anos”.
- (5) “Meu trabalho; meu bar favorito.”
- (6) “Meu músico é Ravel”.
- (7) “Estou em busca do meu conforto”.
- (8) “Esse é o meu homem, o tal que deu o desfalque”.
- (9) “Este é meu momento, não posso desperdiçá-lo”.
- (10) “Venha cá, *meu* amigo, vamos conversar!”

Percebe-se que a única forma relacionada a este estudo encontra-se em (10), por meio do uso do vocativo “meu amigo”, descrito como “estimado por mim”. Porém, talvez por ser um dicionário uma fonte de pesquisa para consulta rápida, não são apresentadas outras possibilidades de vocativos para o referente uso afetivo.

Já o verbete “minha” é apresentado como oriundo do latim “*mea*” e como

feminino de “meu”. Há dois usos previstos, um como pronome possessivo (“minha casa, minhas coisas”), outro como substantivo feminino que integra as locuções ‘estar (ou ficar) na minha’ (“Todos discutiam alto, mas eu fiquei na minha”). Para essa forma, o dicionário ainda apresenta os correspondentes com outros possessivos (na tua, na sua, na dele/dela). Apresenta também a locução interjetiva “minha nossa” para expressar surpresa ou espanto.

Para o verbete “seu”, há quatro usos como pronome possessivo com ideia de pertença referente à pessoa ou coisa de que se fala e como sinônimo de ‘certo’, ‘algum’ (“o lugar tem seu atrativo”). Apresenta também um uso como pronome pessoal comum à linguagem corrente em tratamento de respeito ou cortesia equivalente a *Senhor*, “Seu Juca; seu Maneco”. Ou com **intenção agressiva** e até mesmo **jocosa**, tal como em “Vai-me pagar, seu safado”.

O verbete “sua” é apresentado como a forma feminina de “seu” e como determinante de um substantivo do gênero feminino pertencente a alguém ou algo de que se fala, ou ao interlocutor. Também se apresenta como substantivo feminino equivalente a ‘seu objetivo, sua intenção’: “Qual era a sua com aquela atitude?” e como pronome pessoal equivalente a “senhora, dona”: Porém, o exemplo apresentado para essa última forma (“Não fale comigo, *sua* chata!”), não equivale ao uso descrito (senhora, dona), pois se trata de forma irônica ou provocativa, típica da oralidade, levando a crer que há uma incorreção nessa descrição, algo informado pela pesquisadora deste estudo à equipe organizadora do dicionário. No verbete, são descritas também as locuções “fazer das suas” (travessuras) e “ficar na sua” (não omitir opinião).

O verbete “nossa” é apresentado no Dicionário Aulete Digital como interjeição de espanto e surpresa reduzida de “Nossa Senhora”.

A consulta aos mesmos verbetes no *Dicionário de expressões coloquiais brasileiras* (MELLO, 2009) acrescenta algumas informações a esta pesquisa. Começando pela busca ao verbete “meu”, encontra-se a definição como “forma de tratamento íntimo ou não, abreviação de ‘meu amigo, meu camarada’” (2009, p. 316):

(11) “*Meu*, acho que você deve cuidar mais da saúde”.

A seguir, o autor apresenta os vocativos “meu amigo”, “meu camarada”, “meu chapa”, “meu irmão”, “meu velho”, como “formas de **tratamento cordial**, de **camaradagem**, de **intimidade**” (Id., Ibid.) equivalentes, tal como se vê em:

- (12) *Meu* amigo, preciso muito te falar uma coisa;
 (13) Olhe aí, *meu* camarada, não deixe de me visitar;
 (14) *Meu* chapa, você não pode faltar ao meu aniversário;
 (15) É, *meu* irmão, o custo de vida está cada vez pior;
 (16) Coragem, *meu* velho!

Apresenta também o vocativo “meu anjo” e “meu nego” (2009, p. 316-317) como formas equivalentes para o **tratamento afetoso**.

- (17) Eu estava com saudade de você, *meu* anjo!
 (18) Vem cá, *meu* nego, quero te dar um abraço.

Pode-se perceber que o dicionário em questão apresenta várias formas comuns à oralidade do brasileiro, mas não menciona em que regiões elas costumam ocorrer, nem se refere a qual dialeto pertencem. Um brasileiro tem mais chance de identificar que um vocativo como o presente em (11) provavelmente faz parte do dialeto do paulistano⁷, ou que o presente em (15) é muito comum ao dialeto do carioca, ou o que é exposto em (14) está associado a grupos sociais de falantes com pouca escolaridade, ou ainda, que o exemplificado em (16) costuma ocorrer entre falantes de uma faixa etária maior. Portanto, como possível fonte de pesquisa disponível a um falante estrangeiro carece de informação adicional para contextualizar melhor os possíveis usos, a fim de evitar inadequações e consequentes constrangimentos.

Quanto ao verbete “minha”, a única expressão registrada na obra refere-se a “*minha* nega” como equivalente de “*meu* anjo”. Os verbetes ‘seu/sua’ e ‘nossa’ e suas expressões (Nosso Deus!, nossa mãe!, etc) não estão registrados no *Dicionário de expressões coloquiais brasileiras*.

2.1.2

Possessivos em manuais de ensino de PL2E

Direcionando o foco para alguns manuais de Ensino de PL2E, os dois volumes de *Tudo Bem?*, cujo objetivo é dar ênfase ao português falado no Brasil pelo adolescente brasileiro, e o volume único de *Muito Prazer*, cujo objetivo é

⁷ Também se usa “meu” como vocativo em vários estados do sul do país, como Paraná e Rio Grande do Sul, por exemplo.

capacitar o aprendiz, inclusive os autodidatas, a aprender o português do Brasil com precisão e fluência, nota-se que não há abordagem de tal conteúdo.

O primeiro, *Tudo Bem?* (v.1), tem por alvo as estruturas básicas da língua e expressões coloquiais úteis ao dia a dia. Na unidade um, é apresentado um pequeno quadro com os adjetivos possessivos associados ao verbo ser (anexo 2) e não há nenhum exercício específico sobre o tema. Na unidade quatro, são apresentados dois quadros (anexo 3): um com adjetivos possessivos e outro com substantivos possessivos, alguns exemplos e um exercício de preenchimento de lacunas transcrito a seguir (PONCE; BURIM; FLORISSI, 2007, p. 47):

Complete os diálogos com os Pronomes Adjetivos Possessivos ou com os Pronomes Substantivos Possessivos.

1. A: Bete, você mora em Santos, não é? _____ irmão mora com você?
 B: Você conhece _____ irmão? Ele já se casou e mora em uma outra casa.
 A: Como é a casa?
 B: Qual? _____ ou _____?
2. A: Ontem me encontrei na escola com o pai de André.
 B: Verdade? O pai _____ nunca vem à escola!
 A: É. Mas ele veio trazer André e eu o vi conversando com o pai da Luciana.
 B: Ah! _____ sim, está aqui.
 A: Olha, eu nunca vejo nem _____, nem _____.
3. A: Onde está _____ namorada? Quero te apresentar _____. Ela se chama Júlia.
 B: Júlia? _____ também se chama Júlia. Como é ela?
 A: É alta, magra, cabelos castanhos compridos, olhos azuis.
 B: _____ também é alta, magra, tem cabelos castanhos longos e olhos azuis. Estamos falando da mesma Júlia?
 A: Então... Júlia é _____ namorada?
 B: Sim, ela é só _____. Lá vem ela. Júlia! Júlia!
 A: Graças a Deus! Não é a _____ Júlia.

O volume dois da mesma obra tem por alvo as estruturas intermediárias e avançadas da língua, no entanto, não apresenta uma descrição mais aprofundada do uso de pronomes possessivos, sequer retoma o tema, ou seja, a única abordagem do assunto ocorre no volume 1, da maneira exposta anteriormente.

O segundo material analisado, *Muito prazer*, tem por objetivo fazer com que os alunos em nível iniciante e intermediário de aprendizagem interajam entre si e com o professor. Na unidade um, são apresentados os adjetivos possessivos (anexo 4) e na unidade três os pronomes possessivos (anexo 5). Portanto, a forma de descrição do uso dos possessivos nesse livro, embora apresente mais atividades para a aplicação do conteúdo, é bem semelhante à do material anteriormente analisado, com exercícios de perguntas e respostas para levar o aluno a usar *dele(a)(s)* e a completar espaços em diálogos.

Cabe ressaltar que tal manual, na unidade um (p. 24), aborda o uso de *seu* + [nome próprio], como pronome de tratamento, em um pequeno diálogo com o objetivo de abordar os cumprimentos e apresenta uma explicação sem detalhes, ou seja, sem especificar que tipo de tratamento essa forma vocativa significa (anexo 6) e em que contextos usá-la.

Percebe-se, então, uma lacuna na descrição do uso de *meu(s)/minha(s)* e de *seu/sua* acompanhados de adjetivo ou substantivo em estruturas vocativas com valores de cerimônia ou deferência, afetividade, intimidade ou aproximação, ironia, ofensa e provocação, pois, tanto as gramáticas e dicionários analisados quanto os manuais de PL2E consultados apresentam abordagem incompleta para tais usos.

2.2

Fundamentos teóricos

“Só dentro de uma pragmática, portanto, se pode pensar a linguagem [...]”⁸

A Pragmática se ocupa do estudo referente à forma como os usuários de cada língua utilizam-na em diferentes contextos situacionais, ou seja, diz respeito “à relação dos signos com seus usuários e como estes os interpretam e empregam”

⁸ RUDGE, 1998, p. 98.

(MARCONDES, 2005, p. 8) e “à linguagem em uso, em diferentes contextos” (Id., p. 10). Portanto, é uma área de estudo bastante heterogênea com várias linhas de desenvolvimento que perpassam diferentes áreas do conhecimento, tais como a Filosofia, a Psicologia, a Sociolinguística, a Antropologia, dentre outras. Sendo assim, tal Ciência está diretamente relacionada à análise proposta neste trabalho, baseada em atos linguísticos com significados depreendidos somente dentro de um contexto.

Neste estudo, adotou-se a abordagem associada à ideia de linguagem como ação. “Falar é agir” (ARMENGAUD, 2006, p. 13). Sob essa perspectiva de linguagem como ação, decorre o conceito de **atos de fala**. A visão de linguagem de Austin, filósofo inglês de Oxford, é performativa, isto é, “usar a linguagem é realizar atos, e não descrever a realidade” (MARCONDES, 2009, p. 118). Segundo Armengaud, o ponto de partida dessa teoria é a convicção de que a unidade mínima da comunicação humana é a realização de alguns tipos de ato, tais como: “afirmar, fazer uma pergunta, dar uma ordem, prometer, descrever, desculpar-se, agradecer, criticar, acusar, felicitar, sugerir, ameaçar, suplicar, desafiar, autorizar.” (Op. cit., p. 99).

Para Austin, há três tipos de atos simultaneamente executados quando se diz algo: os locucionários, os ilocucionários e os perlocucionários. Em resumo, o ato locucionário é “a enunciação de uma sentença com sentido e referência determinados”; o ato ilocucionário é o “ato de fazer uma declaração, oferta, promessa, etc. ao enunciar uma sentença, em virtude da força convencional associada a ela” e o ato perlocucionário é o “ato de causar efeitos no público por meio da enunciação da sentença, sendo tais efeitos contingentes à circunstância da enunciação” (LEVINSON, 2007, p. 300).

Afirmções, ordens, contrafactuais, alegações, conjecturas e refutações, pedidos, réplicas, predições, promessas, objeções, especulações, explicações, insultos, inferências, suposições, generalizações, respostas e mentiras, são todos eles tipos de atos linguísticos. O problema de análise em cada caso é o de encontrar condições necessárias e suficientes para a execução bem sucedida (ou talvez normal em alguns casos) do ato. Este problema é um problema pragmático, já que essas condições necessárias e suficientes envolverão comumente a presença ou ausência de várias propriedades do contexto no qual o ato é executado, como por exemplo, as intenções do falante, o conhecimento, crenças, expectativas, ou interesse do falante e de sua audiência, outros atos de fala que foram executados no mesmo contexto, o tempo da enunciação, os efeitos da

enunciação, o valor de verdade da proposição expressa, as relações semânticas entre a proposição expressa e outras a ela relacionadas de algum modo. (STALNAKER apud MARCONDES, 2005, p. 55)

Percebe-se então a complexidade que envolve a realização de cada ato, algo que se torna mais complexo ainda para o estrangeiro, geralmente desconhecedor de várias dessas condições para executar o ato ilocucionário de forma bem sucedida.

Uma reformulação da teoria de Austin foi feita por Searle, filósofo norte-americano. Ele propõe uma classificação para os atos ilocucionários em cinco tipos: **assertivos**: “comprometem o falante com a verdade da proposição expressa [...] afirmar, concluir, etc”; **diretivos**: “tentativas do falante de fazer com que o destinatário faça algo [...] pedir, perguntar”; **compromissivos**: “comprometem o falante com algum curso de ação futuro [...] prometer, ameaçar, oferecer”; **expressivos**: “expressam um estado psicológico [...] agradecer, desculpar-se, dar as boas-vindas, parabenizar” e **declarativos**: “resultam em mudanças imediatas no estado institucional de coisas e [...] tendem a se valer de instituições extralinguísticas complexas [...] excomungar, declarar guerra, batizar, demitir do emprego” (LEVINSON, op. cit., p. 305).

Portanto, este estudo tenta elucidar o que está associado a atos ilocucionários expressivos – elogiar, ofender, provocar, insultar, ironizar e falar carinhosamente – por meio da descrição de como ocorrem os usos referentes a pronomes possessivos sem valor de posse em estruturas vocativas, conforme será visto no capítulo 3.

Outros conceitos relativos à Pragmática concernentes a este estudo são o de **face** e o de **polidez**. Os estudos do sociólogo canadense Erving Goffman sobre os elementos rituais na interação social pressupõem que o contato face a face ou mediado por outros participantes faz parte da vida de todas as pessoas. A face é “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma” através da linha -um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela se expressa- “que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular” (GOFFMAN, 2011, p. 13-14). Em outras palavras, face é

o amor próprio do sujeito. Há uma face positiva e uma negativa. Aquela deriva da necessidade de ser apreciado e reconhecido pelo outro, é a boa imagem que o sujeito tem de si mesmo; esta advém da necessidade de defender o eu, é seu território. Na

interação social, o indivíduo procura salvar a sua face. Por outro lado, cada um dos interlocutores tem interesse em manter a face do outro, para não pôr em perigo a sua face. (FIORIN, 2010, p. 175)

Goffman afirma que cada sociedade segue um padrão e tem seu próprio repertório de práticas para a manutenção dessa autoimagem pública.

Em parte, é a esse repertório que as pessoas se referem quando perguntam como uma pessoa ou cultura “realmente” são. E, ainda assim, o conjunto particular de práticas enfatizadas por pessoas ou grupos particulares parece ser retirado de um único esquema logicamente coerente de práticas possíveis. É como se a fachada⁹, por sua própria natureza, só pudesse ser salva através de um certo número de formas, e como se cada agrupamento social precisasse fazer suas escolhas dentro dessa única matriz de possibilidades. (GOFFMAN, 2011, p. 21)

As regras para a manutenção da face são também chamadas de polidez. Com base nesses conceitos a respeito da face, Brown e Levinson criaram o conceito de polidez positiva e polidez negativa. A face negativa está relacionada ao “conjunto dos territórios do ‘eu’ (território corporal, espacial, temporal, bens materiais ou simbólicos)” e a face positiva ao “conjunto das imagens valorizadas de si mesmos que os interlocutores constroem e tentam impor na interação” (MARCOTULIO; SOUZA. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.htm>).

As estratégias de *polidez positiva* são aquelas que favorecem a face positiva do ouvinte, isto é, mostram que o desejo que ele tem de ser bem aceito pelo interlocutor foi realizado – com um elogio, por exemplo; e as estratégias de *polidez negativa* são as que favorecem a face negativa do ouvinte, por exemplo, o fato de o falante dar opções ao invés de impor sua vontade ao outro. (MELO; COSTA. Disponível em: http://www.uefs.br/erel2009/anais/luanamelo_marcelocosta.doc>)

Segundo Fiorin (2010, p. 175), há atos ameaçadores à face negativa do interlocutor, pois tentam invadir seu território, tais como a ordem, o conselho ou a ameaça. Há ainda atos ameaçadores à sua face positiva, pois podem ser vistos como uma tentativa de destruição da imagem do outro, tais como a refutação e a crítica. Há também os atos ameaçadores à face negativa do falante, pois podem obrigá-lo a se expor, tais como a promessa e o juramento, e os atos ameaçadores à sua face positiva por destruírem sua imagem, tais como a autocrítica e o pedido de perdão. O autor define polidez positiva como aquela que busca produzir e reforçar atos valorizadores da face e polidez negativa como aquela que busca evitar e

⁹ Fachada aqui é o mesmo que face.

minimizar os atos ameaçadores da face. O excesso de atos valorizadores da face pode tornar o falante hipócrita ou bajulador. Já a falta de minimização de atos ameaçadores da face pode torná-lo grosseiro. “O excesso, a falta, os limites entre o que é percebido como valorizador ou ameaçador, tudo isso é cultural. O estudo da polidez linguística oferece dados muito preciosos para a compreensão das culturas.” (Id., Ibid.)

Para Brown e Levinson, desenvolvedores do trabalho de Goffman, os atos de fala têm relação direta com a ameaça à face positiva ou negativa e as estratégias de polidez podem ser resumidas da seguinte forma. Estratégias de **polidez positiva**: (1) perceber o outro, mostrando-se interessado pelos seus desejos e necessidades; (2) exagerar o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro; (3) intensificar o interesse pelo outro; (4) usar marcas de identidade de grupo; (5) procurar acordo e, conseqüentemente, evitar desacordo; (6) declarar pontos em comum; (7) fazer piadas; (8) explicitar os conhecimentos sobre os desejos do outro; (9) oferecer, prometer; (10) ser otimista; (11) incluir o ouvinte na atividade; (12) dar ou pedir razões para explicação; (13) simular ou explicitar reciprocidade; (14) presentear. Como estratégias de **polidez negativa** tem-se: (1) ser convencionalmente indireto; (2) questionar e ser evasivo; (3) ser pessimista; (4) minimizar a imposição; (5) mostrar respeito; (6) pedir desculpas; (7) impessoalizar, evitar o uso de “eu” e “você”; (8) declarar os atos de ameaça à face como regra geral; (9) nominalizar; (10) ir diretamente como se não estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte. (Adaptado de <<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.htm>>)

Sendo assim, os vocativos analisados neste estudo constituem atos de valorização da face: elogio e falas carinhosas, mas também, atos de ameaças à face: ofensa, provocação, insultos e ironias. Portanto, os dois primeiros fazem parte das estratégias de polidez positiva e os demais da polidez negativa, conforme será visto no capítulo três.

2.2.1

Contribuições de DaMatta e Hofstede

Como o valor dos vocativos em estudo só podem ser depreendidos dentro do contexto situacional do qual fazem parte, outras áreas de estudo relevantes para

esta análise são a Antropologia social e o Interculturalismo. O conhecimento de aspectos culturais do país sobre o qual se quer aprender determinada língua é fundamental para o estrangeiro que deseja ser proficiente. Logo, como as expressões analisadas fazem parte do Português Brasileiro, é necessário conhecer alguns aspectos dessa cultura relacionados ao tema.

Assim, segundo o antropólogo Roberto DaMatta, a *casa* assume um papel fundamental na vida diária do brasileiro. A *casa* é um “espaço de emoção, sentimento, história e personalidade” (2004, p. 14). O grupo que ocupa uma casa, a família, tem um alto sentido de defesa de seus bens e da proteção de seus membros. A “casa demarca um espaço definitivamente amoroso onde a harmonia deve reinar sobre a confusão, a competição e a desordem” (Id., p. 27).

Essa forte relação familiar se reflete em expressões linguísticas coloquiais do Português do Brasil, tais como: “Beltrano *é uma mãe para mim*”, usada para referir-se a uma pessoa protetora ou acolhedora, como uma mãe costuma ser; ou ainda, “Ele *é um filhinho de papai*”, usada para referir-se a alguém rico ou influente, geralmente por usufruir dos bens do pai; ou “Roberto *é um paizão*”, usada para alguém carinhoso, que protege bastante os filhos. Há várias outras expressões que revelam a intensidade das relações de parentesco associadas a benefícios ou a tratamentos carinhosos, mas elas não são o foco desta análise.

Já a *rua* representa exatamente o oposto. Ela é o “lugar do movimento, em contraste com a calma e a tranquilidade da casa, o lar e a morada” (Id., p. 23).

Como um rio, a rua se move sempre num fluxo de pessoas indiferenciadas e desconhecidas que nós chamamos de “povo” e de “massa”. As palavras são reveladoras. Em casa, temos as “pessoas”, e todos lá são “gente”: “nossa gente”. Mas na rua temos apenas grupos desarticulados de indivíduos- a “massa” humana que povoa as nossas cidades e que remete à exploração e a uma concepção de cidadania e de trabalho que é nitidamente negativa. De fato, falamos da “rua” como um lugar de “luta”, de “batalha”, espaço cuja crueldade se dá no fato de contrariar frontalmente todas as nossas vontades. Daí por que dizemos que a rua é equivalente à “dura realidade da vida”. [...] Na rua não há, teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade. É local perigoso, conforme atesta o ritual aflitivo e complexo que realizamos quando um filho nosso sai sozinho, pela primeira vez, para ir ao baile ou à escola. Que insegurança nos possui quando um pedaço de nosso sangue e de nossa casa vai ao encontro desse oceano de maldade que é a rua brasileira. (DAMATTA, 2004, p. 29-30)

Portanto, no Brasil, a família e a *casa* se misturam ao ambiente da *rua* e do trabalho, sendo dois espaços diametralmente opostos e complementares. Assim,

por exemplo, uma característica reveladora desse aspecto da cultura brasileira é o fato de chefes e subordinados, muitas vezes, criarem laços de amizade, ou de tratamento aproximativo entre duas pessoas que acabaram de se conhecer, conforme será visto em 4.1.4.

Outro conceito que servirá de base para a análise realizada no capítulo a seguir é o de *Individualismo versus Coletivismo*, do antropólogo Geert Hofstede. Após pesquisa a respeito das diferenças culturais entre funcionários de uma empresa multinacional (IBM) com filiais em 50 países e 3 regiões, Hofstede (1999, p. 34) afirma que cultura é sempre um fenômeno coletivo aprendido porque é algo compartilhado entre pessoas que vivem em um mesmo entorno social. Dentre outros aspectos, tal pesquisa gerou tabelas com índices que permitem comparar países e compreender suas principais diferenças culturais. Assim, em culturas individualistas, como os Estados Unidos e a Austrália, os laços entre as pessoas são fracos e cada um deve encarregar-se de si mesmo e de sua família mais próxima. Logo, é comum, nesse tipo de sociedade, a família nuclear, composta por poucas pessoas. Em culturas coletivistas, como a Guatemala e o Equador, as pessoas se integram desde o nascimento em grupos fortes e coesos, que continuam protegendo-as por toda a vida. Portanto, é comum a família estendida composta por vários integrantes, que oferecem proteção em troca de lealdade. O Brasil ocupa uma posição intermediária nessa classificação e possui características tanto individualistas, quanto coletivistas (Id., p. 115).

O antropólogo holandês (1999, p. 114) acrescenta ainda que outra característica das sociedades individualistas é o fato dos pais se sentirem orgulhosos de que seus filhos, quando jovens, consigam pequenos trabalhos que lhes proporcionem algum dinheiro para seus gastos. Nos Países Baixos, por exemplo, o Governo paga uma quantia aos estudantes para que esses consigam se manter sem a ajuda dos pais e, a partir de 18 anos, já são considerados agentes econômicos independentes. Já em sociedades coletivistas não há essa preocupação. Nelas, são de extrema importância os eventos e as celebrações familiares como batismo, casamento e funerais, aos quais não se pode faltar. Os gerentes de empresa procedentes de países individualistas, frequentemente, não entendem porque seus subordinados de sociedades coletivistas pedem uma licença especial para participar daquele tipo de evento. Pensam que seus funcionários estão de brincadeira, quando na verdade a maioria dos pedidos é autêntica.

Outro fator de diferença entre sociedades individualistas e coletivistas é que nessas o contato social é intenso e contínuo, sabe-se manter a harmonia com o entorno social e evita-se o confronto direto, assim como a palavra “não” (Id., p. 113). A palavra “sim” nem sempre é usada para mostrar afirmação, mas para manter a linha de comunicação: “sim, estou ouvindo” é o significado que tem essa frase no Japão e também no Brasil. Comportamento diametralmente oposto apresentam as culturas individualistas, nas quais dizer o que se pensa é uma virtude própria de pessoas sinceras e honestas e o confronto pode ser saudável. Dessa forma, o choque de opiniões é um caminho para que a verdade se estabeleça e as pessoas devem aprender a aceitar as opiniões diretas de forma construtiva.

Segundo Hofstede (1999, p. 122), difere ainda a forma de relacionamento entre chefe e subordinado, pois, nas sociedades individualistas, a relação entre o empresário e o empregado é concebida fundamentalmente como uma transação comercial e, nas coletivistas, ela se assemelha a uma relação familiar, com obrigações mútuas de proteção e troca de lealdade. Dessa forma, nessas, o baixo rendimento de um empregado não é razão suficiente para demiti-lo, pois não se manda embora um filho. Já naquelas, o baixo rendimento ou uma oferta salarial melhor por parte de outro empresário são motivos suficientes para romper uma relação de trabalho.

Dessa forma, as características da cultura brasileira analisadas pelos antropólogos citados vão interferir diretamente na forma de falar, na escolha dos falantes por determinado vocativo, tal como o “*minha* filha” apresentado nas tiras [23] e [24], conforme será visto a seguir em 4.1.4.

2.2.2

Contribuições de trabalhos anteriores

As expressões analisadas neste estudo compõem uma estrutura maior chamada de vocativo, pois são usadas no tratamento direto, quando o falante quer expressar: respeito, aproximação, afeto, ironia, ofensa ou provocação e elogio em relação ao interlocutor. Portanto, serão tomados por base estudos anteriores de linguistas que já abordaram os temas em questão envolvidos nesta análise a

respeito do português brasileiro, a saber, a definição de Alencar sobre expressões formulaicas (ALENCAR, 2004); a análise de Capella sobre vocativos (CAPELLA, 2009); a sistematização de Carvalho sobre aumentativos e diminutivos (CARVALHO, 2009) e a descrição de Rebello sobre interjeições (REBELLO, 2002).

Segundo Alencar, expressões formulaicas são, como o próprio nome já evidencia, fórmulas com uma base fixa - um elemento que se repete- combinadas a diferentes elementos com significado depreendido somente dentro de um contexto situacional (ALENCAR, 2004, p.42). A leitura atenta das sentenças destacadas nas seis situações a seguir, todas transcritas das tiras analisadas neste estudo (anexo sete), permite visualizar a existência de tais fórmulas nas estruturas em negrito.

[1] Apelidos (conversa entre um casal)

Ela: - Amor, antes eu era **sua princesa**, agora sou **sua rainha!!** Como será que vai me chamar no futuro?

Ele: - Fala, **minha coroa!**

[2] Expectativas (Sabrina, jovem solteira, pensando em um homem com quem falou por telefone que irá comparecer a seu local de trabalho)

Ela: - Ai, nem acredito que hoje terei reunião com o João Paulo Neto! Pela voz ele deve ser um gato!!!

Ele: - Sabrina? Eu sou o João Paulo Neto! Muito prazer, **minha filha!** (Senhor de idade).

[3] Quem nunca amoleceu uma vez na vida? (Conversa ao telefone entre casal de namorados)

Ela: - Desta vez é pra valer!!! Acabou porque não sou palhaça!!!

Ele: - Mas **meu amorzinho...** Me arrependi, de verdade!!! Eu te amo tanto, tanto!

Ela: - Tá bom! Te dou mais uma chance! Também te amo muito amoooooor!!!

[4] É muito fácil agradar as mulheres (Conversa entre casal de namorados)

Ela: - Quatro anos de namoro e você nunca me deu flores! **Seu insensível!**

Ela: - Você me dando flores?! Fala a verdade! O que andou aprontando??

[5] Marido de aluguel (Pergunta de mulher solteira a um profissional autônomo que faz consertos a domicílio. Homem com cara de espanto)

Ela: - **Seu Joaquim**, o senhor se aluga para acompanhar solteiras em casamentos de parentes?

[6] Uma tragédia (Conversa entre marido e mulher ao assistir ao telejornal)

Ela: - **Meu Deus!**

Ele: - O que houve? Alguma tragédia no noticiário?

Ela: - Nenhuma, mas olha o que fizeram com o cabelo da apresentadora?

A observação das expressões destacadas nos diálogos das situações anteriores, assim como a análise do contexto, permite perceber que há algumas estruturas fixas somadas a outras, isto é, as citadas expressões formulaicas.

Em [1], há o tratamento usado entre um casal. Resgatando o discurso direto a que a mulher se refere, tem-se: “*minha* princesa” e “*minha* rainha”. Há também o uso de “*minha* coroa”. As duas primeiras formas são comuns para o tratamento afetuoso, já a terceira é irônica, pois essa é a maneira de referir-se a “uma pessoa idosa ou que está passando da maturidade à velhice” (MELLO, 2009, p. 142). A fórmula dessa estrutura é: **meu/ minha + [substantivo]** para o tratamento **carinhoso/afetivo** ou **irônico**, cf. 4.1.4.

Em [2], há o tratamento entre duas pessoas desconhecidas, uma jovem e um idoso. Este se refere àquela como “*minha* filha”, apesar de não terem qualquer grau de parentesco e ser a primeira vez que se veem. A fórmula dessa locução é a mesma anterior, **meu/minha + [substantivo]** para o **tratamento aproximativo**, cf. 4.1.4.

Em [3], há novamente o tratamento entre um casal por meio do vocativo “*meu* amorzinho”. Desta vez, a fórmula da estrutura é: **meu/minha + [substantivo no diminutivo]**. Tal uso é feito para **demonstração de carinho** e também será detalhado em 4.1.4, com base nos estudos de Freyre (2006), Barbosa (2007) e Carvalho (2009).

Em [4], há uma situação entre um casal de namorados, em que a namorada, insatisfeita com as atitudes do parceiro, usa o vocativo “*seu* insensível” para reclamar do comportamento do amado. A fórmula, então, é diferente: **seu + [adjetivo pejorativo]** para o **tratamento ofensivo** ou **provocativo**, cf. 4.1.4.

Em [5], tem-se um diálogo entre uma jovem e um homem de mais idade, em que ela o trata por “**Seu Joaquim**”. Apesar deste ‘seu’ não ser pronome possessivo, será abordado na atividade proposta para a aula de PL2E (cap.6) para mostrar a diferença entre essa forma de tratamento e os demais pronomes referentes a este estudo. A fórmula depreendida aqui é **seu + [nome próprio]** para

referir-se a alguém com quem não se tem ou não se quer ter intimidade ou a alguém mais velho. Segundo Capella (2009, p. 36), quando “senhor” está diante de nome próprio pode assumir a forma “seu”, conforme se vê no diálogo anterior.

Em [6], “**Meu Deus!**” mostra-se um uso diferente de todos os demais, pois se trata de um vocativo com valor de interjeição. A fórmula dessa estrutura é: **meu** + [substantivo do léxico religioso ou espiritual]. Equivale à ‘nossa!’, redução de “nossa senhora”. Como as demais formas, também será abordada em 4.1.5.

A análise das estruturas anteriores mostra que as mesmas fazem parte de um vocativo, sendo usadas no tratamento direto entre um locutor e um interlocutor, com exceção da exposta em [6], em que não a noção de chamamento direto perdeu-se, pois não se trata de uma oração religiosa, por exemplo, mas sim de uma fórmula de surpresa ou admiração. Azeredo (2008, p. 76) refere-se aos vocativos como frase de situação, um recurso linguístico por meio do qual o “enunciador identifica o interlocutor/destinatário – pessoa ou animal quando a ele se dirige”, realizado obrigatoriamente com uma modulação da voz – ou entoação – que sinaliza a intenção com que é proferido: alerta, apelo, saudação, repreensão, chamamento, etc. Os exemplos dados pelo autor incluem os usos dos possessivos de 1ª pessoa e de 3ª pessoa do singular: “*Seu* sem-vergonha”, “*Meu* caro Vinicius!”.

Seguem essa mesma visão os estudos de Capella (2009), tornam-se, portanto, pertinentes a esta análise. A definição de vocativo adotada pela autora é a de um vocábulo (substantivo ou adjetivo) ou de uma expressão usados para interpelação com forte carga semântica. Segundo a autora, a utilização cotidiana do vocativo

envolve uma série de questões não somente lingüísticas, mas também culturais, tais como proximidade/distanciamento das relações sociais, afetividade, entre outros. Dessa forma torna-se claro que as escolhas feitas pelos falantes não são, de maneira alguma, aleatória [sic] ou ingênuas. Elas são reflexos diretos de relações travadas entre os interlocutores, e suas respectivas intenções comunicativas. Sendo assim, é de extrema relevância que o aprendiz estrangeiro esteja ciente e atento para tais usos e distinções. (CAPELLA, 2009, p. 37)

Além dessas contribuições de estudos anteriores, no capítulo três, também serão citadas as exposições feitas por Carvalho (2009) e por Rebello (2002) para dar embasamento à análise realizada.

2.3

Coleta de corpus: o porquê dos quadrinhos

Os desenhos associados à sequência narrativa funcionam como recursos didáticos poderosos, tornando tanto mais acessíveis quanto mais “palatáveis” tópicos complexos, com os quais os professores têm dificuldade na prática docente. (MENDONÇA, 2010, p.223)

Este trabalho adotará como foco de análise as tiras cômicas da cartunista Cibele Santos, publicadas periodicamente no site www.mulher30.com.br. A escolha desse gênero textual foi feita por se tratar de um material autêntico e, ao mesmo tempo, de leitura prazerosa. Por material autêntico entende-se, segundo Carvalho (1993),

[...] todo aquele material que não foi adaptado, simplificado ou criado para ser ministrado a alunos de línguas (Berwald, 1986). Muito pelo contrário, é um material que foi escrito ou gravado para um público comum e não especificamente para alunos (Kienbaum et al., 1986) e reflete um contexto situacional e cultural próprio (Rogers e Medley, 1988). (CARVALHO, 1993, p. 118)

Outro fator para a escolha das tiras do *Mulher de 30* foi a temática referente a problemas do cotidiano feminino¹⁰, tais como relacionamentos, família, preocupações estéticas, necessidade de consumo, dentre outros, apresentada de forma atual e divertida e com a qual a autora se identifica.

Para melhor contextualização do gênero escolhido, é necessário, ainda, fazer um breve histórico sobre os quadrinhos e uma descrição sobre os recursos usados nesse gênero textual. A história dos quadrinhos como arte sequencial remete aos Estados Unidos e ao personagem *Yellow Kid*, de Richard Fenton Outcault, primeira história em quadrinhos (MOYA, 1993 apud VERONEZI, 2010) publicada no Jornal impresso *New York World* em 1895. Mendonça (2010, p. 210) afirma que com o menino amarelo nascia o primeiro herói dos quadrinhos. Não existiam os balões para representar as falas, essas eram escritas no camisolão amarelo do garoto pobre. Segundo Veronezi (2010, p. 22-23), para que se chegasse ao referido personagem, muito antes, com a criação da representação, o homem já dava os primeiros passos para o surgimento desse gênero, com as

¹⁰ A Literatura com tal temática é chamada de *chik lit* e tem se tornado muito comum em romances direcionados ao público feminino. No Brasil, vem sendo vulgarmente chamada de ‘literatura mulherzinha’ (VIVAS, 2009, p. 467).

ilustrações em sequência feitas nas paredes das cavernas dando a ideia de uma pequena ação ou movimento. Álvaro de Moya (apud VERONEZI, 2010, p. 23) acrescenta que “essa forma de comunicação foi utilizada como escrita pelos egípcios, como artifício para a narrativa da Paixão de Cristo em igrejas e como importante recurso de obras de arte em todas as épocas”.

Para Veronezi (Id., p. 25), história em quadrinhos é “a forma narrativa em que ilustrações e textos se complementam formando em um mesmo espaço uma trama que deve ser lida em conjunto dentro de um certo enquadramento [...]”. Ramos (2009, p. 17) afirma que os quadrinhos hoje são ferramentas pedagógicas fundamentais para o professor usar em sala de aula e possuem mecanismos próprios para representar elementos narrativos por meio de linguagem autônoma. O autor acrescenta ainda que

o espaço da ação é contido no interior de um quadrinho. O tempo da narrativa avança por meio da comparação entre o quadrinho anterior e o seguinte ou é condensado em uma única cena. O personagem pode ser visualizado e o que ele fala é lido em balões, que simulam o discurso direto (Idem, p. 18).

Marcuschi (2000 apud Mendonça, 2010, p. 211) também acrescenta que “as histórias em quadrinhos realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala (geralmente a conversa informal) nos balões, com a presença constante de interjeições, reduções vocabulares, etc.”.

Gazetta e Sobrinho (2011, p. 28) também definem história em quadrinhos como “estrutura narrativa apresentada por meio de mensagem icônica e mensagem linguística. Textos sintéticos e diretos, apresentados em balões ou legendas. Há utilização de metáforas visuais.”.

Portanto, como buscam representar integralmente a fala, muito interessam a este estudo, pois permitem ilustrar de forma lúdica a teoria aqui abordada por meio de inúmeros exemplos de usos das formas possessivas dentro de estruturas vocativas da oralidade brasileira. Além disso, os quadrinhos digitais podem ser lidos de qualquer lugar onde se tenha acesso à Internet, além de terem a vantagem de ser material disponibilizado gratuitamente.

Para entender melhor o gênero quadrinhos, Paulo Ramos (2009, p. 19) define algumas de suas características, a saber:

- predomínio da sequência ou tipo textual narrativo;
- uso de personagens fixos ou não;

- ocorrência da narrativa em um ou mais quadrinhos;
- tendência ao uso de imagens desenhadas ou fotos;

O referido autor segue a linha teórica que identifica os quadrinhos como parte de um hipergênero agregador de vários outros gêneros com uma mesma linguagem em textos predominantemente narrativos, tais como as charges, as tiras cômicas, etc. Para este estudo, foram selecionadas **tiras cômicas digitais**. Segundo Ramos (Id., p. 24), esse gênero tem como principais características ser curto, usar estratégias de humor e narrativas com desfecho inesperado e usar estratégias textuais semelhantes às de uma piada.

Outra característica própria desse gênero é o uso de balões. Ramos (Id., p. 36) afirma haver uma diferenciação no traçado e no contorno de cada um de acordo com a entonação que querem representar:

- balão com linha contínua (reta ou curvilínea): simula a fala dita em tom normal;
- balão com linhas tracejadas: sugere voz baixa ou sussurro;
- balão em forma de nuvem: sugere a representação do pensamento ou da imaginação;
- balão com traços em ziguezague: sugere voz alta, gritos ou sons eletrônicos.

Além do formato do balão, a letra usada no conteúdo desses também pode representar expressividades diferentes. Uma letra em negrito e em tamanho maior que as letras dos outros balões pode indicar grito, mas pode também dar destaque a um termo ou expressão sem determinar tom de voz alto. Uma letra em tamanho menor indica fala sussurrada ou em tom baixo. Além desse recurso, o autor de quadrinhos também dispõe de legendas, um recurso usado antes da fala dos personagens para representar a voz do narrador ou a voz de personagens para relembrar um fato ocorrido em tira anterior, por exemplo.

Há vários recursos de que dispõe um autor de quadrinhos para representar a oralidade, tais como: uso de marcadores conversacionais (é..., bom..., hã..., é que...); repetição de consoante para representar gagueira e sugerir surpresa ou incompreensão; uso de onomatopeias (“blá, blá, blá” ou “bzzzz, bzzzz”, “zzzzz”); representação de turnos conversacionais; risadas (“ah,ah,ah” ou “rá!, rá!, rá!”); uso de signos icônicos (pregos, caveiras, raios, estrelas, bombas) para representar palavrões, etc. Porém, esses recursos não serão abordados pois não são o foco deste estudo.

Considerando a língua como processo de interação social, a escolha das

tiras cômicas para material de análise teve por motivo o fato desse gênero textual já apresentar um contexto de uso, ou seja, sempre há um diálogo em determinada situação. Sendo assim, as orações analisadas não estão isoladas de contextualização. Por esse mesmo motivo, várias tiras usadas no corpus serão exploradas na atividade de aula proposta ao final deste estudo. Pretende-se com essa escolha fazer o que Almeida Filho (2002, p.15) denomina de abordagem contemporânea de ensinar línguas. Segundo o autor, essa abordagem “toma entre outras coisas o sentido ou a significação como requisito central e os compreende como função de uma relação. Algo terá sentido se for tomado em conjunto e em relação a alguma outra coisa”.

Além dos inúmeros conteúdos pragmáticos e culturais apreendidos das tiras do *Mulher de 30*, esse gênero é de fácil acesso e apresenta uma gama de elementos paralinguísticos, anteriormente detalhados, tais como o tom de voz e a expressão facial, representados iconicamente, que permitem ilustrar bem os vocativos em questão. A seguir, será feita uma pequena abordagem biográfica da autora das tiras escolhidas.

2.4

A autora das tiras cômicas e seu trabalho

Cibele Santos nasceu em Maringá, cidade onde mora e tem um estúdio. Realizou vários trabalhos de ilustração para sites, para a Secretaria de meio ambiente de Maringá, para a Caixa Econômica Federal, entre outros. Os anseios causados pela chegada dos 30 anos de idade foram passados para o papel em forma de tiras cômicas, compartilhadas, inicialmente, entre as amigas da cartunista por e-mail. Como fizeram sucesso, decidiu criar um blog para publicá-las e promover discussões, o *Mulher de 30* (www.mulher30.com.br), onde publica periodicamente as tiras, inspiradas em conversas com as amigas ou em situações relatadas pelas leitoras. Seu site tem cerca de 30.000 visitantes diários e, desde a criação, já teve três milhões de acessos. Seu trabalho também pode ser apreciado em redes sociais, onde interage diretamente com o público, respondendo a comentários e suscitando discussões a respeito de vários temas.

As tiras analisadas mostram suas personagens principais, descritas a seguir, e personagens itinerantes que representam vários tipos sociais:

Sabrina: personagem solteira. Definida pela autora como “uma garota muito louca” e “a cara da Mulher de 30”. É super competente no trabalho, mas um verdadeiro desastre na vida amorosa, pois só se envolve com homens cafajestes. Tem o difícil sonho de encontrar o príncipe encantado para levá-la ao altar.



Figura 1 - Sabrina

Disponível em: < <http://www.mulher30.com.br/p/anuncie.html> > Acesso em 22 out. 2012

Vitória Cristina (Vivi): personagem consumista compulsiva. Definida pela autora como “perua muito doida que não pode ver uma vitrine que (sic) está sempre no salão de beleza e vive com o cartão de crédito estourado”. Tem um marido chamado Gastão, um “super pão duro que sofre com os gastos excessivos da esposa”.



Figura 2 - Vitória Cristina

Disponível em: < <http://www.mulher30.com.br/p/anuncie.html> > Acesso em 22 out. 2012

Isabela (Belinha): personagem gordinha. Definida pela autora como aquela que “vive numa eterna briga com a balança controlando os impulsos de devorar barras de chocolate com refrigerante”. Apesar de os homens a acharem atraente, ela nunca se vê dessa forma. Por isso, às vezes pratica exercícios para “queimar as gordurinhas extras, mas sempre chega à conclusão de que não nasceu para isso e sua grande revolta é provar as roupas G minúsculas nas lojas chiques do shopping. Ela só perde uns quilinhos mesmo quando está sofrendo por amor, então acaba sempre vendo o lado bom de terminar um namoro”.



Figura 3 - Isabela

Disponível em: < <http://www.mulher30.com.br/p/anuncie.html> > Acesso em 22 out. 2012

Nanda: personagem homossexual. É uma garota super tecnológica. Definida pela autora como aquela que “adora teclar nos chats e investir em todas

as novidades *high-tech*”. Ainda não teve coragem de contar sobre sua orientação sexual para a mãe, dona Amélia, que vive tentando “desencalhar” a filha com os melhores partidos que encontra por aí. Ela tem horror de pensar em casamento ou morar junto.



Figura 4 - Nanda

Disponível em: < <http://www.mulher30.com.br/p/anuncie.html>> Acesso em 22 out. 2012

Gislaine: personagem que tipifica a mulher acometida pelos sintomas de tensão pré menstrual (TPM). Vive brigando com o marido, Luis Antônio, por causa da bagunça que ele faz quase todos os dias em casa. Ela sofre de uma grave crise de TPM e todo mês desconta sua fúria no marido e nos colegas de trabalho. “Tem um filho fofo e malandro chamado Lucas, que para desgosto dela é a cara do pai.”



Figura 5 - Gislaine

Disponível em: < <http://www.mulher30.com.br/p/anuncie.html>> Acesso em 22 out. 2012

Como, no corpus selecionado, não foram encontrados exemplos para todos os vocativos referentes a este estudo, também foram usados como corpus comentários escritos por várias pessoas na rede social *facebook*, devidamente autorizados por seus autores ou pelos usuários que os receberam, ou de domínio público (figura 9, p. 59). Portanto, será feita a seguir uma breve descrição dessa ferramenta virtual.

2.5

O Facebook e os autores dos comentários selecionados

Originalmente criado como “*The facebook*”, é um site de relacionamentos fundado pelo americano Mark Zuckerberg e por seus colegas de faculdade Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, em quatro de fevereiro de

2004. Foi criado para conectar os amigos, estudantes da Universidade de *Havard* e o nome do site remete ao livro dado aos universitários de algumas faculdades dos Estados Unidos para identificação pessoal e divulgação dos alunos entre si mesmos. Algum tempo depois, essa ferramenta de comunicação virtual gratuita foi estendida a demais universidades, a alunos secundaristas e, hoje, pode ser acessada por qualquer pessoa com mais de treze anos em distintos países.

Em seu estudo sobre as amizades virtuais no *facebook*, Amorim (2011), com base nas palavras de diferentes especialistas no assunto, afirma que é

um espaço onde podemos compartilhar gostos e interesses entre amigos. Um lugar que você pode expressar algo que faça parte da sua vida, de seu cotidiano, como comentar um filme, um jogo de futebol, um programa de TV, notícias, enfim qualquer coisa que seja interessante trocar com seus amigos [...] tem sido usado como um canal de disseminação de informações e filtragem assim como de disseminação de conhecimento” (VIANNA, 2011, p.13 apud AMORIM, 2011, p. 57).

Além de se conectar a amigos de diferentes lugares, o usuário do *facebook* pode evidenciar seus gostos, sua preferências musicais, fazer parte de comunidades virtuais, ter acesso a aplicativos diversos, publicar fotos, etc.

As frases do *facebook* selecionadas para análise nesta pesquisa foram postadas por pessoas de diferentes idades. Com o intuito de preservar a privacidade tais usuários, os comentários serão copiados em forma de figura, com a omissão da foto de perfil. Os autores das frases são mulheres, exceto o da figura 14, com formação acadêmica de, no mínimo, especialização completa, com exceção das autoras das frases apresentadas nas figuras 8 e 9, cujas autoras são desconhecidas por esta pesquisadora, por serem amigas de amigas. Também foram usados nesta análise, dois comentários feitos na rede social *Twitter*¹¹ (cf. figura 6 e figura 8), o título de um texto publicado em um blog (cf. figura 7) e uma tira cômica de Bruno Drummond, da coluna Gente Fina (cf. figura 14).

¹¹ Rede social e servidor para *microblogging*. Permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres, os *tweets*, cujo envio pode ocorrer após *login* no próprio *Twitter*, por SMS (mensagem por celular) e por softwares específicos de gerenciamento.

3

Metodologia da pesquisa

3.1

Aspectos metodológicos e perfil dos informantes

De acordo com Dias e Silva (2010, p. 46-47),

a pesquisa qualitativa envolve o uso de dados qualitativos obtidos em entrevistas, documentos e observações para a compreensão e explicação dos fenômenos. (...) As origens dos dados qualitativos incluem observação, entrevistas, questionários, documentos, e impressões/reações dos sujeitos pesquisados.

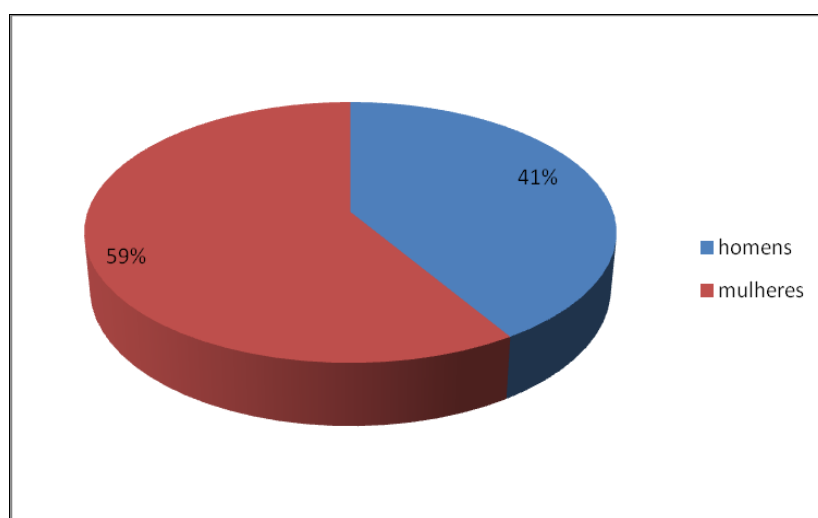
Portanto, esta pesquisa tem caráter predominantemente qualitativo, pois pretende analisar a forma como os principais pronomes possessivos sem valor de posse, que compõem estruturas vocativas, são empregados na fala cotidiana. Tal estudo será feito por meio da observação do uso desses possessivos em tiras cômicas, gênero textual que se realiza no meio escrito, mas busca “reproduzir a fala (geralmente a conversa informal) nos balões, com a presença constante de interjeições, reduções vocabulares etc” (MENDONÇA, p. 212), para classificar tais usos.

A fim de conhecer como os falantes nativos de português afirmam usar tais pronomes possessivos sem valor de posse, foi realizado um questionário (anexo 9) como instrumento de pesquisa com **34** informantes, com idade entre 15 e 50 anos, em sua maioria cariocas e fluminenses, a exceção de duas informantes cearenses, duas curitibanas, uma gaúcha e um estrangeiro (italiano), para corroborar com as hipóteses levantadas. Esse instrumento de pesquisa foi enviado pela autora por e-mail a inúmeros contatos de sua lista, dentre eles, amigos, parentes e colegas de trabalho, tendo recebido 22 questionários respondidos por e-mail. Esse número pareceu insuficiente à pesquisadora, que solicitou a uma amiga, aluna de Doutorado em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, a realização de mais alguns questionários com falantes cariocas, já que a mesma não poderia realizá-los por estar residindo fora do Brasil. Obteve, então, mais 12 questionários, respondidos por escrito, anonimamente ou presencialmente, por funcionários do Instituto Militar de Engenharia, localizado no Rio de Janeiro.

O questionário foi dividido em duas partes. A primeira buscou traçar o perfil do participante, caracterizando a idade, o sexo e a formação acadêmica deste. A segunda buscou caracterizar o uso de vocativo com maior carga pejorativa, maior carga afetiva e as formas mais frequentes de pronomes possessivos sem valor de posse empregadas por esses falantes em estruturas vocativas.

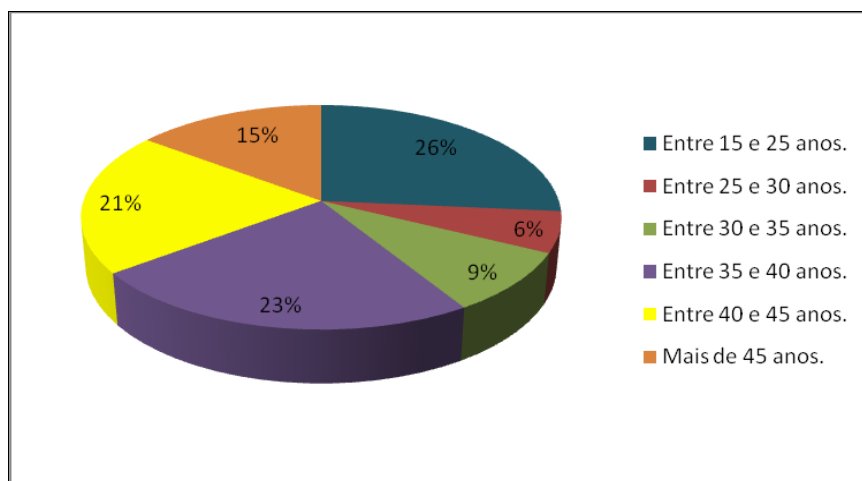
O grupo investigado foi composto por 34 informantes, com predominância do sexo feminino. Participaram 20 mulheres e 14 homens.

Gráfico 1 – Sexo



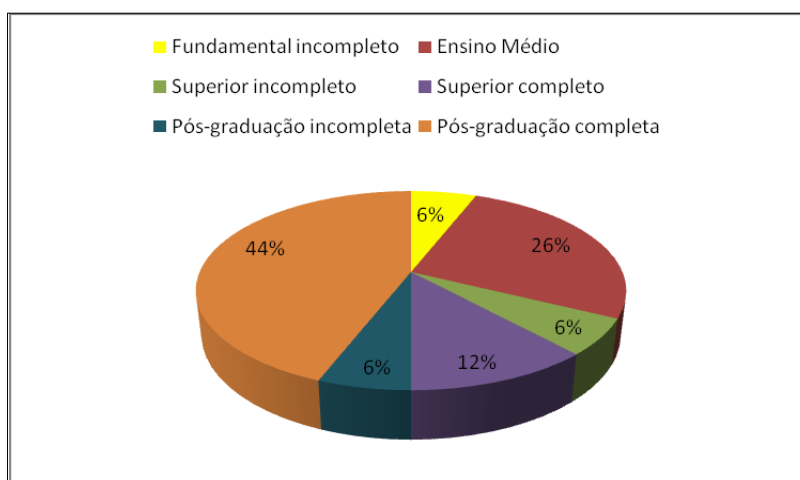
Quanto à faixa etária, a predominância foi de participantes com idade entre 15 e 25 anos. O segundo grupo predominante foi o de participantes com idade entre 35 e 40 anos. O gráfico a seguir permite visualizar melhor essas diferenças.

Gráfico 2 – Faixa etária



Quanto à formação acadêmica, a predominância foi de participantes com Pós-graduação completa, totalizando 15 participantes. Nove informantes tinham formação somente de Ensino Médio, quatro de Ensino Superior completo, dois possuíam a Pós-graduação incompleta e dois o Ensino Superior incompleto. Dois informantes possuíam apenas o Ensino Fundamental incompleto, opção não contemplada no questionário, acrescentada ao gráfico, conforme se observa a seguir.

Gráfico 3 – Formação acadêmica



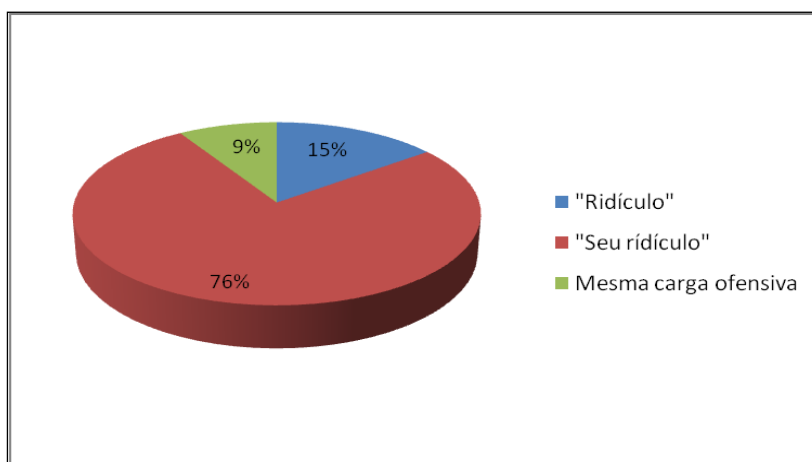
3.2

Uso de alguns dos possessivos sem valor de posse por falantes nativos

As perguntas do questionário apresentavam situações hipotéticas e para cada uma delas foi pedido que o participante marcasse qual seria a forma linguística, referente a vocativos, mais provável usada por ele(a). A primeira pergunta se referia a uma situação em que o entrevistado se deparasse com um ato de maltrato cometido na rua por alguém. Perguntou-se qual forma teria maior carga pejorativa para referir-se ao agressor, uma ofensa proferida sem usar o pronome ou com o pronome: “(seu) ridículo”. A maioria dos respondentes, ou seja, **26** informantes afirmaram que a forma com o pronome é a possuidora de maior carga pejorativa. Cinco afirmaram ser a forma sem pronome a de maior carga pejorativa e somente três participantes afirmaram que as duas maneiras têm

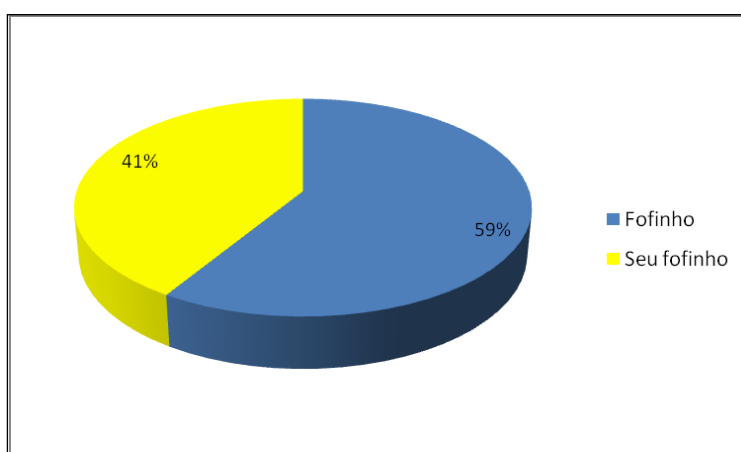
a mesma carga semântica. O gráfico a seguir permite visualizar melhor essas diferenças.

Gráfico 4 – Forma com maior carga pejorativa



A segunda pergunta do questionário se referia a uma situação em que o entrevistado tivesse que falar carinhosamente com um bebê ou uma criança. Perguntou-se qual forma seria mais afetiva: o uso de “fofinho” ou “*seu fofinho/sua fofinha*”. Nesse caso, a maioria dos respondentes, vinte (20), afirmaram que o vocativo sem o uso do pronome tem mais carga afetiva, conforme gráfico 5. Quatorze afirmaram ser a forma com pronome mais carinhosa. Portanto, as respostas dos informantes parecem indicar que o aumento da expressividade do valor do adjetivo que acompanha o pronome possessivo não ocorre em vocativos com valor afetivo.

Gráfico 5 – Forma com maior carga afetiva



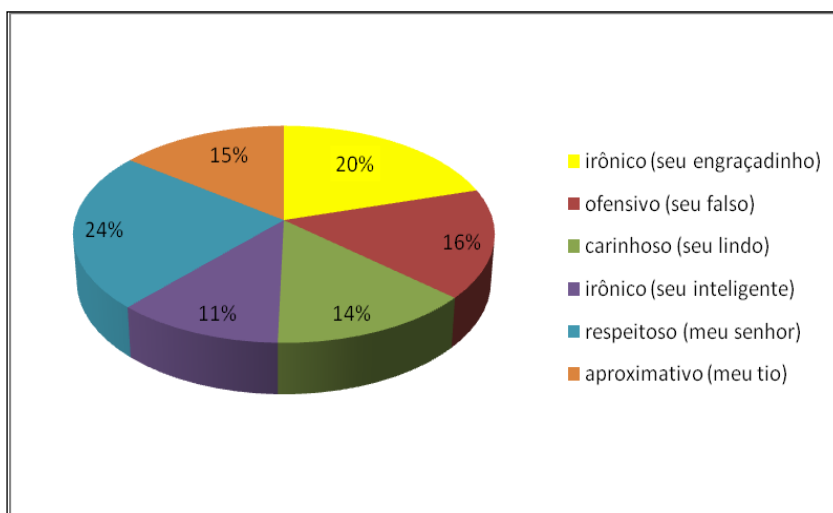
A terceira e a quarta perguntas objetivaram saber se os vocativos em questão são bastante comuns na rotina linguística dos informantes, o que justifica a relevância deste estudo, assim como quais são os usos de formas possessivas +

adjetivos/substantivos mais frequentes. Logo, o informante poderia marcar mais de uma opção de resposta para ambas as questões.

Todos os informantes (34) afirmaram fazer uso ou já ter ouvido vocativos acompanhados de pronomes, sendo os **vocativos com diminutivos**, “seu espertinho” (29 marcações) e “seu engraçadinho” (20 marcações), empregados com **ironia**, os mais frequentes. Os informantes citaram inclusive vários outros exemplos de formas irônicas ou ofensivas não mencionadas no questionário, tais como “seu bobo”, “seu boboca”, “seu cara de pau”, “seu covarde”, “seu idiota”, “seu mané”, “seu moleque”, “seu monstro”, “seu otário”, “seu palhaço”, “seu puxa saco”, e inúmeros outros, como formas bastante comuns em seu cotidiano. Percebeu-se que, conforme menos escolaridade possuía o participante, mais usos pejorativos e irônicos afirmava fazer.

Os vocativos menos marcados foram “seu/sua inteligente” usado com sentido contrário (15 marcações) e “seu/sua lindo(a)” (16 marcações). Contudo, essas marcações para “seu lindo” causaram estranheza, pois, conforme vai ser visto em 4.1.3, o uso desse vocativo tem sido comum na escrita, em sites, em blogs e em redes sociais, havendo inclusive a explicação para a origem desse emprego no site youpix.com.br (cf. 4.1.3), mas na oralidade ainda não é comum ouvi-lo.

Gráfico 6 – Vocativos mais empregados



4

Análise de material coletado

Os possessivos sem valor de posse analisados neste trabalho foram extraídos de 32 tiras cômicas publicadas no site www.mulher30.com.br. Tais tiras representam o registro informal e, apesar de a autora ser paranaense, não apresentam um dialeto específico daquele Estado, pois a linguagem usada pelos personagens remete à forma de falar de diversos brasileiros. Portanto, mesmo sendo um texto escrito, as tiras procuram representar a modalidade falada da língua.

Foi feita a visita à referida página de publicação de tiras online diariamente, a fim de encontrar material que ilustrasse a classificação realizada neste estudo a respeito do uso de pronomes possessivos sem valor de posse. A coleta desses quadrinhos ocorreu nos meses de junho e outubro de 2012 e de fevereiro a maio de 2013 e sua análise será feita a seguir.

Para elucidar melhor a descrição deste estudo, também foram usados exemplos de possessivos sem valor de posse retirados de: comentários na rede social *facebook*, em blogs, em fragmentos de músicas, em textos da Internet e em tira cômica da coluna Gente Fina, da Revista *O Globo*.

4.1

Uso de possessivos em contextos específicos

Conforme já foi visto em 2.1, diferentes gramáticos descrevem valores de possessivos não relacionados a posse em estruturas vocativas. Resumindo o que descreve cada um, chega-se às seguintes fórmulas. Rodrigues Lapa (1984, p. 162) aborda o uso de [*seu/sua* ou *meu/minha* + adjetivo (pejorativo)] com **forte sentido recriminativo** e de [*meu* + adjetivo] para expressar **malícia** e **ironia familiares**. Neves (2002, p.487-488) aborda o uso desses possessivos com emprego de [*meu/minha* + substantivo ou adjetivo] com **valor afetivo** ou **íntimo** e **tratamento cerimonioso** e de [*seu/sua* + adjetivo (com conotação negativa)] para expressar **provocação**. Bechara (2006, p. 183-184) afirma haver o emprego de [*meu/minha*

+ substantivo] com os matizes de **afeto**, **cortesia**, **deferência** e **submissão** e o emprego de [*meu/minha* + adjetivo] com o matiz de **ironia**. O autor também afirma que, em [*seu/sua* + adjetivo (pejorativo ou em tom irônico)], não há pronome possessivo, mas a redução familiar do tratamento *senhor*. Cunha e Cintra (2008, p. 338-339) abordam os matizes afetivos expressos pelos possessivos em fórmulas com o emprego de [*meu/minha* + substantivo] para acentuar um sentimento de: **deferência**, **respeito**, **polidez** e em fórmulas com uso de [*meu/minha* + substantivo ou adjetivo] para acentuar um sentimento de **intimidade** e **amizade**. No entanto, os exemplos a seguir, todos retirados do corpus analisado e de títulos de postagens em blogs ou textos da Internet, muitas vezes confirmam esses usos, mas também mostram outros não descritos pelos referidos gramáticos.

4.1.1

**[Seu/sua + adjetivo ou substantivo (com conotação pejorativa)] =
ofensa, provocação ou ironia**

Passou um moço, de terno branco
[...]
Cuspiu no chão,
Limpa aí *seu porcalhão*
Tenha mais educação¹²

O vocativo destacado na cantiga de roda anterior é usado na realização de um ato de fala de ofensa a um comportamento reprovável, considerado feio e até mesmo falta de educação no Brasil: cuspir no chão. Usou-se ‘*seu* + porcalhão’ (adjetivo aumentativo). Vocativos como esse, com pronome [*seu* + adjetivo ou substantivo] são o foco de análise desta seção.

Os diálogos a seguir, de [1] a [8], são a transcrição das falas das tiras cômicas de Cibele Santos. As construções possessivas sem valor de posse estão destacadas em negrito e as referidas tiras encontram-se no anexo sete (7).

[1] Dia dos futuros namorados...

(Mulher em conversa com o Cupido para que este acerte um pretendente)

- É aquele ali! E vê se acerta desta vez, ***seu incompetente!!!***

[2] Mulheres e seus animais de estimação

¹² Fragmento da cantiga de roda “Pombinha branca”, do Cancioneiro Popular Infantil Brasileiro.

(Jovem mulher falando ao telefone com seu namorado)

- Te amo, **meu gato!!!** (expressão de apaixonada)
- Te odeio, **seu cachorro!** (expressão de extremamente furiosa)

[3] É muito fácil agradar as mulheres

- Quatro anos de namoro e você nunca me deu flores! **Seu insensível!**
- Você me dando flores?! Fala a verdade! O que andou aprontando??

[4] Algumas atitudes não fazem sucesso com as mulheres...

(Homem gritando em dia de jogo de futebol) - Gooooooooo!!!

(Homem falando com outro) – Fala, Paulão **seu viado** [sic]!

(Homem dirigindo uma moto que emite vários sons): Peeemm, Tum, Pow, Paf.

[5] Mulher de TPM enfrentando o trânsito...

(Mulher sofrendo ultrapassagem de motociclista em trânsito completamente engarrafado)

- Ei [sic] **seu barbeiro!** Vai logo que a fila tá andando, %#\$*ε###!!! Não sabe dirigir não é? Droga de trânsito que não anda!!! Tenho hora pra chegar no trabalho %#\$* ε###! Ah motoqueiro %#\$*ε###! Toma buzina!!!

[6] Seca danada!

(Duas amigas conversando ao telefone)

- Menina, não sei aí, mas aqui tá uma seca danada!
- Aqui também, menina! Acredita que não pego ninguém há mais de 6 meses?!?
- Estou falando do clima, **sua louca!!!**

[7] O mundo anda complicado!

(Amigas se encontram fantasiadas em festa de Halloween)

- Como não estou com fantasia de Halloween, **suas loucas?** O esmalte é roxo!!!

[8] Quem ama cuida...

Das amigas...

- Você é amiga do Marcelo? Então querida, eu sou a NAMORADA!

Das mídias sociais...

- Você teve coragem de curtir o status dessa baranga, Osvaldo?!?

Do celular...

- Sim, é do celular do João Paulo. Então, ele mandou avisar que não é mais pra

você ligar, **sua vaca!**

Nas oito situações apresentadas, há usos bastante diferentes de vocativos com a mesma estrutura expressada pela fórmula [*seu/sua* + adjetivo ou substantivo (pejorativo)]. O que todas têm em comum é o fato de expressarem **insulto, provocação** ou **ofensa**. Em [1], apesar de haver uma situação fictícia, o vocativo poderia ser usado em uma fala real, por exemplo, por uma pessoa bastante chateada com outra que não haja cumprido uma tarefa satisfatoriamente. Situação semelhante é que se apresenta na seção 4.1.5, cf. figura 16 (p. 77). Na qual a devota de São Pedro¹³ usa “*seu sacana*” e “*seu puto*” para ofender o santo devido à mudança de clima.

Em [2], o uso de uma ofensa tão direta, “*seu cachorro*”, com alguém com quem se tem bastante intimidade, revela total indignação por parte da namorada e, provavelmente, término da relação. O uso presente em [3] também mostra uma provocação direta da namorada em relação ao namorado. Tal forma é bastante comum quando o interlocutor da ofensa é alguém com quem o falante não terá mais contato direto.

Goffman diz que um encontro com pessoas com as quais não haverá mais interações no futuro libera a pessoa para assumir uma linha ativa ou para sofrer humilhações, “algo constrangedor demais para enfrentar” (GOFFMAN, 2011, p.15), caso relações futuras fossem mantidas. É o que se percebe em [5], quando uma mulher usa “*seu barbeiro*” para ofender um mau motorista que dirige oferecendo riscos ao trânsito, e em [8], por meio da ofensa “*sua vaca*”, proferida por uma mulher a uma suposta amiga do namorado.

A situação ocorrida em [4] é apresentada pela autora das tiras como desagradável para as mulheres. Apesar disso, merece especial atenção, pois é uma forma de tratamento bastante própria da cultura brasileira na linguagem masculina. O uso de linguagem de baixo calão é muito frequente entre homens de diferentes grupos sociais. Portanto, a expressão “*seu viado*” [sic] não é difícil de ouvir no cumprimento entre homens. Michael Keep, jornalista americano que mora no Brasil desde 1983, observa essa característica da nossa cultura como “insulto carinhoso” (KEPP, 2003, p. 201), formas tipicamente brasileiras usadas para cumprimentar-se, tal como “*seu cafajeste*”. Em sua crônica, As várias

¹³ Na crendice popular, São Pedro, por ser conhecido como o porteiro dos céus, teria o poder de fazer chover ou de cessar a chuva.

linguagens, Luiz Fernando Veríssimo define bem essa característica do homem brasileiro. O texto, transcrito a seguir, está diretamente relacionado ao assunto abordado aqui, pois o autor descreve a forma de cumprimentos pessoais de vários países.

As várias linguagens

[...]

Já nós somos da terra do abraço, mas também temos nossas hesitações afetivas. O brasileiro é expansivo, mas tem, ao mesmo tempo, um certo pudor dos seus sentimentos. O meio termo encontrado é um insulto carinhoso.

Não sei se é uma características exclusivamente brasileira, mas é uma instituição nacional.

- **Seu filho da mãe!**

- **Seu cafajeste!**

São dois amigos que se encontram.

- Não! Só me faltava encontrar você. Estragou meu dia.

- Este lugar já foi mais bem frequentado...

Depois dos insultos, se abraçam com fúria. Os sonoros tapas nas costas – outra instituição brasileira – chegam ao limite entre a cordialidade e a costela partida.

Eles se adoram, mas ninguém se engane. É amor de homem. Quanto maior a amizade, maior a agressão. E você pode ter certeza que dois brasileiros são íntimos quando põem a mãe no meio. A mãe é o último tabu brasileiro. **Você só insulta a mãe do seu melhor amigo.**

- Sua mãe continua na zona?

- Aprendendo com a sua.

- Dá cá um abraço!

E lá vêm os tapas.

Um estrangeiro despreparado pode levar alguns sustos antes de se acostumar com a nossa selvageria amorosa.

- Crápula!

- Vigarista!

- Farsante!

- *My God!* Eles vão se matar!

Não se matam. Se abraçam, às gargalhadas. Talvez ensaiem alguns socos nos braços ou simulem diretos no queixo. Mas são amigos. Depois de algum tempo o estrangeiro se acostuma com cenas como esta. Até acha graça.

- Olha aqueles dois se batendo. Até parece briga. Um batendo na cara do outro. Devem ser muito amigos. Agora trocam pontapés. É enternecedor. Agora um pega uma pedra no chão e... Acho que é briga mesmo!

Às vezes é briga mesmo.

(Luiz Fernando Veríssimo. *O Estado de São Paulo*. 09 Nov 1992. Disponível em:

<http://juniormax.com.br/site_portuguesirado/?p=193> Acesso em 18 mai 2013, **grifo nosso**)

O texto de Veríssimo deixa claro que os vocativos em forma de “ofensa carinhosa” são bastante comuns na linguagem masculina entre amigos.

Demonstram intimidade, cujo auge seriam as brincadeiras envolvendo insultos referentes à mãe. Cabe ressaltar que essa forma de tratamento masculina é comum na região sudeste do Brasil.

Em seu estudo sobre as ofensas verbais, Grossi (2008) afirma haver características de ordem cultural relacionadas aos insultos.

[...] O que transforma um adjetivo ou um substantivo em um insulto?

Na forma de ofender o próximo parecem estar subjacentes valores e normas de uma determinada cultura, valores inscritos e institucionalizados na realidade social cotidiana através de práticas linguísticas e sociais. Nesse sentido, é interessante realçar como existem insultos típicos, característicos de alguns grupos sociais, enquanto existem outros que possuem uma abrangência muito maior, como no caso dos insultos que ouvimos no estádio, insultos que são compartilhados pelo gênero masculino, sem divisão de classe. Na prática social de insultar o próximo existem diferenciações internas entre os vários grupos sociais, que se articulam ao status do enunciador e ao contexto social da interação. (GROSSI, Gabriele. 2008. p. 1-2)

O autor cita uma categoria básica referente às ofensas verbais frequentes no vocabulário masculino em estádios de futebol, as ofensas de caráter sexual. Tal grupo inclui o exemplo citado em [3], “veado”, “filho da puta” e “corno” como as formas de baixo calão mais comuns naquele contexto, ou seja, são ofensas associadas ao comportamento sexual do próprio indivíduo (“*seu veado*”), ou ao comportamento sexual da mãe (“*seu filho da puta*”) ou ao da namorada/esposa (“*seu corno*”).

No que se refere ao vocabulário feminino para as ofensas, Grossi cita como termos mais comuns os vocábulos referentes a animais, vaca e galinha, com conotação de promiscuidade. Tal uso é o que se percebe em [8].

As situações ocorridas em [6] e [7] representam uma provocação irônica na fala entre mulheres. O vocativo “*sua(s) louca(s)*” é usado para descrever um comportamento fora do comum, inconsequente ou extravagante.

Portanto, as falas transcritas anteriormente, relativas às ofensas presentes no corpus analisado, permitem comprovar a diferença de gênero citada por Grossi na linguagem referente a insultos, algo de conteúdo fortemente cultural. As formas de insultar alguém, segundo o autor, são “geralmente reconhecidas, mais que conhecidas, pois operam de forma oculta e inconsciente” (GROSSI, 2008, p. 2) dentro de cada grupo social.

Ainda em **tom irônico** e por vezes, até ofensivo, há o uso [*seu/sua* + adjetivo com significado contrário]. Assim, um exemplo para esse tipo de vocativo seria: “*Seu* inteligente, não era pra ter feito isso. Eu não avisei?”, usado para referir-se a alguém que não fez algum procedimento conforme orientação recebida. Na verdade, o que o falante de uma oração como essa quer dizer é exatamente o oposto, menosprezando as capacidades intelectuais de seu interlocutor. Também não foram encontrados no corpus selecionado exemplos desse tipo.

Pode-se afirmar que os vocativos [*seu/sua* + substantivo ou adjetivo (com conotação negativa ou pejorativa)] para expressar **ofensa**, **provocação** ou **ironia** (inclusive com uso de adjetivo com significado contrário), são comuns:

- (a) no trato com pessoas com as quais não se travará mais contato;
- (b) no trato com pessoas íntimas, como na relação entre um casal (marido/mulher, namorado/namorada) ou nas relações de profunda amizade;
- (c) no trato entre homens da região sudeste do Brasil para cumprimentos amistosos.

Outra observação que pode ser feita sobre o uso desses vocativos é a de que a inclusão do pronome possessivo [*seu/sua*] na estrutura vocativa **dá mais ênfase** à **ofensa**, à **provocação** e à **ironia**, pois sem ele a agressão verbal seria menos expressiva, ou seja, desacompanhados dos possessivos esses adjetivos/substantivos perderiam força expressiva. Tal hipótese se confirma com base nas respostas ao questionário apresentado em 3.2, ilustradas no gráfico 4.

Os diálogos anteriores, por serem a transcrição das tiras cômicas, apresentam-se no texto escrito e só é possível perceber tal diferença de perda de ênfase imaginando a fala real. Porém, um exemplo retirado da ficção, mas com mostra de discurso oral, pode ser visto em um capítulo da novela *Amor eterno amor*¹⁴, em que a personagem Jáqui, uma mulher insegura e ciumenta, flagra a amiga de sua filha, Cris, tirando fotos de seu marido, Kléber, e tem uma crise de ciúmes. No episódio, Jáqui descobre que é vítima de uma brincadeira de mau gosto arquitetada por sua própria filha, Tati, para denegrir a imagem do padrasto, Kléber, um sujeito bem mais jovem que a esposa. Após a descoberta, inicia-se

¹⁴Novela da Rede Globo, capítulo do dia 07 de junho de 2012, disponível em <http://tv.globo.com/novelas/amor-eterno-amor/capitulo/kleber-se-separa-de-jaqui.html#cen/1982552>. Acesso em 14 jun 2012.

uma discussão e, no diálogo caloroso, ocorre o uso de [*seu/sua* + adjetivos pejorativos], descritos a seguir:

Jáqui (para Kléber, o marido): - “Você deveria era ter vergonha dela, de você, *seu* cretino”.

[...]

Tati (para Cris, a amiga): - *Sua* traíra.

A ofensa, se proferida somente com os adjetivos (“cretino”, “traíra”), ficaria menos negativa do que as formas acompanhadas dos pronomes.

Também se pode afirmar que o exemplo apresentado na epígrafe desta seção (*seu* porcalhão) mostra que esse tipo de vocativo em tom ofensivo também pode ser formado por substantivos/adjetivos no aumentativo, porém, parece haver menos combinações comuns para esse tipo, pois não foi encontrada nenhuma mostra de tal uso no corpus analisado.

4.1.2

[*Seu/sua* + adjetivo ou substantivo (no diminutivo)] = forma carinhosa ou irônica

A seguir, serão descritos outros usos de *seu/sua*, diferentes dos analisados nas tiras do *Mulher de 30*, todos retirados de textos da Internet, ou de redes sociais.

Os títulos a seguir, copiados de páginas e comunidades da rede social *Facebook* e de um blog da Internet, mostram o uso de [*seu* + adjetivo no diminutivo] em **tom afetivo**:

(1) Eu te amo, *seu* bobinho

(Disponível em:

<<https://www.facebook.com/EuTeAmoSeuBobinho?ref=stream>>);

(2) Amo você, *seu* bobinho

(Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Amo-Voc%C3%AA-Seu-Bobinho/450203271712710>>)

(3) Clarice Falcão, *sua* fofinha!

(Disponível em: <<http://simplesmenteelegante.com/clarice-falcao-sua-fofinha/>>)

O título do comentário feito por um internauta no *Twitter* “Nestlé, *sua* *espertinha*... Já percebi que você anda enchendo a caixa do Especialidades com *Milkybar*. Estamos de olho.” mostra um uso de [*sua* + adjetivo diminutivo] em **tom irônico** (cf. figura 6).



Figura 6 - Uso de seu + adjetivo com valor irônico

Disponível em: < <https://twitter.com/maureliosouza/status/189531651473289216> > Acesso em 25 out 12.

Logo, no uso de [*seu/ sua* + adjetivo diminutivo], o valor dessa construção vai depender do valor do diminutivo que compõe esse vocativo. Para fazer o emprego dessas formas com eficácia, o professor deverá explicar ao estrangeiro que o diminutivo no português brasileiro pode ter vários usos.

Sérgio Buarque de Holanda (2006) afirma que o brasileiro tem

[...] um pendor acentuado para o uso de diminutivos. A terminação -inho, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração (p. 162).

Claramente, percebe-se na descrição do antropólogo o uso afetivo, mas esse não é o único valor das partículas diminutivas. Desconhecer tais formas pode, inclusive, levar a cometer gafes. Bechara afirma que, além do valor relacionado a tamanho, tanto os aumentativos quanto os diminutivos

podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entonação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc) e os entornos que envolvem falante e ouvinte. (BECHARA, 2004, p. 141)

Para Carvalho (2009), os usos do sufixo diminutivo têm valores semânticos e valores pragmáticos e beneficia-se de fatores extralinguísticos, como os interlocutores e a situação comunicativa. Segundo a autora, *-inho(a)* pode ter: valor semântico de intensificação de uma propriedade inerente, realizado com uma entonação neutra: casinha, novinha, peixinho; valor pragmático de uma propriedade atribuída realizado com uma entonação marcada e funcionando como operadores de subjetividade, afetividade, avaliação, mitigação e crítica:

Joãozinho, benzinho, minutinho. A autora afirma que tal sufixo diminutivo “pode imprimir, dentre outras, a noção de **afeto**, **suavidade** e **delicadeza** ao significado da palavra base” (CARVALHO, 2009, p. 60. Grifo nosso).

No que se refere ao emprego dos diminutivos, Barbosa (2007) afirma que o “uso excessivo de diminutivos não marca apenas a linguagem afetiva atribuída às mulheres, como pode também marcar o estereótipo da linguagem infantilizada”. É muito comum o emprego de diminutivos na linguagem usada pelos pais ao falar com os filhos. Em matéria da *Revista Veja*, intitulada ‘A explosão da linguagem’, 49% dos pais entrevistados afirmaram usar linguagem infantilizada com seus filhos.

Talvez, essa característica tenha origens na história da colonização brasileira. Gilberto Freyre afirma que a língua portuguesa do Brasil sofreu um “amolecimento” por ação das amas negras que faziam com a linguagem o mesmo que com a comida: tiravam “as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles” (FREYRE, 2006, p. 414). Para o antropólogo, “a linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, pipi, bumbum, tentem, neném, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, didinho, bimbinha” (Id., Ibid.). O autor afirma também que

não só a língua infantil se abrandou desse jeito mas a linguagem em geral, a fala séria, solene, da gente grande, toda ela sofreu no Brasil, ao contato do senhor com o escravo, um amolecimento de resultados às vezes delicioso para o ouvido. (FREYRE, 2006, p. 414-415)

É evidente que a linguagem das crianças é diferente da linguagem adulta, assim como é diferente também a forma como muitos adultos se dirigem a seus interlocutores quando estes são crianças. Porém, essas diferenças fazem parte do cotidiano e não são ensinadas nos bancos escolares. A adequação da linguagem adulta à infantil ocorre naturalmente quando se quer demonstrar afetividade por meio das palavras. Tal linguagem, portanto, apresenta uma série de particularidades, como as citadas por Gilberto Freyre, dentre elas o uso de diminutivos. São exemplos de vocativos compostos por diminutivos usados nesse tipo de linguagem: “*seu fofinho*”, “*seu lindinho*”, etc.

No entanto, os resultados obtidos por meio do questionário usado como ferramenta desta pesquisa levam a crer que tais formas vocativas usadas para

referir-se a uma criança não são mais afetivas do que as formas sem o uso dos pronomes: “fofinho” e “lindinho”. Segundo 59% dos informantes da pesquisa descrita em 3.2, o vocativo sem o pronome tem maior valor afetivo. Logo, o uso do pronome “*seu/sua*” nesses casos tem função diferente dos pronomes que acompanham vocativos ofensivos, pois não acentuam a afetividade.

4.1.3

[*Seu/sua* + adjetivo com conotação positiva] = forma carinhosa ou elogiosa

Se seu cachorro tem, algum telefone
 Pede ele pra mim, pra eu perguntar seu
 nome
 Pra eu poder explicar o motivo do seu
 tombo
 Do céu você caiu
 Ei [sic] *sua linda*¹⁵!

Além dos usos descritos na seção anterior, possessivos acompanhando formas diminutivas para o tratamento carinhoso ou irônico, há também o uso de [*seu/sua(s)* + adjetivo com conotação positiva] para expressar **elogio** ou **carinho**. O vocativo em destaque no fragmento da canção anterior mostra um elogio. Outro exemplo de vocativo com valor de elogio é o seguinte: o título de um blog sobre o goleiro brasileiro, “Júlio César, *seu* lindo!” (cf. fig. 7).

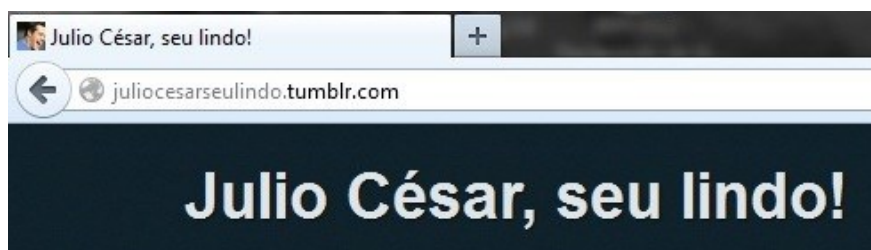


Figura 7 - Uso de *seu* + adjetivo com valor elogioso

Disponível em: < <http://juliocesarseulindo.tumblr.com/> > Acesso em 25 out 12.

O registro de tal uso ainda é desconhecido nas gramáticas linguísticas, pois é fenômeno recente como será visto a seguir. No site *youpix.com.br*, foi encontrada a explicação para tal fenômeno. O site é uma plataforma que discute os acontecimentos importantes na internet brasileira, além de explicar e organizar os movimentos culturais mais importantes que nascem nesse importante meio de

¹⁵ Letra de canção de Dener Ferrari, cantor sertanejo que vem fazendo sucesso no estado do Paraná. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/dener-ferrari/sua-linda.html>.

comunicação. Segundo Giovana Penatti, jornalista e uma das editoras do site *Youpix*, autora do texto “A origem da expressão ‘sua linda’”, o vocativo “*sua linda*” teve registro mais antigo em um blog e data de julho de 2006. A jornalista afirma que esse uso do vocativo começou a ocorrer por meio da web como bordão de amigo gay para falar com as amigas. Nesse contexto, a primeira ocorrência de “*sua linda*” data de 16 de janeiro de 2010, por Ande Teixeira, um blogueiro que dava conselhos amorosos aos leitores. Depois, o uso estendeu-se ao vocabulário de paquera virtual, popularmente conhecido como “xaveco”. Sendo assim, segundo a jornalista, o uso de “*sua linda*” popularizou-se graças ao *Twitter*, onde se encontram registros desde março de 2010 (@morazen). Posteriormente, a partir de agosto de 2010, o uso intensificou-se por meio do *Pedreiro Online*, uma página também do *Twitter* (@pedreiro_online) na qual se ensina diariamente a paquerar em menos de 140 caracteres. A seguir, foi escolhido um exemplo de *Tweet* (cf. nota nr 11, p. 44) que popularizou o vocativo em estudo, publicado na referida rede social em 24 de julho de 2013.

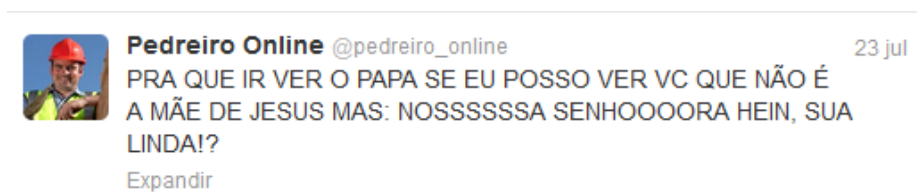


Figura 8 - Exemplo de *Tweet* com vocativo “sua linda”
Disponível em:< https://twitter.com/pedreiro_online> Acesso em 25 jul 13.

Um texto publicado no blog de um psicólogo (<http://alcoolgel.wordpress.com/2011/09/15/bom-dia-sua-linda-bom-dia-seu-lindo/>), intitulado “Bom dia, sua linda, bom dia, seu lindo!”, também comenta esse uso recente em textos escritos na Internet e dá exemplos de várias frases escritas por internautas com o vocativo em questão. Embora não seja um pesquisador de Linguística, a observação do autor desse texto vem totalmente ao encontro deste estudo, portanto, será transcrito um fragmento, a seguir, que ilustra melhor esse fenômeno linguístico recente:

Há algum tempo, tenho percebido que as pessoas tem [sic] usado muito o pronome possessivo “sua”/“seu” para se referir a coisas que, aparentemente, não lhes pertencem. Por exemplo: bom dia, quinta-feira, sua linda! Fim de semana, seu lindo! Textos para a prova de amanhã, seus lindos! Fim de tarde com sol cor de rosa, seu lindo! Chuva gelada no calor dos trópicos,

sua linda! E por aí vai. Eu poderia colocar aqui uma lista imensa de pronomes usados no *facebook*.

Então, o autor do texto do blog prossegue sua descrição citando vários outros exemplos para o referido vocativo “*seu/sua* lindo(a)”. Ao procurar na própria rede *facebook* títulos de páginas e comunidades com esse vocativo, encontram-se alguns como: “Química, sua linda” (<https://www.facebook.com/quimicasualinda?fref=ts>), “Seus lindos, suas lindas” (<https://www.facebook.com/SeusLindosSuasLindas?fref=ts>), etc.

Já os comentários a seguir, todos retirados de fotos postadas na rede *facebook* mostram usos de [*seu/sua(s)* + adjetivo com conotação positiva] para expressar **carinho**: (1) “*seus* lindos!”, frase escrita por uma jovem para seus amigos marcados em uma foto postada por ela mesma (cf. fig. 9); (2) “*sua* linda”, em frase escrita por uma fã do site Mulher de 30, ao referir-se à cartunista Cibele Santos, autora das tiras (cf. fig. 10); (3) “*seu* gostoso”, frase escrita por uma mãe para descrever a foto de seu próprio filho (cf. fig. 11) e (4) o vocativo “*suas* lindonas”, escrito por uma amiga para descrever a foto postada por outra amiga com sua filha (cf. fig. 12). Esse último exemplo mostra que tal uso também pode ocorrer com adjetivo no aumentativo, porém, parece haver menos combinações comuns para esse tipo de vocativo, pois também não foi encontrada nenhuma mostra com tal uso no corpus analisado. Porém, uma frase como a seguir “Volte aqui, *seu* fujão/*sua* fujona!”, dita por uma mãe a um filho que está brincando de se esconder, por exemplo, ou de uma pessoa conversando com seu bichinho de estimação, não soa incomum. Assim como também não soa raro o vocativo “*seu* bobão”, com valor provocativo. Porém, por não encontrar corpus com tais casos, esses usos não serão aprofundados nesta análise.

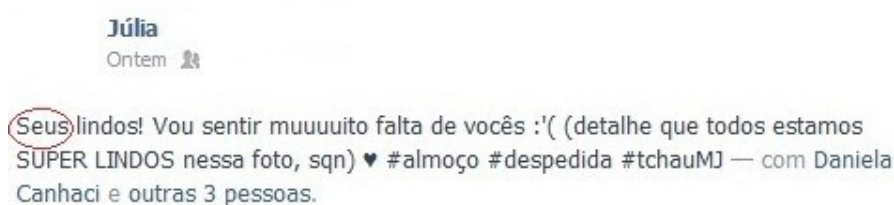


Figura 9 - Uso de seus + adjetivo com valor afetivo
Disponível em: < <http://facebook.com/> > Acesso em 01 mai 13.

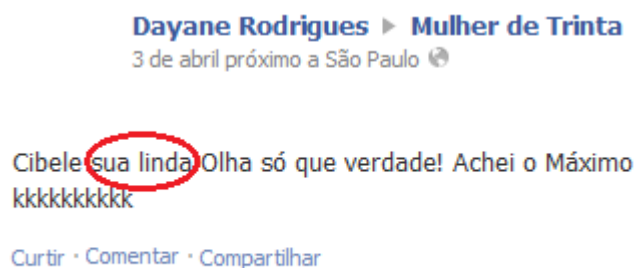


Figura 10 - Uso de sua + adjetivo com valor afetivo
Disponível em:< <http://facebook.com/> > Acesso em 18 mai 13.



Figura 11 - Uso de seu + adjetivo com valor afetivo
Disponível em:< <http://facebook.com/> > Acesso em 02 jun 13.

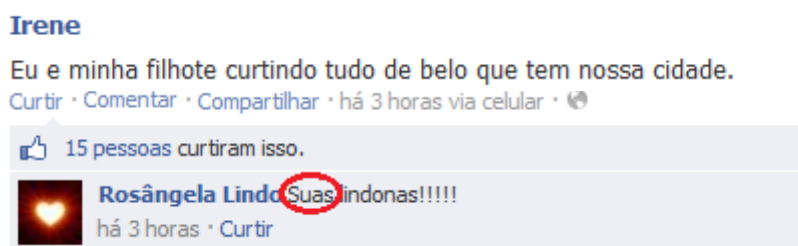


Figura 12 - Uso de suas + adjetivo no aumentativo com valor afetivo
Disponível em:< <http://facebook.com/> > Acesso em 18 mai 13.

Além da linguagem analisada nas tiras e nos fragmentos de texto anteriores, por iniciativa da própria autora, foram criados quatro quadros (2, 3, 4 e 5, a seguir) com os tipos de vocativos mais frequentes na linguagem cotidiana do brasileiro e com alguns exemplos de como esses podem ser empregados. Para tal, foi realizada a consulta a inúmeros verbetes do Dicionário Houaiss (2004) e, a partir daí, foi feita a análise de possibilidades de combinações de possessivos em posição pré-nominal com adjetivos e substantivos. Assim, combinações do tipo “meu ridículo” ou “teu ignorante”, para uma ofensa, por exemplo, não são encontradas em vocativos. Da mesma forma, “teu senhor” ou “seu senhor” para o tratamento cerimonioso também são agramaticais. Portanto, faz-se necessária uma esquematização de possíveis combinações. Reconhece-se, porém, a impossibilidade de esgotá-las, pois há inúmeras.

As formas *seu(s)*, *sua(s)* + adjetivos ou substantivos adjetivados, descritas nas seções anteriores, podem ter cinco usos em formas vocativas. Apenas um deles, o provocativo, já tinha sido previsto pelos gramáticos da Literatura consultada. Os demais são inovações propostas neste estudo. Os quadros a seguir são uma tentativa de sistematizá-los, sem a pretensão de esgotar as combinações exemplificadas, pois, conforme já foi mencionado, há inúmeras possibilidades. Sugeriu-se, então, uma nova classificação, de acordo com os vocativos descritos: em 4.1.1, com o uso de [*seu* + adjetivo pejorativo] para o tratamento **ofensivo carinhoso**, realizado no cumprimento entre homens da região sudeste; em 4.1.2, com o uso de [*seu/sua* + adjetivo ou substantivo (no diminutivo)] para expressar forma **carinhosa**, forma **irônica** ou forma **irônica com significado oposto** e em 4.1.3, com o uso de [*seu/sua* + adjetivos] para expressar **elogio** ou **valor afetivo**. Esses matizes semânticos não estão presentes em nenhuma das gramáticas consultadas, mas são usados com frequência, até mesmo em textos escritos nas redes sociais (cf. figuras de 8 a 12).

Para fazer referência às formas sistematizadas, nos quadros a seguir, será usada a nomenclatura *expressões formulaicas* (ALENCAR, 2004, p. 64), definidas como “fórmulas que possuem seu significado dentro de um contexto situacional” e “embora apresentem certos elementos fixos, apresentam uma mobilidade na forma” (Id., p. 30), conforme abordado em 2.2.1. Assim, cada quadro terá sempre o tipo de vocativo, a expressão formulaica que o compõe, um exemplo elaborado pela autora e o tipo de estratégia de polidez realizada (cf. 2.2).

Quadro 2 – Tipos de vocativos com ‘seu(s)’/ ‘sua(s)’		
Tipo de vocativo	Expressão formulaica/exemplo	Estratégia de polidez
(1) Provocação ou ofensa	[<i>Seu</i> (s), <i>sua</i> (s) + adjetivo ou substantivo adjetivado pejorativo] no grau normal e alguns no grau aumentativo. <i>Seus cretinos</i> , voltem aqui. Crie juízo, <i>seu</i> bobão!	negativa
(2) Ofensa carinhosa	[<i>Seu</i> (s), <i>sua</i> (s) + adjetivo ou substantivo adjetivado pejorativo] usado no cumprimento masculino entre amigos da região sudeste. <i>Seu</i> corno, quanto tempo. Como você está?	positiva

(3) Ironia	[<i>Seu(s), sua(s)</i> + adjetivo ou substantivo adjetivado (no diminutivo ou referente a boas qualidades, para expressar o oposto)] <i>Está pensando que vai me enganar, sua espertinha?</i> <i>Seu inteligente</i> , enquanto você vem com o fubá eu já estou com a polenta pronta.	negativa
(4) Carinho	[<i>Seu(s), sua(s)</i> + adjetivo ou substantivo adjetivado carinhoso (no grau normal ou no diminutivo)] <i>Vem aqui, seu lindinho!</i> A tia está com saudade de você. <i>Seu fofo</i> , não precisava ter se incomodado.	positiva
(5) Elogio	[<i>Seu(s), sua(s)</i> + adjetivo ou substantivo adjetivado referente a boas qualidades] Luan Santana, <i>seu lindo</i> , volte aqui!	positiva

A seguir foi feita uma lista de outros exemplos para os principais usos descritos no quadro dois, numerados de acordo com a classificação nele exposta.

Quadro 3 – Outros exemplos de vocativos com ‘seu’/‘sua’					
Tipo (1) Ofensivo ou provocativo			Tipo (1) Ofensivo ou provocativo		
seu(s)	abelhudo(s)	palhaço(s)	sua(s)	antiquada(s)	usurpadora(s)
	abestado(s)	patife(s)		baranga(s)	vadia(s)
	abusado(s)	peste(s)		boba(s)	venenosa(s)
	acéfalo(s)	ridículo(s)		boboca(s)	vulgar(es)
	afobado(s)	tarado(s)		bruxa(s)	
	animal(is)	sem vergonha(s)		bruaca(s)	
	babaca(s)	velho(s) barbado(s)		burra(s)	
	banana(s)			cadela(s)	
	bobo(s)			cínica(s)	
	burro(s)			complexada(s)	
	cara(s) de pau			cretina(s)	
	corrupto(s)			desgraçada(s)	
	covarde(s)			desiludida(s)	
	estúpido(s)			encalhada(s)	
	falso(s)			enferrujada(s)	
	folgado(s)			falsa(s)	
	galinha(s)			fofoqueira(s)	
	ignorante(s)			lerda(s)	
	incompetente(s)			louca(s)	
	insolente(s)			mala(s)	
	mané(s)			Maria mijona(s)	
	moleque(s)			mentirosa(s)	
	monstro(s)			mocreia(s)	
	otário(s)			rabugenta	
	palhaço(s)			resmungona(s)	
	patife(s)			safada(s)	
	peste(s)			traíra(s)	

OBS: A forma ofensiva também tem inúmeras construções com diversos palavrões.			
Tipo (3) Irônico		Tipo (3) Irônico com significado oposto	
seu/sua	almofadinha bobinho(a) danadinho(a) engomadinho(a) espertinho(a) safadinho(a)	seu/sua	corajoso(a) inteligente(a) esperto(a) educado(a) bem humorado(a) santinho(a)
Tipo (4) Carinhoso usado na fala com crianças ou animais		Tipo (5) Elogioso	
seu/sua	fofinho lindinho bonitinho cascãozinho carvãozinho fujão/fujona sapequinha sujinho sujismundinho	seu/sua	delicioso(a)* gostoso(a)* lindo(a) nerd *pode ter conotação sexual. Pode ser vulgar, dependendo do contexto.

Observa-se que, nos vocativos analisados, as formas possessivas assumem o valor da palavra que acompanham, logo, tanto a compreensão, quanto o emprego desses chamamentos são complexos, pois vão depender de vários fatores, dentre eles o conhecimento do vocabulário em questão e a entonação dada pelo falante. Porém, se o aprendiz estrangeiro se deparar com frases que contenham os usos expostos anteriormente, embora, talvez necessite analisar o contexto para saber qual valor elas terão, o acesso a essas explicações unido ao conhecimento do vocabulário que as acompanha, poderá diminuir as incertezas sobre os variados matizes contextuais de sentido que os possessivos possuem.

4.1.4

MEU/MINHA + [ADJETIVO ou SUBSTANTIVO] = forma respeitosa, afetiva, irônica ou aproximativa

Meu amor, minha flor, minha menina
Solidão não cura com aspirina
Tanto que eu queria o teu amor
[...]
Minha cara, minha Carolina
A saudade ainda vai bater no teto
Até um canalha precisa de afeto¹⁶

¹⁶ Letra da música *Meu amor, minha flor, minha menina* de Zeca Baleiro. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/zeca-baleiro/meu-amor-minha-flor-minha-menina.html>>.

O fragmento da música anterior apresenta um ‘eu lírico’ saudoso pela falta da mulher amada e tem, em destaque, vocativos aproximativos: “*meu* amor”, “*minha* flor”, “*minha* menina” e “*minha* cara”. Esses usos afetivos dos vocativos com pronome possessivo [*meu/minha* + adjetivo ou substantivo] e os demais, o cerimonioso, o irônico e o aproximativo, são o tema deste capítulo.

Os diálogos a seguir, de [9] a [24], são a transcrição de 16 tiras cômicas de Cibele Santos, numeradas de acordo com a sequência apresentada em 4.1.1. As construções possessivas sem valor de posse estão destacadas em negrito e as referidas tiras encontram-se no anexo sete (7).

[9] Apelidos (entre um casal)

Ela: - Amor, antes eu era **sua princesa***, agora sou **sua rainha*!!** Como será que vai me chamar no futuro?

Ele: - Fala, **minha coroa!**

[10] Minha fofa

Marido (expressão de preocupado, nervoso) falando com a esposa (expressão de brava)

- Amor! Quanto tempo ainda vai ficar furiosa por eu ter te apresentado na festa ontem como “**minha fofa**”?

[11] Mulheres...

(Marido e mulher conversando)

Ela: - Fale a verdade, Arnaldo! Você não me ama mais como me amava antes!!!

Ele: - Mas **meu amor!** De onde tirou essa ideia?!? Eu te amo exatamente como te amava quando nos conhecemos!!!

Ela: - Ah, é? Então quer dizer que seu amor não aumentou nada nesses anos todos?!?

[12] Quem nunca amoleceu uma vez na vida? (Casal de namorados conversando por telefone)

Ela: - Desta vez é pra valer!!! Acabou porque não sou palhaça!!!

Ele: - Mas **meu amorzinho...** Me arrependi, de verdade!!! Eu te amo tanto, tanto!

Ela: - Tá bom! Te dou mais uma chance! Também te amo muito amoooooor!!!

[13] Como anda o coração?

(Casal de amigos falando ao telefone)

Ele: - Faaaala **minha gata!** Diz aí... Como vai o coração?

Ela: Ah, anda vazio, abandonado, por quê?!?

Ele: É que meu tio é cardiologista! Se precisar de uma consulta me fala!

[14] Trocando o cachorro pelo gato...

(Duas amigas conversando)

-Então menina! Larguei o cachorro do João!!! O idiota me disse que eu ia ficar triste e sozinha, então arrumei um gato, o Wladimir!

Mais tarde...

(mulher dirigindo-se a seu gato de estimação)

- Wladimir, **meu amor!!!** Que saudade!!!

[15] Esses sabem conquistar uma mulher!

(cabeleireiro para cliente)

Relaxa, **meu amor!** Quando eu terminar você vai ser a mulher mais linda da festa!

Da festa não! Da cidade!!!

[16] Resolveu a vida

Sabrina, personagem solteira, falando com Gislaine, personagem casada

Sabrina: - Menina! A Soninha resolveu a vida! Vai se casar no fim do mês!

Gislaine: - Resolveu a vida?!? **Meu amor**, agora é que os problemas dela vão começar.

[17] O mundo muda, mas as pirraças continuam as mesmas! (mulheres falando ao telefone)

Anos 80

- Então... Sabe aquela sua foto que você adora? Já era **meu amor!!!** (rasgando a foto)

Hoje

- Nossa, você não tem backup de todas as fotos e dos arquivos importantes que estavam no meu PC?? Que pena...

[18] Desiludida (Sabrina acariciando a barriga de uma amiga grávida)

- Vai ser menina?!? Ai, **meu amor!** Fica aí dentro mesmo que aqui fora não tá nada fácil para nós, mulheres com esses homens insensíveis à solta por aí!!!

[19] A fila anda...

Mulher falando para o namorado com quem está terminando o relacionamento

- Quer terminar? Por mim tudo ok! A fila anda, **meu bem!!!**

No dia seguinte... (ao avistar o ex com outra)

- Não é que a lei de Murphy tem razão? A fila da gente sempre demora mais para andar!

[20] Realista

(Marido falando com a esposa passando creme no rosto)

Ele: **Minha nossa!** Você não cansa de passar tantos cremes, mulher?!?

Ela: A única mulher do mundo que foi linda sem cosméticos foi a Iracema, que tinha lábios de mel e cabelos como a asa da graúna, **meu bem...** Eu tenho que me cuidar!

[21] Erro de interpretação

(Duas amigas falando ao telefone)

- Meu negócio agora é tanquinho, **minha querida!**

[22] Contando para aquela tia da sua mãe como sua vida é um sucesso!

- Então, tia! Me formei, fiz mestrado, doutorado, consegui uma bolsa para estudar na Europa. Conheci vários países em todos os continentes, consegui emprego em uma multinacional e estou ganhando super bem! Esse ano posso ser promovida e ser a mais jovem diretora da empresa!!!

- Nossa, **minha filha!** Fez tudo isso e não conseguiu arrumar um moço pra casar?!?

[23] Expectativas (Sabrina, personagem solteira pensando em um homem com quem falou por telefone que irá comparecer a seu local de trabalho)

Sabrina: - Ai, nem acredito que hoje terei reunião com o João Paulo Neto! Pela voz ele deve ser um gato!!!

Homem: - Sabrina? Eu sou o João Paulo Neto! Muito prazer, **minha filha!** (Senhor de idade).

[24] **Minha filha**, não sou aleijada, só sou cega!

Os vocativos em destaque nos diálogos apresentados em [9], [10], [11], [12] e [13] se assemelham pelo fato de todos serem formas como o homem se dirige à mulher (namorada, esposa ou amiga) usando um pronome possessivo em primeira pessoa [*minha* + substantivo ou adjetivo]. Em [9], a mulher reproduz a fala anterior do marido que, provavelmente, se este fosse um diálogo real, teria sido feito usando o pronome em primeira pessoa “*minha* princesa” e “*minha* rainha”. Portanto, os vocativos “*minha* princesa”, “*minha* rainha”, “*meu* amor” e “*meu* amorzinho” são formas comuns usadas por homens ao se dirigirem às mulheres com as quais mantêm um relacionamento. Já as formas “*minha* coroa” e “*minha* fofa” não são formas bem aceitas por parte das mulheres. Na primeira, percebe-se um tom sarcástico, pois o vocativo faz referência à idade avançada. Mello (2009, p. 142) define ‘coroa’ como “pessoa idosa ou que está passando da maturidade à velhice”. Já a segunda forma, “*minha* fofa”, pode significar “bonita e graciosa” (MELLO, 2009, p. 256), mas também pode fazer referência a alguém que está começando a ter excesso de peso. Portanto, o que as tiras cômicas deixam claro, por meio da expressão facial das mulheres ilustradas, é que esses dois vocativos usados para referir-se a mulheres são inadequados, pois tocam em dois temas desagradáveis para a maioria delas. Afinal, quem conhece as regras de etiqueta já sabe que, no Brasil, perguntar a idade e o peso de uma mulher é algo muito indiscreto.

Em [12], o uso do diminutivo, “*meu* amorzinho”, acentua ainda mais a afetividade do vocativo. No contexto, o namorado está pedindo desculpas à namorada furiosa. Logo, quanto mais carinho ele utilizar, mais chance terá de ser perdoado.

Em [13], há o uso de “*minha* gata” na fala de um rapaz com sua amiga. Há um interesse dele em oferecer os serviços médicos do seu tio, talvez por isso o uso do adjetivo elogioso, que pode significar, no registro coloquial, segundo o *Dicionário Caldas Aulete Online*, “Mulher bonita, muito atraente” ou “Namorada, gatinha”. De acordo com Capella (2009, p. 55), o uso do vocativo “gata” feito de um homem para uma mulher é considerado feio e “não soa bem”. Não é o que se percebe na tira cômica em questão, já que a expressão facial da personagem denota felicidade. Portanto, a inadequação citada pela autora dependerá do grau de intimidade entre os interlocutores, dentre outros fatores contextuais.

Os vocativos apresentados em [14], [15], [16], [17] e [18] apesar de serem compostos por [*meu* + amor] têm uso diferente do vocativo apresentado em [11]. Em [14] e em [18] há semelhanças, pois a linguagem usada por muitos donos de bichinhos de estimação para referir-se a suas mascotes é muito semelhante à linguagem usada por adultos para falar com bebês. Em ambas as tiras há mulheres usando o vocativo “*meu amor*” de forma afetiva. Em [18], há ainda um fator cultural: o toque na barriga da amiga grávida, algo não raro de observar no comportamento de pessoas conhecidas ao encontrar uma gestante.

Os vocativos em [15] e [16], “*meu amor*”, e em [21], “*minha querida*”, se assemelham, pois são usados por pessoas que têm relações de amizade: o cabeleireiro- que geralmente quer agradar a cliente, e duas mulheres.

Em [17] há o uso do vocativo “*meu amor*” por parte da mulher ao falar com o homem com quem está rompendo o relacionamento. Há, portanto, uma ironia nesse emprego. Da mesma forma, o uso do vocativo “*meu bem*” em [19] é irônico. Ambos poderiam ser trocados nos dois contextos, pois não causaria mudança significativa.

Já em [22], [23] e [24], o vocativo “*minha filha*” somente é usado em relação familiar em [22], nas demais situações não se tem qualquer relação de parentesco. Trata-se de um uso aproximativo, tal como, muitas vezes, empregam-se “*minha querida*” ou “*meu irmão*”, tão típico na linguagem coloquial do falante carioca de sexo masculino, com pessoas com as quais não se tem qualquer intimidade. É comum ouvir essas formas vocativas que revelam mais um aspecto da cultura brasileira: a tentativa de aproximação entre a *rua* e a *casa*.

Conforme foi abordado no capítulo 2, DaMatta analisa a *casa* e a *rua* como dois espaços físicos com imagens idealizadas que se complementam. O primeiro é caracterizado como o lugar onde tudo é “bom, belo, decente” (2004, p. 15) e onde se tem um “supremo reconhecimento pessoal” (Ib., p. 16). O segundo é o espaço perigoso, onde “não há amor, consideração, respeito ou amizade.” (Ib., p. 17). Portanto, esse aspecto cultural explica o porquê do uso tão comum dos vocativos mencionados no parágrafo anterior.

Já o estudo do antropólogo holandês Geert Hofstede a respeito do Índice de Individualismo e Coletivismo classifica o Brasil como coletivista. Sobre o convívio em sociedade, em países coletivistas, a relação interpessoal prevalece

sobre algum assunto a tratar, a relação entre chefes e subordinados possui vínculo familiar e o coletivo invade a vida privada.

Portanto, o que DaMatta afirma sobre a tentativa de aproximação feita pelos brasileiros entre a “casa” e a “rua” é corroborado por Hofstede. Embora com diferentes ferramentas, ambos observam que, no Brasil, público e privado se misturam. Logo, esse comportamento se reflete no tratamento entre as pessoas. É o que se percebe quando o brasileiro usa vocativos ou diminutivos como tentativa de aproximação, por exemplo.

Outro uso muito comum, que não foi registrado nas tiras cômicas analisadas, refere-se ao vocativo “*minha* linda”. As orações a seguir foram retiradas da rede social facebook. Observa-se que a fala ocorre entre duas mulheres amigas que se gostam muito e o uso de “*minha* linda” é bastante carinhoso. Se fosse retirado o pronome [*minha*] do vocativo, este perderia um pouco da expressividade e o agradecimento seria menos íntimo. Portanto, o acréscimo do pronome ao vocativo aproxima as interlocutoras.

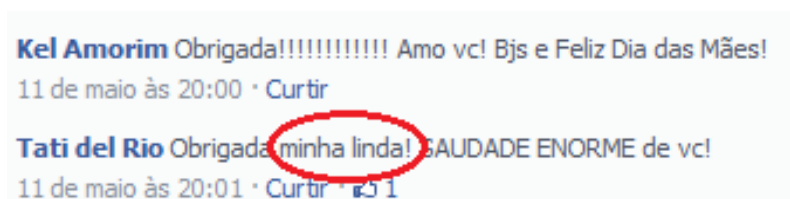


Figura 13 - Uso de *minha* + adjetivo com valor afetivo
Disponível em: < <http://facebook.com/> > Acesso em 18 mai 13.

Segundo Capella (2009, p. 53), na interação entre mulheres, os usos de vocativos como “linda”, “amiga” e “querida” soariam falsos caso utilizados com qualquer interlocutor, ou seja, é necessário um grau de proximidade considerável para usá-los. É o que se analisa na situação apresentada nas orações da figura anterior.

A análise das tiras da seção 4.1.4 permite sistematizar melhor a descrição dos gramáticos abordados em 2.1 para o uso de *meu(s)*, *minha(s)* + adjetivos ou substantivos adjetivados. A seguir, será feita uma tentativa de descrição dos principais usos dessas formas vocativas sem a pretensão de esgotá-las, conforme já foi mencionado.

Quadro 4 – Tipos de vocativos com ‘meu(s)’/ ‘minha(s)’		
Tipo de vocativo	Expressão formulaica/ exemplos	Estratégia de polidez
(1) Cerimonioso ou respeitoso	<i>Meu(s)/minha(s)</i> + [pronome de tratamento] ou [adjetivo] ou [substantivo] <i>Minha</i> senhora, passe por aqui, por favor. <i>Meu</i> prezado amigo.	Positiva
(2) Íntimo, afetivo ou de aproximação	<i>Meu(s)/minha(s)</i> +[substantivo] ou [adjetivo] em grau normal ou no diminutivo <i>Meu</i> anjo, não fale assim comigo. Não fique brava comigo, <i>minha</i> querida. “ <i>Meu</i> queridinho, será que você não cansa de dormir?” (TELLES, 1986, p.98)	Positiva
(3) Irônico	<i>Meu(s)/minha(s)</i> +[adjetivo] ou [substantivo] “Se você, <i>minha</i> querida, um dia bater em minha porta, juro que vou esmagar sua cabeça.”(NEVES, 2000, p. 488)	Negativa

A seguir foi feita uma lista de outros exemplos para cada uso acima descrito, numerados de acordo com a classificação do quadro quatro.

Quadro 5 – Outros exemplos de vocativos com ‘meu(s)’/‘minha(s)’					
Tipo (1)			Tipo (1)		
meu(s)	capitão		minha(s)	mãe	
	caro			senhora	
	comandante				
	coronel				
	general				
	presidente				
	prezado				
	senhor				
	tenente				
Tipo (2)			Tipo (2)		
meu	amigo	menino	minha(s)	estrela*	rainha
	amor*	mestre		filha	tia
	anjo*	nego		gata	velha
	bem*	pai		jovem	
	camarada	parceiro		menina	
	chapa	patrão		nega	
	chefe	rei		parceira	
	garoto	tio		princesa	
	irmão	velho		querida	
	jovem				

(*) Os vocativos *meu* amor, *meu* anjo, *meu* bem e *minha* estrela são usados no tratamento afetivo quando os interlocutores pertencem ao sexo masculino ou feminino, conforme se observa na figura a seguir, na qual o homem se dirige à mulher de forma carinhosa.



Figura 14 - Uso de *meu* + substantivo com valor afetivo

Disponível em: Revista O Globo, Nr 413.

Meu/minha coroa e *meu/minha* velho(a) são formas que podem ser usadas por um(a) filho(a) ao referir-se ao pai e à mãe quando fala sobre ele/ela, conforme se vê no comentário escrito na rede social *facebook*, ilustrado pela figura 15, a seguir, na qual esse uso configura uma forma afetiva.

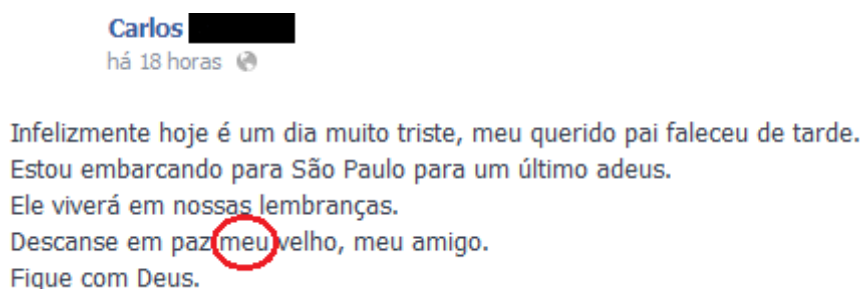


Figura 15 - Uso de *meu* + substantivo com valor afetivo

Disponível em: < <http://facebook.com/> > Acesso em 20 jun 13.

Já o vocativo *Minha* patroa é uma forma comum usada por alguns maridos de segmentos sociais mais populares para referir-se à esposa em conversas com terceiros, geralmente quando ela está ausente. Esse vocativo marca uma atitude de submissão do homem em relação à parceira. Porém, não foram encontrados exemplos, no corpus analisado, com tal expressão. Pode, portanto, ser objeto de análise em trabalhos futuros.

A análise dos dados coletados nas tiras e nos fragmentos de texto das redes sociais da Internet permite chegar a algumas conclusões parciais a respeito do uso de vocativos compostos por *meu/minha* e *seu/sua* sem valor de posse. Pelo quadro a seguir, é possível perceber que as formas mais comuns encontradas nas 24 tiras que compõem o corpus de análise se referem a: (1) vocativos formados por [*meu/minha* + adjetivo ou substantivo] para o **tratamento carinhoso**; (2) [*seu/sua* + adjetivo ou substantivo adjetivado (com valor ofensivo)] em **ofensas** ou **provocações** e [*meu/minha* + substantivo] para o **tratamento irônico**. Em menor número, mas não menos importantes, encontram-se o uso de [*meu/minha* + substantivo no diminutivo/aumentativo] para o **tratamento carinhoso**; [*meu/minha* + substantivo] para o **tratamento aproximativo** e [*seu* + adjetivo ou substantivo pejorativo] para o **cumprimento masculino entre amigos**.

Quadro 6 - Ocorrências de vocativos nas tiras			
Numeração da tira	Vocativo	Valor	Estratégia de polidez
[1] [2] [5] [8]	<i>Seu incompetente</i> <i>Seu cachorro</i> <i>Seu barbeiro</i> <i>Sua vaca</i>	Tratamento ofensivo	negativa
[4]	<i>Seu veado</i>	Tratamento ofensivo-carinhoso	positiva
[2] [9] [9] [13] [11, 14, 15, 16, 18] [10] [20] [21] [22]	<i>Meu gato</i> <i>Minha rainha</i> <i>Minha princesa</i> <i>Minha gata</i> <i>Meu amor</i> <i>Minha fofa</i> <i>Meu bem</i> <i>Minha querida</i> <i>Minha filha</i>	Tratamento carinhoso	positiva
[12]	<i>Meu amorzinho</i>	Tratamento carinhoso	positiva
[23 e 24]	<i>Minha filha</i>	Tratamento aproximativo	positiva
[9] [17] [19]	<i>Meu amor</i> <i>Meu bem</i> <i>Minha coroa</i>	Tratamento Irônico	negativa

As tiras não apresentam vocativos compostos de *seu/sua* + [adjetivo com valor irônico, carinhoso e elogioso], mas os usos explicitados em 4.1.2 e em 4.1.3

e exemplificados nas figuras de 6 a 14 parecem deixar claro que esses vocativos têm sido bastante comuns até mesmo nos textos escritos na Internet. Por isso, tais usos também serão explicitados no quadro a seguir.

Quadro 7 - Ocorrências de vocativos nas figuras			
Numeração da figura	Vocativo	Valor	Estratégia de polidez
[6]	<i>Sua</i> espertinha	Tratamento irônico	negativa
[7]	<i>Seu</i> lindo	Tratamento elogioso	positiva
[8] [9] [10] [11]	<i>Seus</i> lindos <i>Sua</i> linda <i>Seu</i> gostoso <i>Suas</i> lindonas	Tratamento carinhoso	positiva
[12] [13] [14]	<i>Minha</i> linda <i>Meu</i> anjo <i>Meu</i> velho		
[15]	<i>Seu</i> sacana <i>Seu</i> puto	Tratamento íntimo e ofensivo	positiva

Logo, também é possível perceber que o uso do vocativo elogioso ou carinhoso composto de *seu/sua* + [lindo(a)] está em crescimento no meio virtual escrito, principalmente nas redes sociais, conforme foi exposto em 4.1.3.

4.1.5

“NOSSA”, “MINHA NOSSA”, “MINHA NOSSA SENHORA” e “MEU DEUS”: surpresa ou espanto?

Ó *Minha Nossa Senhora* que estenda a mão
Sobre o meu país
Quem te implora outra Maria
A Maria qualquer
A Maria aprendiz
Eu também quero ser quem não quer
Quero ser feliz¹⁷

O fragmento da canção de Fátima Guedes apresenta o uso de um chamamento, uma súplica à mãe de Deus. O vocativo em destaque, de cunho

¹⁷ Fragmento da letra de *Minha Nossa Senhora* de Fátima Guedes.

religioso e bastante comum no cotidiano linguístico do brasileiro, tem uma característica curiosa a respeito dessa cultura: a tentativa de aproximação pessoal em quase tudo aquilo que é impessoal e o reflexo desse comportamento na linguagem. O vocativo com o uso do pronome possessivo na primeira pessoa do plural, “*nossa* senhora”, é algo que acaba parecendo distante, logo, acrescentou-se o pronome possessivo de primeira pessoa do singular, “*minha*”, na tentativa de aproximar mais a presença da virgem santa.

Segundo Holanda (2006), o brasileiro tem aversão ao ritualismo social, dificuldade de reverência prolongada ante um superior e um desejo de estabelecer intimidade. O autor afirma que o traço mais característico do espírito brasileiro é o “horror às distâncias” (Id., p. 164). “Nosso temperamento admite fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas quase somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de convívio mais familiar” (Id., p. 161-162). Por esse mesmo motivo, também é comum ao brasileiro uma grande intimidade com os santos.

Um exemplo evidente dessa intimidade pode ser visto no comentário a seguir, copiado da rede social *facebook*, no qual a usuária trata São Pedro como seu amigo íntimo.



Figura 16 – Tratamento íntimo com santo

Disponível em: < <https://www.facebook.com/> > Acesso em 15 jun 2013.

A análise de Freyre (2006) corrobora essa visão. O autor afirma que a intimidade com as divindades cristãs foi herdada dos portugueses.

Impossível conceber-se um cristianismo português ou luso-brasileiro sem essa intimidade entre o devoto e o santo. [...] enfeitam-se de teteias, de joias, de braceletes, de brincos, de coroas de ouro e diamante as imagens das virgens queridas ou dos meninos-Deus como se fossem pessoas da família. Dão-se-lhes atributos humanos de rei, de rainha, de pai, de mãe, de filho, de namorado. Liga-se cada um deles a uma fase da vida doméstica e íntima. (Id., p. 303).

Logo, o reflexo desse comportamento na linguagem fez com que se unissem dois pronomes possessivos em uma mesma expressão, “*minha nossa* senhora”, o que gramaticalmente pareceria impossível.

A seguir, de [25] a [32], serão analisados os diálogos de oito tiras cômicas que mostram vocativos, inicialmente de cunho religioso, que perderam a noção de chamamento/súplica e passaram a expressar somente **espanto** ou **surpresa**, tal como o apresentado na tira [20], “**Minha nossa!**” em 4.1.4 ou “**Nossa!**” das tiras [25 a 28] a seguir.

[25] Como a gente vivia?

Sabrina falando ao telefone com uma amiga

- **Nossa**, como a gente conseguia viver sem celular, facebook e SMS, amiga?
- A gente saía, se visitava e se via pessoalmente todo dia, amiga!

[26] Agora temos espaço

Marido e mulher conversando ao arrumar as malas para viagem

- **Nossa**, amor! Adorei esses sacos para armazenamento de roupas! Agora que você diminuiu espaço na mala posso levar minhas gravatas!
- Não senhor!!! Este espaço é para as coisas que vou comprar na viagem!

[27] Produção

- **Nossa**, querida... Agora sim você está linda!!!

[28] Pior!

Pior do que sair com o vestido igual ao da amiga...

- **Nossa**, paguei 800 reais neste vestido e não é exclusivo?!?
- É saber que ela pagou muito mais barato que você!!!
- Eu comprei no dia da liquidação! Paguei só 50 reais!

[29] O que as mulheres adoram ouvir de seus maridos...

Quando voltam do salão de beleza...

- **Minha nossa senhora!**

[30] Uma tragédia (Mulher falando com o marido ao assistir ao telejornal)

- **Meu Deus!**
- O que houve? Alguma tragédia no noticiário?
- Nenhuma, mas olha o que fizeram com o cabelo da apresentadora?

[31] Apaixonada...

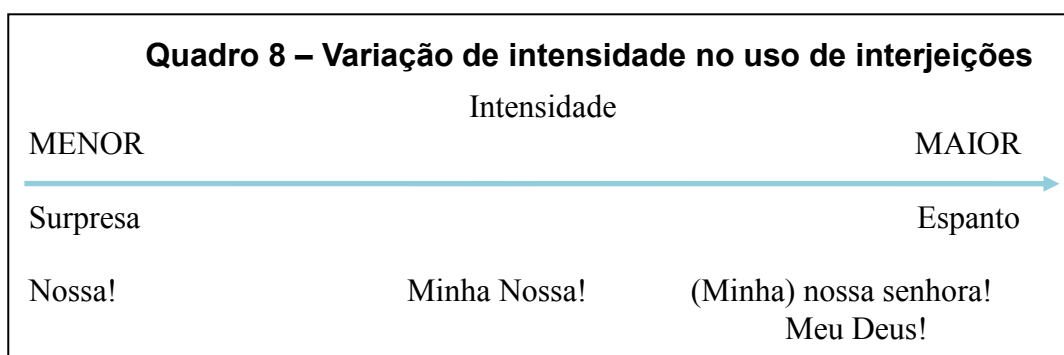
- **Meu Deus!** Deu pau no seu PC, você perdeu todos os arquivos e não tinha backup de nada?!?

- Nenhuma ligação até agora?!? **Meu Deus!!!**

[32] Coisas que você só percebe tarde demais...

- **Meu Deus!!!** Mande o e-mail desaforado para o contato errado.

A análise dos diálogos apresentados nas situações anteriores permite perceber que há uma gradação na surpresa ou admiração de acordo com cada contexto. Seguindo uma linha de progressão, parece haver uma intensidade de menor a maior, de acordo com o uso sozinho ou acompanhado dessa(s) interjeição/locuções interjetivas, conforme o quadro abaixo.



Segundo Rebello (2002, p. 30),

o espanto é uma reação com assombro, horror ou surpresa a algo escutado ou visto. A surpresa ocorre quando nos surpreendemos em relação a algo imprevisto, mas não necessariamente com terror ou assombro. Ainda que apresentem características que a diferem, ambas funcionam como uma forma de chamar a atenção ou alarmar para algo que assombra ou que não se espera [...].

Em seu estudo sobre as interjeições a autora classifica “nossa” como interjeição de surpresa e “nossa senhora” como de espanto. Portanto, reconhece haver aí uma gradação, apesar de não haver mencionado o uso de “minha nossa” e de “minha nossa senhora”.

O vocativo *Minha Nossa Senhora!*, originalmente de cunho religioso e comum a falantes de cultura católica, segundo Azeredo (2008, p. 76), cristalizou-se como locução interjetiva. Para Bechara (2006, p. 332), uma locução interjetiva é um grupo de palavras com valor de interjeição, “proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos”.

No cotidiano do falar brasileiro, percebe-se que essa forma cristalizada tem sido usada também isoladamente, de maneira reduzida: “Nossa!”, como interjeição de surpresa. No *Dicionário Caldas Aulete Digital*, conforme já mencionado em 2.1, o verbete ‘nossa’ é definido como interjeição de espanto ou surpresa e há uma observação sobre ser essa a forma reduzida da locução *Nossa Senhora*. Portanto, toda a característica de adjetivo possessivo se perdeu, pois não acompanha mais o substantivo ‘senhora’. Além disso, é forma usada por falantes de distintas religiões, não só católicos¹⁸. Segundo Rebello (2008, p. 21), “diante de um fato surpreendente, falantes da faixa de 60 anos poderiam dizer *Nossa!*, enquanto indivíduos de 15 anos poderiam usar *Cara!*, para expressar a mesma surpresa”.

Os exemplos ilustrados em [25], [26] e [27] indicam que esse uso é feito também por falantes de faixas etárias menores, ou seja, mais jovens também usam *Nossa!* para expressar surpresa. As ilustrações feitas nas tiras mostram pessoas que aparentam ter faixa etária menor do que 60 anos, já que são tiras de ‘mulheres de 30’ (anexo 7).

Já o vocativo “*Meu Deus!*” também demonstra a religiosidade do brasileiro, mas, nas tiras analisadas, parece haver um aumento na intensidade da surpresa. Em [28], a mulher se espanta ao ver o cabelo da apresentadora de telejornal, provavelmente porque houve uma mudança para pior. Em [29], o homem se espanta ao ver que a mulher perdeu todos os dados registrados no computador e profere um “*meu deus*” e essa mesma mulher se assusta ao ver que não recebeu nenhuma ligação do amado.

Alencar (2004) acrescenta que

a junção de pronome possessivo com um pronome de tratamento ou um substantivo são muito comuns na construção da expressão formulaica com a função de expressar espanto. [...] Podemos generalizar dizendo que é possível associar pronomes possessivos de primeira pessoa do singular ou do plural (meu, minha, nosso, nossa) com pronomes de tratamento ou substantivo (senhor, senhora, Deus, mãe, etc.). Observamos também que os substantivos precisam ser vocábulos com característica espiritual ou humana, muitas vezes, provavelmente, uma entidade como Deus, Pai (Celeste/ do Céu), Mãe, Jesus, santo, entre outras. (ALENCAR, 2004, p. 55)

¹⁸ As respostas à pergunta: “A expressão “minha nossa!” é uma forma reduzida de “minha nossa senhora!”?”, por distintos usuários da língua portuguesa, dá uma visão sobre o assunto. Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090418125641AATUQ7Y>

Logo, percebe-se que o espanto também pode se expressar por meio de outros vocativos com uso de possessivos, conforme descreve o quadro a seguir, apesar de, nas tiras analisadas, não haver todos esses registros.

Quadro 9 – Interjeições e locuções de espanto e de surpresa	
Tipo de vocativo	Expressão formulaica/exemplo
<p>(1) Espanto</p> <p>↓</p> <p>(2) Surpresa</p>	<p><i>Meu</i> ou <i>Nosso(a)</i>+ [substantivo com característica espiritual]</p> <p><i>Minha</i> [nossa senhora]!</p> <p><i>Meu</i> [Deus]!, como você conseguiu isso?</p> <p><i>Meu</i> [Jesus], onde você estava até esta hora?</p> <p><i>Nossa</i> [senhora]!, que roupa linda!</p> <p><i>Nosso</i> [Deus], não acredito que isso está acontecendo!</p> <p><i>Minha nossa</i>!, o que é isso heim? Vestida desse jeito, você vai simplesmente arrasar.</p> <p><i>Nossa</i>!, adorei o seu corte de cabelo.</p>

Portanto, também é tarefa do professor de PL2E mostrar a seus alunos esses usos interjetivos compostos por pronomes possessivos sem valor de posse tão comuns ao comportamento linguístico brasileiro.

Sendo assim, o capítulo a seguir apresentará uma síntese da análise aqui realizada, de forma a descrever expressões vocativas e interjetivas compostas por pronomes possessivos sem valor de posse, comumente usadas por falantes do português brasileiro, porém sem descrição na literatura existente sobre o assunto.

Conclusão

Este trabalho dedicou-se a descrever três formas de possessivos em vocativos, sem valor de posse, comumente usadas por falantes brasileiros na linguagem coloquial: *meu* + substantivo/adjetivo; *seu* + substantivo /adjetivo e *nosso* em vocativos que se cristalizaram como interjeições, a fim de elucidar melhor ao professor de PL2E como explicar tal conteúdo a seus alunos. Acreditava-se que o tema carecia de descrição para que as explicações do professor não fossem feitas sem fundamentação, somente com base em achismos.

As hipóteses levantadas foram:

(1) o emprego de *seu/sua* + [adjetivo] ou [substantivo com valor de adjetivo], em formas vocativas, expressa **ofensa, ironia, carinho** ou **elogio**;

(2) o emprego de *meu/minha* + [adjetivo] ou [substantivo], em formas vocativas, expressa **tratamento cerimonioso, tratamento íntimo/afetivo** ou de **aproximação e tratamento irônico**.

(3) o uso das formas apresentadas em (1) e em (2) é mais comum no singular, sendo pouco frequente seu emprego no plural;

(4) o **não** uso das formas de possessivo antecedendo adjetivos e substantivos acarreta perda de expressividade;

(5) o emprego do vocativo “*minha nossa senhora*”, e de suas reduções: “*minha nossa*” e “*nossa*”, tem valor de interjeição para expressar emoção variável de espanto a surpresa.

Sendo assim, no capítulo 2, apresentou-se a descrição do assunto em Cunha e Cintra (2008), em Bechara (2006) e em Azeredo (2008). Também se expôs a visão funcionalista de Neves (2000). Em resumo, a abordagem desses autores em relação a pronomes possessivos em estruturas vocativas refere-se a três usos específicos:

(1) [*meu/minha* + adjetivo ou substantivo] para **acentuar o sentimento de respeito, cortesia, afeto e intimidade**, como por exemplo, em: “*minha senhora*”, “*meu amigo*”, “*minha querida*”.

(2) [*meu/minha* + adjetivo] para **expressar ironia**, como por exemplo, em: “*meu tolo*”, “*minha querida*”;

- (3) [*seu/sua* + adjetivo pejorativo] para **expressar provocação** ou **recriminação**, como por exemplo, em: “*sua* idiota”, “*seu* banana”, “*seu* traste”.

Das quatro gramáticas consultadas, a única que menciona estruturas, originalmente, vocativas com o pronome possessivo *nossa* foi a de Azeredo (2008, p. 76). Porém, o autor apenas esclarece que a locução “Minha nossa senhora!” deixa de ser usada como vocativo e passa a ter uso somente interjetivo.

Para finalizar a descrição apresentada, também foram consultados o *Dicionário Caldas Aulete Digital* e o *Dicionário de expressões coloquiais brasileiras* (MELLO, 2009). No primeiro, foram achadas explicações para o uso de vocativos como: “*meu* amigo” para expressar **estima**, e para vocativos compostos por [*seu* + adjetivo], usados com **intenção agressiva** ou **jocosa**, como em “*seu* safado”. Também se descreveu “*nossa*” como redução de “Nossa Senhora” e como interjeição de espanto e de surpresa. No segundo, por ser um dicionário de expressões coloquiais, havia verbetes para vocativos formadas por [*meu* + substantivo ou adjetivo] para expressar **tratamento íntimo**, de **camaradagem**, de **intimidade** e **afetuoso**, tais como: “*meu*”, “*meu* amigo”, “*meu* camarada”, “*meu* irmão”, “*meu* anjo”, etc.

Logo, a consulta à Literatura permitiu constatar que o tema necessitava de descrição mais detalhada, pois nenhuma das gramáticas citadas apresentou visão mais abrangente de como ocorre, de fato, o uso de pronomes possessivos sem valor de posse em estruturas vocativas. Percebeu-se, ainda, que os manuais para ensino de português para estrangeiros consultados não abordavam tal conteúdo. Constatou-se, também, que dicionários abordavam o tema de forma bem sucinta.

Ainda no capítulo 2, a fim de situar, no amplo panorama de estudos da linguagem, a descrição aqui proposta foram apresentados conceitos referentes à Pragmática que se alinham à análise realizada, a saber, o conceito de **atos de fala** (ARMENGAUD, 2006), de **face** (GOFFMAN, 2011) e de **polidez** (LEVINSON, 2007).

No capítulo 3, foram apresentados os dados obtidos por meio da realização de um questionário com o intuito de saber como os falantes nativos do português brasileiro usam vocativos compostos por pronomes *meu* e *seu*. Esse instrumento de pesquisa foi realizado com 34 informantes, sendo 20 do sexo feminino e 14 do

sexo masculino, em sua maioria, cariocas. O questionário conteve três perguntas sobre situações hipotéticas envolvendo o emprego ou não desses vocativos.

No capítulo 4, foram apresentadas as análises referentes aos vocativos em estudo, extraídos do corpus selecionado, as falas das 32 *tiras do Mulher de 30*, assim como da observação detalhada de alguns comentários escritos em páginas pessoais da rede social *facebook* e de blogs. Tal análise permitiu chegar às seguintes conclusões:

- (1) formas vocativas compostas por [*seu/sua* + adjetivo ou substantivo (em grau normal ou no aumentativo)] expressam: **provocação** ou **ofensa**, tal como em “*seu cretino*” ou “*seu bobão*”;
- (2) formas vocativas compostas por [*seu/sua* + (adjetivo) ou (substantivo) pejorativo], para expressar provocação ou ofensa, possuem maior carga pejorativa que formas sem pronome. Em outras palavras, **o acréscimo de *seu/sua* aos vocativos ofensivos e irônicos intensifica sua carga semântica pejorativa.**
- (3) formas vocativas compostas por [*seu/sua* + adjetivo ou substantivo (em grau normal ou no diminutivo)] expressam **afetividade**, tal como em “*seu fofo*” ou “*sua sapequinha*”;
- (4) formas vocativas compostas por [*seu/sua* + (adjetivo diminutivo) afetivo], para expressar carinho, possuem carga semântica semelhante às formas sem pronome. Assim, **o uso de *seu/sua* somado a adjetivos diminutivos não acentua a afetividade expressada pelo vocativo.**
- (5) formas vocativas compostas por [*seu/sua* + adjetivo ou substantivo (diminutivo ou com significado oposto)] expressam **ironia**, tal como em “*seu espertinho*”, “*seu inteligente*” ou “*sua santinha*”;
- (6) formas vocativas compostas por [*seu/sua* + adjetivo ou substantivo (do léxico relacionado à virilidade masculina ou ao oposto dela)] também podem expressar **ofensa carinhosa**, usada no cumprimento entre homens da região sudeste do Brasil, tal como em “*seu cafajeste*” ;
- (7) formas vocativas compostas por [*seu/sua* + adjetivo (referente a qualidades positivas)] também podem expressar **elogio**, tal como em “*seu lindo*” e têm se tornado bastante comuns no meio escrito virtual;
- (8) formas vocativas compostas por [*meu/minha* + adjetivo ou substantivo] **acentuam os valores de cerimônia ou de respeito**, tal como em

“*minha* senhora”; **de afetividade**, tal como em “*meu* prezado”; **de aproximação ou intimidade**, tal como em “*minha* linda” ou “*meu* anjo” e **de ironia**, tal como em “*minha* querida” ou “*meu* bem”;

- (9) formas vocativas compostas por [(*seu/sua*) (*meu/minha*) + substantivo ou adjetivo] **também podem ser usadas no plural e esse uso não acarreta perda de expressividade**, porém, é pouco frequente, pois no corpus analisado só foi encontrado um (1) exemplo (tira 7);
- (10) locuções interjetivas compostas por [*meu/minha/nosso(a)* + substantivo referente a um ser divino ou espiritual], tais como “Minha nossa senhora!”, “Minha nossa!”, “Meus Deus!”, “Nosso Deus!”, etc. expressam espanto ou surpresa mais acentuada do que o uso isolado da interjeição: “*nossa*”.

Sendo assim, a análise anterior permite afirmar que das hipóteses apresentadas em 1.6 (cf. p. 14), confirmam-se as de número (1), (2) e (5). Não se confirma a hipótese de número (3) [vide explicação exposta no item 9 acima]. E confirma-se em parte a hipótese de número (4), posto que, somente perdem expressividade as formas vocativas ofensivas e irônicas não acompanhadas de pronomes possessivos. Tal perda não ocorre com as formas vocativas afetivas desacompanhadas do pronome.

Portanto, a análise do corpus permite afirmar que, no português brasileiro, ocorrem outros usos de vocativos compostos por pronomes possessivos sem valor de posse não descritos pelos gramáticos consultados (cf. p. 22). Esse estudo objetivou detalhá-los a fim de contribuir com o embasamento teórico necessário ao professor de PL2E na elaboração de suas aulas para que se minimizem as lacunas na aprendizagem do aluno estrangeiro. Porém, é evidente que o detalhamento aqui proposto não deve ser abordado de forma isolada de contextualização, fator importantíssimo para o êxito da aprendizagem. Portanto, a fim de contribuir com a colocação em prática desses conteúdos, sugere-se uma atividade de aula descrita a seguir.

Proposta para aula de PL2E

“(...) quando adquirimos uma língua não aprendemos unicamente como compor e compreender frases corretas como unidades lingüísticas isoladas de uso ocasional; aprendemos também como usar apropriadamente as frases com a finalidade de conseguir um efeito comunicativo. Nós não somos simplesmente gramáticas ambulantes”. (WIDDOWSON, 2005, p. 14)

A tarefa do professor de PL2E não é fácil devido à escassez de meios disponíveis para ensinar vários conteúdos relativos ao modo de falar do falante nativo brasileiro. Portanto, no que se refere ao objetivo deste trabalho, como tentativa de auxiliá-lo nessa tarefa sugere-se uma atividade com base nos quadrinhos que fizeram parte do corpus analisado neste estudo e outros retirados do site *Mulherde30.com*. O objetivo principal da atividade é despertar a percepção dos alunos para a compreensão dos usos de vocativos compostos por possessivos sem valor de posse expostos nas tiras cômicas e promover o emprego desses vocativos de maneira adequada. O uso das tiras selecionadas se deu por serem, na opinião da autora desta dissertação, não somente um material que apresenta o conteúdo em questão de forma lúdica, mas também um material rico para o professor promover discussões e comparações culturais em aula.

Sendo assim, a atividade proposta parte da inferência do uso. Segundo Widdowson (2005, p.144), perguntas de inferência do uso “são elaboradas para centrar a atenção do aprendiz na descoberta de como as frases são usadas no discurso”. As seis questões partem da observação dos atos de fala dos quadrinhos para, a partir deles, elaborar enunciados com o emprego de pronomes de forma adequada. Dentre as questões propostas, foram incluídas opções (questão 2, situação 7 e questão 3, letra a) com o uso do pronome de tratamento Seu + [nome próprio] para permitir que o aluno seja capaz de diferenciar tal forma das demais.

Sugere-se tal atividade para trabalhar com alunos em nível intermediário ou avançado de aprendizagem de PL2E. Em cada quadrinho há várias situações que podem ser exploradas pelo professor, além dos usos de vocativos, como: as questões referentes ao universo feminino abordadas em cada tira cômica; a entonação das frases; os tipos de tratamento apresentados (formal, informal,

coloquial, vulgar); a relação entre a idade dos personagens e a linguagem utilizada; a adequação da linguagem de acordo com cada contexto, etc.

Para auxiliar a realização da atividade, apresentada a seguir, sugere-se, ainda, o uso dos quadros com exemplos de vocativos, apresentados no capítulo 4, assim como a consulta a dicionários.

6.1

Atividade

A seguir, serão apresentadas sete questões a respeito do assunto em pauta, direcionadas a alunos em nível intermediário de aprendizagem. Para cada uma delas, foi elaborada uma sugestão de resposta grafada em cor vermelha, com exceção daquelas que demandam respostas pessoais.

O professor deverá ter por objetivos: (1) chamar a atenção para vocativos com possessivos sem valor de posse; (2) explicar o uso desses vocativos adequadamente; (3) mostrar qual deve ser a entonação adequada ao pronunciá-los; (4) ressaltar a diferença entre *seu* + nome próprio e *seu* + adjetivo ou substantivo adjetivado e (5) promover a prática da oralidade por meio de comparação cultural a respeito da temática apresentada nas tiras.

Questão 1

Leia a tira a seguir.



Disponível em: www.mulher30com.br

a) Comente a que se refere o “meu” usado na fala do primeiro quadrinho.

O professor deve ajudar os alunos, pois muitos não conhecem essa gíria do dialeto paulistano e sulista. Deve explicar que *meu* é usado por homens e mulheres para se referirem a outras pessoas independente do sexo, apesar de ser a redução de “meu amigo”.

b) Pelo olhar da “gata” no último quadrinho, percebe-se que o “gatinho de 18” cometeu um erro. Qual foi?

O rapaz começa elogiando a moça, mas termina a fala cometendo o erro de tocar no assunto “idade” e dá a entender que ela já é bem mais velha, apesar de conservada. Para muitas mulheres esse assunto é desagradável.

Questão 2

Leia os seguintes quadrinhos, todos retirados do site mulherde30.com. Analise as formas sublinhadas e o contexto em que elas são usadas. Depois, escreva nas lacunas o valor que cada forma tem:



- (1) Te amo, meu gato! Valor: _____ (afetivo, carinhoso)
 (2) Te odeio, seu cachorro! Valor: _____ (ofensivo)



- (3) ... sua vaca! Valor: _____ (ofensivo e vulgar)



- (4) E vê se acerta desta vez, seu incompetente! Valor: _____ (ofensivo)



- (5) Fala minha coroa. Valor: _____ (íntimo, mas inapropriado)

EXPECTATIVAS



(6) Muito prazer, minha filha!

Valor: _____ (aproximação)

MARIDO DE ALUGUEL



(7) Seu Joaquim!

Valor: _____ (tratamento respeitoso ou de distanciamento)

Questão 3

Agora, com base nas situações mostradas nos quadrinhos acima, formule uma frase para cada situação a seguir. Use uma das formas apresentadas.

a) *Seu* + nome para fazer um cumprimento ao porteiro do prédio onde você mora.

_____ (Bom dia, Seu Francisco.)

b) *Seu* + um adjetivo para falar ironicamente com um amigo que faltou à chopada e deixou você sozinho(a).

_____ (Tudo bem, seu tratante?)

c) *Seu* + um adjetivo para ofender um motorista de ônibus que saiu apressadamente e deixou um idoso cair na rua e se machucar.

_____ (Seu ridículo!)

d) *Meu/Minha* + um substantivo para falar com seu/sua namorada.

_____ (Meu amor, que saudade!)

Questão 4

Observe os usos da palavra “nossa” a seguir. A que conclusões você pode chegar após analisar as situações em que ela é usada?



“Nossa, nossa

Assim você me mata

Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego...”

(Fragmento da música: Ai se eu te pego, do cantor Michel Teló).

Usam-se para expressar surpresa, admiração.

Questão 5

Agora, leia este quadrinho e veja qual expressão pode ser substituída pela apresentada acima sem muita alteração de significado.



Meu Deus! equivale a ‘nossa!’ e nesse caso tem valor de espanto.

Questão 6

Imagine as situações a seguir e formule uma frase na qual você use, apropriadamente, as expressões “Nossa!” (do exercício III) e “Meu Deus!” (do exercício IV) ou “Minha nossa senhora!” e “Minha nossa!”, expostas nas tiras a seguir. Se necessário, peça ajuda a seu/sua professor(a).





- (a) Um(a) amigo(a) seu(sua) cortou o cabelo e ficou muito bonito o novo corte.
- (b) Você e um amigo vão para a estação de metrô e ficam sabendo que o preço do bilhete teve aumento.
- (c) Uma amiga sua pede opinião, em uma loja de roupas, sobre um vestido que ela quer comprar para ir a uma festa. Porém, o vestido é feio e, além disso, está apertado.
- (d) Um amigo seu pediu seu carro emprestado. Você emprestou e ele o devolveu muito sujo.

Resposta pessoal.

Questão 7

As tiras selecionadas para este exercício apresentam temática relacionada ao cotidiano feminino de forma caricaturesca (um pouco exagerada). Escolha a tira da qual você mais tenha gostado e, em pares, comente sobre qual situação abordada também costuma ocorrer em seu país e qual jamais ocorreria.

Resposta pessoal. Caso haja escolha pelas mesmas tiras, o professor deverá comentar a temática abordada nas tiras não escolhidas pelos alunos a fim de aumentar a comparação cultural.

Referências Bibliográficas

A explosão da linguagem. **Revista Veja edição especial** [on line] Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/p_036.html> Acesso em 18 mai 2013.

ALENCAR, Ricardo Borges. **E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiros**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004. 156 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=5463@1> Acesso em 04 Mai 2013.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

AMORIM, Teresa Cristina Gomes Waismarck. **Amizades nas redes: uma cartografia das amizades virtuais no Facebook**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. 112 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de EICOS, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/.../teresa_amorim.pdf> Acesso em 14 jun 2013.

ARMENGAUD, Françoise. **A Pragmática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. **Dialetos de gênero, sociedade e mídia**. In: IX FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (FELIN), 2007, Rio de Janeiro. Atas do IX FELIN. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/27.pdf>> Acesso em 18 mai 2013.

BARROS, Luiz M. M. de; BITTENCOURT, Terezinha. **Pronome, pessoa do discurso e possessividade**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, v. III, p. 113-129, 2005. Disponível em: <www.filologia.org.br/abf/rabf/3/113.pdf> Acesso em 27 fev 2013.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BRAGA, Nadjara. Xavier. ; GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. . **O tratamento dos pronomes possessivos em livros didáticos do ensino médio**. 2005. Disponível em:

<http://www.ufg.br/conpeex/2005/porta_arquivos/prolicen/NadjanaraXavierBraga_Otratamentodospronomespossessivoemlivrosdid%C3%A1ticos_804.pdf> Acesso em 27 fev 2013.

BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness**: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAPELLA, Débora Carvalho. **Um estudo descritivo do vocativo em linguagem oral para Português L2**. 2009. 58 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=14187@1>. Acesso em 25 out 2012.

CARVALHO, Ana A. S. de. **Materiais autênticos no ensino de línguas estrangeiras**. 1993. Braga: Revista Portuguesa de Educação (Universidade do Minho). P. 117-124. Disponível em: <[repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/518/1/1993,6\(2\),117-124\(AnaAmeliaAmorimCarvalho\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/518/1/1993,6(2),117-124(AnaAmeliaAmorimCarvalho).pdf)> Acesso em 22 mai 2013.

CARVALHO, Maria Cecília G. **Aumentativos e diminutivos**: descrição e ensino em PL2E. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/v/completos%5Ccomunicacoes%5CMaria%20Cec%C3%ADlia%20Gonsalves%20Carvalho.pdf>> Acesso em 23 jun. 2012.

CARVALHO, Maria Cecília G. **Sistematização funcional dos sufixos avaliativos no português do Brasil**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=14345@1> Acesso em 08 mai. 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Gramática do português falado**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DIAS, Donaldo de Souza; SILVA, Mônica Ferreira da. **Como escrever uma monografia**: manual de elaboração com exemplos e exercícios. São Paulo: Atlas, 2010.

DICIONÁRIO Caldas Aulete online. Disponível em: <aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=nossa> Acesso em 23 jun. 2012.

FERNANDES, Gláucia R. Rocha; FERREIRA, Telma de L. S. B.; RAMOS, Vera L. **Muito prazer: fale o português do Brasil**. São Paulo: Disal, 2008.

FERNANDES, Gonçalo. **A Dêixis**: uma análise etimológica e historiográfica. Revista de Letras, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2005. p. 23-34. Disponível em: <http://www.utad.pt/vPT/Area2/investigar/CEL/Research/RevistadeLetras/Documents/revista04_Vers%C3%A3o%20Completa.pdf> Acesso em 27 fev 2013.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística I**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GAZETTA, Sônia M. M.; SOBRINHO, Vanessa C. História em quadrinhos como gênero textual e o desenvolvimento da leitura e escrita. **Acta Científica**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 23-27, 2009. Disponível em: <<http://www.unasp-ec.com/revistas/index.php/actacientifica/issue/view/18>> Acesso em 25 out. 2012.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

GROSSI, Gabriele. **Os insultos, ou dos valores escondidos**: esboço de uma teoria das ofensas verbais. 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2032/gabriele%20grossi.pdf> Acesso em 18 mai 2013.

HOFSTEDE, Geert. **Culturas y organizaciones**: el software mental. La Cooperación internacional y su importancia para la supervivencia. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss**: sinônimos e antônimos. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KEPP, Michael. **Sonhando com sotaque**: confissões e desabafos de um gringo brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LAPA, Manuel Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. 11. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCONDES, Danilo. **A Pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MARCOTULIO, Leonardo L.; SOUZA, Sabrina L. **A teoria da polidez de Brown e Levinson aplicada ao português brasileiro: desafio e propostas**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.htm>. Acesso em 09 mai 2013.

MELLO, Nélon Cunha. **Conversando é que a gente se entende: dicionário de expressões coloquiais brasileiras**. São Paulo: Leya, 2009.

MELO, Luana A. de; COSTA, Marcelo A. M. da. **Polidez e impolidez: um levantamento histórico do seu estudo**. Disponível em: http://www.uefs.br/erel2009/anais/luanamelo_marcelocosta.doc. Acesso em 09 mai 2013.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

MEYER, Rosa Marina de Brito. Moço me vê o cardápio: as formas de tratamento e o modo subjuntivo no ensino do português carioca para estrangeiros. In: GÄRTNER, E. et al. **Estudos sobre o ensino da língua portuguesa**. Frankfurt am Main: TFM, 1999. p. 141-151.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **A posse dos Possessivos**. In: Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Segmento, p. 50 - 52, 01 jul. 2006.

_____. **Palavras fóricas**: alguns pronomes e os artigos definidos. In: Revista Alfa. São Paulo: ILCSE/UNESP, 1990, v. 34, p. 85-100.

_____. **Possessivos**. In: Ataliba Teixeira de Castilho. (Org.). Gramática do português falado III : As abordagens. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1993, v. 3, p. 149-211.

PERINI, Mario Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PONCE, Maria H. O. de; BURIM, Silvia R. B. Andrade; FLORISSI, Suzanna. **Tudo bem? 1: português para a nova geração**. São Paulo: Special Book Services, 2007.

PONCE, Maria H. O. de; BURIM, Silvia R. B. Andrade; FLORISSI, Suzanna. **Tudo bem? 2: português para a nova geração**. São Paulo: Special Book Services, 2002.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

REBELLO, Adriana Leite do Prado. A interjeição como fator de identidade cultural. In: OSÓRIO, Paulo; MEYER, Rosa Marina. **Português Língua Segunda e Língua Estrangeira: da(s) teoria(s) à(s) prática(s)**. Lisboa: Lidel, 2008. p.17-31.

_____. **Psiu! Do Português L1 ao Português L2: a interjeição como fator de identidade cultural**. 2002. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=2002-REBELLO_A_L_P.pdf> Acesso em 20 mai 2013.

REVISTA O Globo. Ano 8, nº 413, **Gente fina**. 24 jun. 2012.

RUDGE, Ana Maria. **Pulsão e linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

VERONEZI, Márcia Schmitt. **Quadrinhos na internet**. Porto Alegre: Asterisco, 2010.

VIVAS, Michele Abreu. A construção de feminilidades nos relatos de opinião masculinos sobre tirinhas cômicas da série Mulheres Alteradas de Maitena. p.457-487. In: **Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Maria das Graças Dias Pereira, Clarissa Rollin Pinheiro Bastos, Tânia Conceição Pereira (org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Tradução: José Carlos P. de Almeida Filho. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ANEXO 1**EXERCÍCIO PROPOSTO EM AULA DE MESTRADO**


O emprego do pronome SEU, na imagem acima, não apresenta o valor de posse. Como você explicaria esse uso do possessivo em uma aula de PL2E? Que outros usos os chamados pronomes possessivos podem apresentar?

ANEXO 2

CÓPIA DO LIVRO TUDO BEM? (v.1, p.4)

SER	ADJETIVOS POSSESSIVOS (PRONOMES)
Eu SOU brasileiro.	MEU nome é Tereza.
Você É um estudante.	MINHA família é brasileira.
Ele É muito inteligente.	TEU/SEU apelido é Dedé.
Ela É da Argentina.	TUA/SUA casa é bonita.
A casa É grande.	O sobrenome DELE/DELA é Silva.
Nós SOMOS jogadores de basquete.	NOSSO endereço é Rua Gaivota, nº 435.
Vocês SÃO meus amigos.	NOSSA escola é muito boa.
Eles/elas SÃO da mesma classe.	O apartamento DELES/DELAS é lindo.

ver **Tu & Vós** - p. 145

RECORRA AO  www.sbs.com.br/tudobem

ANEXO 3

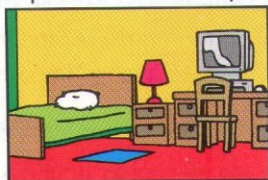
CÓPIA DO LIVRO *TUDO BEM?* (v.1, p. 46)**UNIDADE 4**

PRONOME ADJETIVO POSSESSIVO
MEU carro/MINHA casa
TEU carro/TUA casa
SEU carro/SUA casa
NOSSO carro/NOSSA casa
O carro DELA/A casa DELE
O carro DELES/A casa DELAS

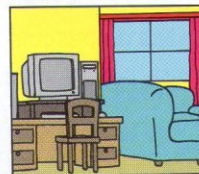
PRONOME SUBSTANTIVO POSSESSIVO
O MEU/A MINHA
O TEU/A TUA
O SEU/A SUA
O NOSSO/A NOSSA
O DELA/A DELE
O DELES/A DELAS

RECORRA AO
site www.sbs.com.br/tudobem

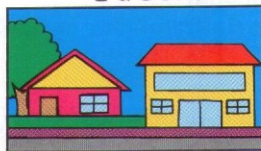
MEU computador fica no quarto. E o SEU?



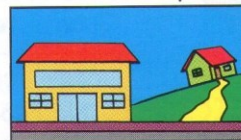
O MEU fica na sala.



MINHA casa é bem perto da escola.
E a SUA?



A MINHA é longe, uns 20 minutos a pé.



SEU pai é engenheiro?



Sim, e O SEU?



O MEU é professor. E o pai de Carla?



O pai DELA é médico.



NOSSA professora de inglês é americana.
E A DELES?



A DELES é inglesa.



ANEXO 4

CÓPIA DO LIVRO *MUITO PRAZER* (p. 27)

UNIDADE 1 MUITO PRAZER

Pronome Pessoal

singular / plural

Eu

Tu

Você (Ele/ Ela)

Nós

Vós

Vocês (Eles/ Elas)

Pronome Adjetivo Possessivo

masculino

feminino

singular / plural

meu (s)

teu (s)

seu (s)

nosso(s)

vosso (s)

seu (s)

minha (s)

tua (s)

sua(s)

nossa (s)

vossas (s)

sua (s)

.....

"Tu" é usado em algumas regiões do Brasil e "Vós" não é usado na conversação. "Teu (s)" e "tua (s)" são usados na conversação. "Vosso (s)" e "vossa (s)" não são usados na conversação.

LIÇÃO B CONSTRUÇÃO DO CONTEÚDO

A. Complete os espaços com pronomes adjetivos possessivos.

1. O _____ sobrenome é Gagarin. (eu)
2. A _____ mãe é argentina? (ela)
3. O _____ nome é Joseph? (você)
4. Os _____ pais são estrangeiros. (eu)
5. A _____ mãe não é brasileira. (eu)
6. O _____ apelido é Gordo? (ele)
7. Os _____ sobrenomes são Fontes e Rodrigues? (vocês)

B. Complete o diálogo abaixo com pronomes pessoais e pronomes adjetivos possessivos.

Carla: Oi. O _____ nome é Carla. E o _____ ?

Marcos: O _____ nome é Marcos. Muito prazer.

Carla: O prazer é _____ .

Marcos: Carla, _____ é brasileira?

Carla: _____ sou, mas _____ mãe é mexicana.

Marcos: Nossa! _____ pai não é brasileiro também. _____ é italiano.

C. Oral: Entreviste um/a colega. Faça as seguintes perguntas:

1. Nome?
2. Sobrenome?
3. Apelido?
4. mãe / brasileira?
5. pai / russo?

ANEXO 5

CÓPIA DO LIVRO *MUITO PRAZER* (p. 48)

UNIDADE 3 QUANTOS ANOS ELE TEM?

LIÇÃO A **DIÁLOGO**
1/17

Beatriz: Esta foto é do seu filho?
 Suzana: É. E essa aqui é a namorada dele.
 Beatriz: Namorada? Quantos anos ele tem?
 Suzana: 23.
 Beatriz: Já?
 Suzana: É, o tempo passa.

LIÇÃO A **GRAMÁTICA****Pronomes possessivos e verbo ter****Modo Indicativo - Presente****TER**

Eu	tenho
Você	
Ele	tem
Ela	
A gente	
Nós	temos
Vocês	
Eles	têm
Elas	

O verbo "ter" é irregular e é da 2ª conjugação. A 2ª conjugação tem os verbos com final "-er".

Essa aqui é a namorada **dele**.

Esse aqui é o namorado **dela**.

Aquela é a mãe **deles**.

Aquele é o pai **delas**.

Pronome possessivo

masculino		feminino	
singular	plural	singular	plural
dele	deles	dela	delas

O "dele(s)"/"dela(s)" = "seu(s)"/"sua(s)".

Por exemplo: A: Quem é ele?

B: É o meu filho.

A: E ela?

B: É a namorada dele.

A: Quem é ele?

B: É o meu filho.

A: E ela?

B: É a sua namorada.

ANEXO 6

CÓPIA DO LIVRO *MUITO PRAZER* (p. 24)

NA CONVERSAÇÃO...

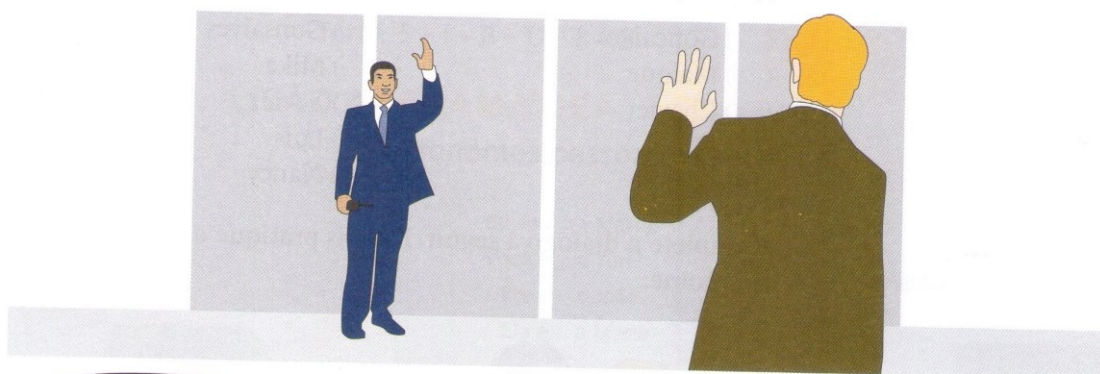
"OI" = É MAIS COMUM DO QUE "OLÁ"

LIÇÃO B PANORAMA

Cumprimentos

A.  Ouça e pratique.
1/05

1. Bete: Oi, Maria, tudo bem?
Maria: Tudo, Bete. E você?



NA CONVERSAÇÃO...

"SENHOR" = "SEU" É USADO COM O PRIMEIRO NOME OU O SOBRENOME, POR EXEMPLO, SENHOR RICARDO = SEU RICARDO.

2. Jorge: Bom dia, *seu* Ricardo. Como vai?
Ricardo: Bem, obrigado, Jorge. E você?

ANEXO 7

TIRAS CÔMICAS ANALISADAS

[1]

DIA DOS FUTUROS NAMORADOS...

WWW.CIBELESANTOS.COM.BR



[2]

MULHERES E SEUS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

WWW.CIBELESANTOS.COM.BR



[3]

É MUITO FÁCIL AGRADAR AS MULHERES...

WWW.MULHER30.COM.BR



[4]

ALGUMAS ATITUDES NÃO FAZEM SUCESSO COM AS MULHERES...

WWW.MULHER30.COM.BR



MULHER DE TPM ENFRENTANDO O TRÂNSITO...



SECA DANADA!



WWW.MULHER30.COM.BR



O MUNDO ANDA COMPLICADO!



QUEM AMA CUIDA...



DAS AMIGAS...

VOCÊ É AMIGA DO
MARCELO? ENTÃO QUERIDA,
EU SOU A NAMORADA!



DAS MÍDIAS SOCIAIS...

VOCÊ TEVE CORAGEM
DE CURTIR O STATUS
DESSA BARANGA,
OSVALDO???



DO CELULAR...

SIM, É DO CELULAR DO JOÃO PAULO. ENTÃO, ELE MANDOU AVISAR QUE NÃO É MAIS PRA VOCÊ LIGAR, SUA VACA!

[9]

APELIDOS...

WWW.CIBELESANTOS.COM.BR



[10]

MINHA FOFA

enjoy



[11]

MULHERES...

WWW.MULHER30.COM.BR



[12]

QUEM NUNCA AMOLECEU UMA VEZ NA VIDA?

WWW.MULHER30.COM.BR



[13]

COMO ANDA O CORAÇÃO?

WWW.MULHER30.COM.BR



[14]

TROCANDO O CACHORRO PELO GATO...

WWW.MULHER30.COM.BR



[15]

ESSES SABEM CONQUISTAR UMA MULHER!

WWW.MULHER30.COM.BR



[16]

RESOLVEU A VIDA

WWW.MULHER30.COM.BR



[17]

O MUNDO MUDA, MAS AS PIRRAÇAS CONTINUAM AS MESMAS!

WWW.MULHER30.COM.BR



[18]

DESILUDIDA

WWW.MULHER30.COM.BR



[19]

A FILA ANDA...

WWW.MULHER30.COM.BR



[20]

REALISTA...

WWW.MULHER30.COM.BR



[21]

ERRO DE INTERPRETAÇÃO...

WWW.MULHER30.COM.BR



[22]

CONTANDO PARA AQUELA TIA DA SUA MÃE COMO SUA VIDA É UM SUCESSO!

WWW.CIBELESANTOS.COM.BR



[23]

EXPECTATIVAS

WWW.MULHER30.COM.BR



[24]



[25]

COMO A GENTE VIVIA?

WWW.MULHER30.COM.BR



[26]

AGORA TEMOS ESPAÇO!

CONFORTOONLINE.COM.BR



[27]

PRODUÇÃO...

WWW.MULHER30.COM.BR



[28]

PIOR!

WWW.MULHER30.COM.BR



[29]

O QUE AS MULHERES ADORAM OUVIR DE SEUS MARIDOS...

WWW.CIBELESANTOS.COM.BR



[30]

UMA TRAGÉDIA

WWW.MULHER30.COM.BR



[31]

APAIXONADA...

WWW.MULHER30.COM.BR



[32]

COISAS QUE VOCÊ SÓ PERCEBE TARDE DEMAIS...

WWW.MULHER30.COM.BR



ANEXO 8**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA****Perfil**

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido (a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho (a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso (a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda (o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

ANEXO 9

CÓPIA DOS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Questionário 1

E-mail de iG Mail - pesquisa de mestrado

<http://mail.mailig.ig.com.br/mail/?ui=2&ik=786b8c8a1e&view=pt&q=..>



Celia Regina Rodrigues <

pesquisa de mestrado

Juliana Leal <

1 de maio de 2013 14:49

Para: Célia Rodrigues <

Questionário: 1C 2A 3B,C 4A,C,D,E,F

On May 1, 2013 11:49:07 AM PDT, Juliana Leal wrote:

Perfil: 1A 2A 3B

On May 1, 2013 11:08:26 AM PDT, Célia Rodrigues wrote:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Questionário 2



Celia Regina Rodrigues <

pesquisa de mestrado

Regina Mancio

1 de maio de 2013 17:09

Para: Célia Rodrigues

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (fx) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (x) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (x) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário 2 (continuação)

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

☒ Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.

(a) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.

(b) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

(a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).

☒ Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)? (mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

(a) "seu/sua enxerido (a)"

(b) "seu/sua engraçadinho (a)"

☒ "seu/sua espertinho (a)"

(c) "seu/sua falso (a)"

(d) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

(a) seu/sua engraçadinho (a), deixe de me enrolar.

(b) seu/sua falso (a), pare de falar mal dos outros pelas costas.

☒ Fulana/Fulano, sua/seu linda (o), quando você vem me visitar?

1 de 2

03/09/2013 12:34

3-mail de iG Mail - pesquisa de mestrado

<http://mail.mailig.ig.com.br/mail/?ui=2&ik=786b8c8a1e&view=pt&q=...>

(d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]

(ex) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).

(f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

On May 1, 2013 11:08:26 AM PDT, Célia Rodrigues wrote:

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Questionário 3

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) "seu/sua enxerido(a)"
- (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- (c) "seu/sua espertinho (a)"
- (d) "seu/sua falso (a)"
- (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo.)
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 4

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.**
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino**
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio**
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim**
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).**

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido (a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”**
- (c) “seu/sua espertinho (a)”**
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: **seu gulosinho , seu danadinho, seu malandrinho, sua magricela, sua dorminhoca, seu puxa-saco, seu rapidinho, sua tagarela, seu moleque,**

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho (a),** deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso (a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda (o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]**
- (e) meu/minha senhor(a),** fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Seu otário, seu imbecil, seu monstro, sua rapariga, seu idiota, seu covarde, seu incompetente, seu azarado.

Questionário 5

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- ☒ (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- ☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- ☒ (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- ☒ (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- ☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido (a)”
- ☒ (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- ☒ (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: sua dorminhoca

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho (a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso (a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda (o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 6

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.**
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.**
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.**

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.**

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).**

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho(a)”
- (c) “seu/sua espertinho(a)”
- (d) “seu/sua falso(a)”
- (e) “seu/sua ridículo(a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: **engraçadinho**_____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).**
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 7

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (b) “seu/sua enxerido(a)”
- (c) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (d) “seu/sua espertinho (a)”
- (e) “seu/sua falso (a)”
- (f) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 8

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (X) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (X) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (X) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (X) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.

As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (X) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (X) “seu/sua enxerido(a)”
- (X) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (X) “seu/sua espertinho (a)”
- (X) “seu/sua falso (a)”
- (X) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: **seu tratante / seu meliante / seu monstro**

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (X) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (X) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (X) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (X) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (X) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (X) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 9

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.**
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.**
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.**
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.

Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.

As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

(a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).

(b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

“seu/sua enxerido(a)”

“seu/sua engraçadinho (a)”

“seu/sua espertinho (a)”

“seu/sua falso (a)”

“seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: **_sua doida!**

Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

(a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.

(b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.

(c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?

(d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]

(e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).

(f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 10

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: a mesma forma, sem o uso do pronome.

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 11

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 12

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

TODAS AS OPÇÕES!!!

Questionário 13

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (x) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (x) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (x) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (x) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (x) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (x) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (x) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 14

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.**
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.**

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.**

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.**
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).**
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”**
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”**
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.**
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).**
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 15 (respondente estrangeiro)

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 16

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.**
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.**
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.**

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.**
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).**
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”**
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”**
- (c) “seu/sua espertinho (a)”**
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.**
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?**
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]**
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 17

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 18

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e)** Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a)** feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e)** Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua** ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a)** Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) **“seu/sua** espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a)** seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e)** meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f)** meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 19

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.

(e) Entre 40 e 45 anos.

(f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

(a) feminino.

(b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.

(e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

(a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.

(b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.

(c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

(a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).

(b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

(a) “seu/sua enxerido (a)”

(b) “seu/sua engraçadinho (a)”

(c) “seu/sua espertinho (a)”

(d) “seu/sua falso (a)”

(e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

(a) seu/sua engraçadinho (a), deixe de me enrolar.

(b) seu/sua falso (a), pare de falar mal dos outros pelas costas.

(c) Fulana/Fulano, sua/seu linda (o), quando você vem me visitar?

(d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]

(e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).

(f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 20

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir? OPÇÃO C

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo OPÇÃO A

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação? OPÇÃO E

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa? OPÇÃO B

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa? OPÇÃO A

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta) OPÇÕES B, C, E

- (a) “seu/sua enxerido(a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: seu/sua bobo (a)

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia: TODAS AS OPÇÕES

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 21

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.**
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.**
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.**

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.**
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).**
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido(a)”**
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”**
- (c) “seu/sua espertinho (a)”**
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: **seu cara de pau** _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) **seu/sua engraçadinho(a)**, deixe de me enrolar.
- (b) **seu/sua falso(a)**, pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, **sua/seu linda(o)**, quando você vem me visitar?
- (d) seu/**sua inteligente**, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- (e) **meu/minha senhor(a)**, fique calmo(a).
- (f) **meu/minha tio(a)**, estacione aqui, por favor.

Questionário 22

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) “seu/sua enxerido (a)”
- (b) “seu/sua engraçadinho (a)”
- (c) “seu/sua espertinho (a)”
- (d) “seu/sua falso (a)”
- (e) “seu/sua ridículo (a)”

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: seu palhaço

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho (a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso (a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda (o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
- (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 23

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- ☒ (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- ☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- ☒ (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- ☒ (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- ☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) "seu/sua enxerido(a)"
- (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
- (d) "seu/sua falso (a)"
- (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- ☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- ☒ (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 24

2

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- ☒ (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- ☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- (a) Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- ☒ (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- ☒ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- ☒ (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) "seu/sua enxerido(a)"
- (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
- (d) "seu/sua falso (a)"
- (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 25

3

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- ☒ (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- ☒ (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) *fundamental incompleto* Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- ☒ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- ☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- ☒ (a) "seu/sua enxerido(a)"
- ☒ (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
- ☒ (d) "seu/sua falso (a)"
- ☒ (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- ☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- ☒ (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- ☒ (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 26

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- ☒ (f) Mais de 45 anos.

(4)

2. Você pertence ao sexo

- ☒ (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) *Fundamental incompleto*
- (b) Ensino médio.
- (c) Ensino Superior incompleto.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- ☒ (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- ☒ (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)? (mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- ☒ (a) "seu/sua enxerido(a)"
- ☒ (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
- ☒ (d) "seu/sua falso (a)"
- ☒ (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- ☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- ☒ (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar? *(só no feminino)*
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).]
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 27

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- ☒ (a) Entre 15 e 25 anos.
☐ (b) Entre 25 e 30 anos.
☐ (c) Entre 30 e 35 anos.
☐ (d) Entre 35 e 40 anos.
☐ (e) Entre 40 e 45 anos.
☐ (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- ☐ (a) feminino.
☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) Ensino médio.
☐ (b) Ensino Superior incompleto.
☐ (c) Ensino Superior completo.
☐ (d) Pós-graduação incompleta.
☐ (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- ☐ (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
☒ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
☐ (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- ☐ (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- ☐ (a) "seu/sua enxerido(a)"
☐ (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
☐ (d) "seu/sua falso (a)"
☒ (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
☒ (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
☐ (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
☐ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 28

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- ☒ (a) Entre 15 e 25 anos.
 (b) Entre 25 e 30 anos.
 (c) Entre 30 e 35 anos.
 (d) Entre 35 e 40 anos.
 (e) Entre 40 e 45 anos.
 (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) Ensino médio.
 (b) Ensino Superior incompleto.
 (c) Ensino Superior completo.
 (d) Pós-graduação incompleta.
 (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
☒ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
 (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) "seu/sua enxerido(a)"
 (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
 (d) "seu/sua falso (a)"
☒ (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
 (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
 (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
 (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 29

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

7

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- ☒ (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- ☒ (a) feminino.
- (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) Ensino médio *incompleto*.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- ☒ (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- ☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)? (mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- ☒ (a) "seu/sua enxerido(a)"
- ☒ (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
- (d) "seu/sua falso (a)"
- (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- ☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- ☒ (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo.)
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 30

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

8

- (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- ☒ Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- ☒ masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ Ensino médio.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- ☒ Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- ☒ Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) "seu/sua enxerido(a)"
- ☒ "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ "seu/sua espertinho (a)"
- (d) "seu/sua falso (a)"
- (e) "seu/sua ridículo (a)"

Seu mané!
Seu bundão!

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: Seu bundão!

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- ☒ seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- ☒ Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo.)
- ☒ meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 31

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- ☒ (a) Entre 15 e 25 anos.
☐ (b) Entre 25 e 30 anos.
☐ (c) Entre 30 e 35 anos.
☐ (d) Entre 35 e 40 anos.
☐ (e) Entre 40 e 45 anos.
☐ (f) Mais de 45 anos.

9

2. Você pertence ao sexo

- ☐ (a) feminino.
☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) Ensino médio.
☐ (b) Ensino Superior incompleto.
☐ (c) Ensino Superior completo.
☐ (d) Pós-graduação incompleta.
☐ (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- ☐ (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
☒ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
☐ (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- ☐ (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- ☐ (a) "seu/sua enxerido(a)"
☒ (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
☐ (c) "seu/sua espertinho (a)"
☒ (d) "seu/sua falso (a)"
☒ (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a:

Seu mané
 Seu otário!

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☐ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
☐ (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
☒ (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 32

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- ☒ (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- ☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) Ensino médio, *incompleto*.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- ☒ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- ☒ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- ☒ (a) "seu/sua enxerido(a)"
- (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
- ☒ (d) "seu/sua falso (a)"
- ☒ (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: Seu mãe!!
Seu afãrio!

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- ☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- ☒ (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreve algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 33

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- ☒ (a) Entre 15 e 25 anos.
☐ (b) Entre 25 e 30 anos.
☐ (c) Entre 30 e 35 anos.
☐ (d) Entre 35 e 40 anos.
☐ (e) Entre 40 e 45 anos.
☐ (f) Mais de 45 anos.

11

2. Você pertence ao sexo

- ☐ (a) feminino.
☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) Ensino médio *incompleto*.
☐ (b) Ensino Superior incompleto.
☐ (c) Ensino Superior completo.
☐ (d) Pós-graduação incompleta.
☐ (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- ☒ (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
☐ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
☐ (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- ☒ (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
☐ (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)? (mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- ☒ (a) "seu/sua enxerido(a)"
☒ (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
☐ (d) "seu/sua falso (a)"
☒ (e) "seu/sua ridículo (a)"

Seu mane!
 Seu otário!

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a: _____

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
☒ (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
☒ (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
☒ (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

Questionário 34

Perfil

1. Sua idade está de acordo com qual opção a seguir?

- ☒ (a) Entre 15 e 25 anos.
- (b) Entre 25 e 30 anos.
- (c) Entre 30 e 35 anos.
- (d) Entre 35 e 40 anos.
- (e) Entre 40 e 45 anos.
- (f) Mais de 45 anos.

2. Você pertence ao sexo

- (a) feminino.
- ☒ (b) masculino.

3. Qual é a sua formação?

- ☒ (a) Ensino médio, *incompleto*.
- (b) Ensino Superior incompleto.
- (c) Ensino Superior completo.
- (d) Pós-graduação incompleta.
- (e) Pós-graduação completa.

Questionário

1. Você presenciou um maltrato cometido por um(a) homem/mulher a uma pessoa na rua. Qual forma para referir-se ao(à) agressor(a) lhe parece mais ofensiva, com maior carga pejorativa?

- (a) Ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- ☒ (b) Seu/sua ridículo(a)! Isso não vai ficar assim.
- (c) As duas formas têm a mesma carga ofensiva.

2. Qual forma para referir-se a um bebê/uma criança lhe parece mais afetiva, mais carinhosa?

- ☒ (a) Seu/sua fofinha, você está cada dia mais lindo(a).
- (b) Fofinho(a), você está cada dia mais lindo(a).

3. Em conversas com seus amigos ou parentes, você já usou alguma das expressões abaixo ou expressões semelhantes? Qual (is)?(mais de uma opção poderá ser marcada como resposta)

- (a) "seu/sua enxerido(a)"
- ☒ (b) "seu/sua engraçadinho (a)"
- ☒ (c) "seu/sua espertinho (a)"
- ☒ (d) "seu/sua falso (a)"
- (e) "seu/sua ridículo (a)"

Caso tenha o costume de usar outra, por favor, especifique-a:

4. Marque a(s) forma(s) que você conhece, seja por já ter usado, ou por ter ouvido alguém usar no dia a dia:

- ☒ (a) seu/sua engraçadinho(a), deixe de me enrolar.
- (b) seu/sua falso(a), pare de falar mal dos outros pelas costas.
- ☒ (c) Fulana/Fulano, sua/seu linda(o), quando você vem me visitar?
- (d) seu/sua inteligente, não era para escrever aí (alguém falando com outrem que escreveu algo no lugar errado de um formulário, por exemplo).
- ☒ (e) meu/minha senhor(a), fique calmo(a).
- ☒ (f) meu/minha tio(a), estacione aqui, por favor.

12